

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
AS DIMENSÕES TEÓRICAS DO EVENTO

FATIMA MARITA BARBOSA

Dissertação de Mestrado, apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo

SÃO PAULO
2004

Fátima Marita Barbosa
Dissertação de Mestrado
As Dimensões Teóricas do Evento
São Paulo
Data da aprovação: 23/08/2004.

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo

Profa.Dra.Beatriz Alexandrina de Moura Fetizon

Profa.Dra. Ada de Freitas Maneti Dencker

DEDICATÓRIA

À minha família e amigos que,
embora saudosos, sempre
souberam entender as minhas
ausências.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e proteção.

Ao Corpo Docente do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, que sempre me instigou a obter a melhor performance, me acompanhando por toda a caminhada.

À equipe de assessoria técnica do curso, que muito auxiliou a percorrer o trajeto.

Aos colegas que muitas vezes contribuíram com valiosas sugestões.

EPIGRAFE

“Foram necessários muitos acasos, muitas coincidências surpreendentes (e também muitas pesquisas) para que eu encontrasse a imagem que, entre mil, conviesse ao meu desejo”.

Rolan Barthes

Fragmentos de um discurso amoroso

RESUMO

Cada vez mais se fala em eventos, sobretudo em planejamento e organização de eventos. Mas será que este tema se reduz apenas a novos procedimentos e técnicas de gestão? Esta pode ter sido uma exigência do mercado mas, quando o tema se converte em disciplina acadêmica, há que se ir mais longe. Assim o objetivo do presente trabalho é preencher algumas das lacunas existentes e enriquecer o universo acadêmico, propiciando elementos que possam facilitar futuras investigações. Esta pesquisa levanta a hipótese de que os eventos podem ser estudados sob novos ângulos: como contraponto do cotidiano, remédio ao tédio da vida cotidiana; como produto secularizado da festa tradicional, percorrendo o caminho que partiu do interior do templo, na Antiguidade, passando pela praça ao lado da Igreja, nas Idades Média e Moderna, transformando-se em negócio na sociedade contemporânea; como religião, ou melhor, como uma modalidade de experiência religiosa; como droga, vale dizer, como forma de alteração do estado de consciência; como investimento de festividade e imaginação, mormente no movimento e nos excessos de comida, bebida e, no evento comercial moderno, de cenário; e como meio de comunicação, como instrumento de que a sociedade dispõe para fazer ouvir os movimentos sociais coletivos e os novos arautos. A metodologia utilizada é a do ensaio, que permite a análise do tema, através do recorte das contribuições de estudiosos da antropologia, sociologia, história, geografia e filosofia, selecionados a partir de contribuições específicas capazes de trazerem luz às hipóteses mencionadas. A pesquisa conclui que todas as dimensões estudadas são interdependentes, visto que seus elementos se entrelaçam e se complementam mutuamente, formando uma espiral dinâmica que gera relevantes transformações e novas posturas individuais, bem como diferentes acomodações sociais, por ser a sociedade seu principal receptáculo e consumidor.

Palavras-Chave: evento, festa, comunicação, dimensão, cotidiano.

ABSTRACT

In each passing day we hear more about social events, in particular about planning and organization of social activities. Can this theme only be about new proceedings and techniques development? This might have been the case relating to the demands of the marketplace however when this issue is viewed as an academic discipline, there is a need of exploring the theme deeper. The objective of the current work is to fill in the blanks and enrich the academic universe, adding information that may facilitate future research. This study brings out the hypotheses that social events can receive extended consideration through new points of view: as opposing quotidian, as remedy for tedious daily life; as a secular product of traditional festivity, routing all the way from inside temples in ancient times, passing by the churches' yard; During middle ages and modern times, becoming part of business in society, as investment of festivity and imagination, by way of the excess eating and drinking, in the event of modern commerce; And still as communication, as means of society making social collective movements and trends. Methodology permits analysis of the theme through acquirement of many scholars' contributions in the fields of anthropology, sociology, history, geography and philosophy to bring light to the hypotheses mentioned above. The research has as conclusion that all aspects studied are interconnected and completes one another mutually, to become a dynamic spiral capable of generating relevant transformations and new individual posture as well as different social settles because society is its main receptor and consumer.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
INTRODUÇÃO	12
PROBLEMA.....	13
HIPÓTESES	14
OBJETIVOS	16
JUSTIFICATIVA	16
REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	17
REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
1 – O EVENTO COMO CONTRAPONTO DO COTIDIANO	26
Origem e Significado da Palavra Carnaval.....	27
O Jogo do Entrudo	37
O Carnaval em New Orleans no Século XIX.....	38
A Banalização do Carnaval Contemporâneo	40
2 – O EVENTO COMO PRODUTO SECULARIZADO DA FESTA TRADICIONAL	42
O Evento na Antiguidade – Dentro do Templo.....	42
O Evento como Festa Religiosa na Idade Média – À Sombra do Templo.....	48
A Secularização do Evento na Idade Moderna	51
O Renascimento dos Jogos Olímpicos	53
O Surgimento das Grandes Feiras e Exposições Internacionais	54
3 – O EVENTO COMO RELIGIÃO.....	56
A Sociedade Pós-moderna	57
O Surgimento do Neo-tribalismo	59
O Movimento das Tribos.....	61
A Potência Invisível.....	63
Espaço e Evento Tribal	64
4 – O EVENTO COMO DROGA	69
O Desejo Humano de Autotranscendência.....	70
O Evento como Meio de Autotranscendência Horizontal.....	73
A Manipulação das Massas Através do Evento.....	76

A Autotranscendência no Evento Religioso.....	78
A Autotranscendência no Evento Esportivo.....	82
5 – O EVENTO COMO INVESTIMENTO DE FESTIVIDADE E	
IMAGINAÇÃO.....	86
A Morte da Fantasia e da Festividade.	86
As Celebrações Festivas da Idade Média.....	88
As Celebrações e Festividades Contemporâneas.....	90
A Importância da Fantasia e da Festividade	92
O Renascimento da Fantasia e da Festividade	93
A Festividade e a Religião	96
O Ritual na Fantasia e na Festividade	101
6 – O EVENTO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO	103
Os Processos Comunicacionais do Evento.....	104
O Evento Gastronômico e seu Poder Comunicativo	109
O Pseudo-evento e o Processo de Comunicação	112
CONCLUSÃO	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128

APRESENTAÇÃO

A área de eventos sempre exerceu grande fascínio sobre mim, pela força comunicativa e pela capacidade de suscitar empreendedorismo. Sempre notei, igualmente, a precariedade das bases de apoio e o conhecimento apenas operacional, notoriamente superficial, sobre atividade tão antiga - e tão nova - em suas práticas mais recentes.

Tornou-se isto evidente, ao concluir o curso de pós-graduação em Gestão e Administração de Eventos, junto ao Serviço Nacional do Comércio (SENAC), escolhido por vivenciar situações de gerenciamento de eventos, no âmbito profissional, na empresa Banespa S.A., onde permaneci até 2001.

Concluí após o curso, que necessitava de um complemento, melhor embasamento sobre o tema específico da hospitalidade, cursando, então, pós-graduação em Administração Hoteleira também no SENAC que, entretanto, não me inseriu nos aspectos mais abrangentes da hospitalidade, pois a hotelaria é apenas uma parte dela.

Quando do início do presente curso, escolhera como tema de pesquisa, a relevância da qualidade na hospitalidade, de abrangência generalizada, cujo foco pretendia, posteriormente, afinar no transcorrer do curso.

Por ocasião da primeira orientação com o Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, dialogando sobre o tema, propôs ele a mudança do mesmo: que tal falar das dimensões do evento, já que é pós-graduada na gestão da área? Eis aí o desafio da pesquisa.

Assustada com a extensão do tema, porém muito motivada a encarar desafio tão instigante, ciente eu estava da escassez da bibliografia sobre o assunto, revelando pouquíssimos autores que até agora se dedicaram à observação do fenômeno e à reflexão sobre ele.

Os que o fizeram foi apenas dentro da chamada Gestão Operacional ou em seu nível mais superficial, à flor dos acontecimentos, de forma simplificada, e raramente em suas implicações psicológicas, antropológicas e sociais mais profundas.

A principal dificuldade encontrada foi de ordem metodológica. Uma dissertação é, via de regra, imaginada como de ordem empírica e o problema se encaminhava para um trabalho na linha do ensaio.

A professora e filósofa Beatriz Fetizon, de quem o orientador buscou subsídios: “será que uma dissertação de mestrado poderia ser um ensaio?”, manifestou-se com a seguinte resposta: “entendo que *deveria* ser. Pena é que o fôlego dos mestrandos nem sempre seja suficiente para isso”. Isto posto, tudo o que resta informar é que houve fôlego – não sei se talento - para tanto!

Na seqüência, foram definidas quais seriam as dimensões a abordar, a linha de autores adequada às hipóteses formuladas, que se transformariam em futuros capítulos. A seguir iniciaram-se as pesquisas e leituras para a elaboração do trabalho.

Diante do exposto, observa-se que o tema escolhido anteriormente, que se referia à importância da qualidade na hospitalidade, ampliou-se e encontrou seu objetivo maior.

INTRODUÇÃO

Não é objetivo deste trabalho conceituar eventos. Mas, para se chegar ao âmbito das questões relativas à extensão do evento, em todas as suas diferentes manifestações e oferecer algumas propostas de estudo, é mister que se analise, inicialmente, o conceito embutido na palavra *evento*.

Podem-se enunciar aqui muitos conceitos diferenciados que, entretanto, não esgotarão a multifuncionalidade que agrega o evento.

Giácomo (1997), aborda o tema do evento, como um instrumento estratégico de comunicação, a fim de promover engajamento numa ação empresarial ou institucional, a partir do setor de relações públicas, não restrito, porém, a esta área, mas participando de muitas outras, essenciais, como administração de empresas, por exemplo.

Frisa, ainda, que o evento tem função-meio e não final.

Andrade (1999), define o evento como fenômeno multiplicador de negócios, pelo seu potencial gerador de novos fluxos de visitantes, e também por ser capaz de alterar determinada dinâmica da economia, com a distinção marcante de sua capacidade de atração, freqüente em qualquer época.

Melo Neto (1999), destaca que evento é um fenômeno de várias dimensões, um fator de alavancagem na indústria do turismo, na indústria do entretenimento e do lazer, do marketing e da própria indústria cultural.

Já Campos et al (2000), conceituam o evento como qualquer acontecimento social programado para tratar dos mais diversos assuntos sejam eles políticos, culturais, científicos, comerciais, profissionais.

Canton (2002), vai mais além e informa que o evento, como todo acontecimento, requer planejamento e organização, e que visa atingir certo objetivo, seja ele qualitativo ou quantitativo, reflete e retrata o modelo de uma sociedade em determinado momento, interferindo em seu conteúdo, pois manipula e direciona suas manifestações.

Enfatiza que o evento tem comprometimento com a sociedade, visto que age como elemento educador formal, informal e modelador.

Allen et al (2003), conceituam-no como celebração específica e deliberadamente planejada, criada para marcar ocasiões especiais e atingir objetivos específicos, sejam eles

sociais, culturais ou corporativos. Todos os autores citados mostraram suas óticas sobre o evento, as quais realmente abarcam muitos conceitos pertinentes e funcionais.

Atua ele, pois, em todos os setores da economia, como fenômeno multiplicador de negócios na indústria, no comércio e na prestação de serviços e sempre como importante elemento vetor de conhecimento, divulgação e troca.

No turismo gera novos fluxos, sem apresentar sazonalidade, com a presença do chamado turismo de eventos, atuando, ininterruptamente, o ano todo, independente de safras e entressafras.

No campo das ciências, revela-se como instrumento de difusão e educação formal e informal. Nas áreas cultural e social, é o fermento de divulgação e aglutinação das sociedades, visto que é meio estratégico de comunicação e celebração, pois alavanca o lazer e o entretenimento, sedimentando hábitos e costumes.

Como instrumento político é uma arma indispensável no trato das massas, modificando conceitos arraigados, na medida em que representa instrumento repressor ou libertador.

Observa-se, assim, que engloba os mais amplos objetivos, sejam eles quantitativos ou qualitativos, sempre que interfere na sociedade, direciona suas manifestações e, claramente, as retrata e as reflete.

A característica multifuncional torna o evento um fenômeno eclético, já que amplia e desdobra universos e pode aliciar, alienar e focalizar objetivos menores.

Não obstante todas as considerações acima, a energia e a força segregadas pelo evento vão muito além, posto que sua atuação se reveste de impressionante durabilidade que lhe permite se derramar, invisivelmente, em todas as camadas da sociedade, como uma substância vital, transformando existências e destinos e, quiçá, toda uma civilização.

Em virtude das considerações feitas, pode-se afirmar que a aplicabilidade do evento, bem como os seus resultados são de tal forma numerosos, que o presente ensaio se torna, de fato, altamente necessário.

Serão, pois, abordados, em complemento ao estudo do caráter multifuncional do evento, alguns temas que, a par com as características peculiares a cada modalidade, considerarão a intercomplementaridade das modalidades.

PROBLEMA

O fenômeno dos eventos remonta ao próprio mal-estar do homem diante da mesmice do cotidiano. Sob a forma de festa religiosa, na antiguidade, de festa à sombra do templo, na

Idade Média e, sob a forma de evento, propriamente dito, na sociedade secularizada pós-revolução industrial, atravessou todos os períodos da História da civilização até a atualidade.

Consta, também, em investigações arqueológicas, a descoberta de infra-estruturas, em ruínas primitivas, dos primeiros espaços destinados a sua prática.

Em nossos dias é uma prática cada vez mais presente na vida social e cultural das populações, de absoluta importância como veículo de integração e comunicação, sendo que está intimamente ligado à prática da hospitalidade em todas as suas nuances.

Apesar de se tratar de tema tão antigo, a problemática dos eventos na área da hospitalidade é muito recente.

Os estudos de eventos aconteceram sob o influxo dos cursos da área de comércio e relações públicas e da área de comunicação, que efetuaram um ponto com o turismo dentro de um paradigma de gestão; têm refletido apenas a sua dimensão operacional, posto que não há estudos que vinculem o tema dos eventos com outros temas clássicos da ciência.

É bem verdade que também a preocupação com eventos é recente, mas sabidamente eles se ancoram em outras heranças culturais do passado.

Existe uma dimensão sociológica e uma antropológica dos eventos e talvez até uma filosófica, mas os estudos atuais passam ao largo desta preocupação, razão pela qual se levanta a seguinte questão: Quais são as dimensões antropológicas, culturais e sociais do evento?

HIPÓTESES

Na primeira hipótese *O evento como contraponto do cotidiano*, são destacados seus aspectos fundamentais, como elementos que se contrapõem à rotina monótona do dia a dia, que absorve a vida do ser humano, em qualquer nível profissional e social.

A existência do evento, que remonta à antiguidade, é explanada cronologicamente até os dias atuais, sob o foco de contraponto do cotidiano, no que tange ao universo do homem ocidental, que vem passando por transformações consideráveis e às quais ele necessita se adaptar, a fim de garantir a existência da presente civilização.

O evento como produto secularizado da festa tradicional, representa, nesta segunda hipótese, a continuidade do anterior, e se reporta às fases do evento desde a Antiguidade até o período pós-secularização, quando estes, que até então aconteciam, invariavelmente, sob a égide da Igreja Católica e da Corte, passaram a ser planejados pela sociedade leiga.

São narradas as suas peripécias até a chegada de sua profissionalização, uma fase bastante recente que ainda se encontra em processo e, que se espera não venha a se esgotar.

Na hipótese *O evento como religião*, são abordadas questões que o sociólogo francês Michel Maffesoli (1995) incluiu na chamada análise comportamental da sociedade contemporânea onde a imagem, o estilo e a estética têm peso fundamental, no sentido de utilizar o evento com o fim de agregar pessoas, formando grupos, comunidades, que se constituem em verdadeiras *tribos*.

Tem como objetivo partilhar experiências e vivências, criando estilos comportamentais, *religiões* (re-ligações) sem outro comprometimento que não seja apenas o usufruir a companhia do outro, ver e ser visto, sair de si mesmo e partilhar emoções conjuntas.

Estas vivências, via de regra, acontecem em mega-eventos, em que a platéia é constituída por *tribos*, como por exemplo, nos jogos de futebol com suas torcidas organizadas, nas *raves* realizadas pela e para a juventude, e em demais eventos organizados pelas próprias comunidades.

Analisa-se em *O evento como droga*, uma de suas características mais marcantes, ainda que não corriqueira nem freqüente: a alteração da consciência nas multidões.

Tomando como base o texto de Huxley (1973), as narrativas demonstram como o evento, ao propiciar a proximidade entre iguais pode levar ao paroxismo das emoções, aos comportamentos individuais inesperados, em outras palavras, a cumprir a função da droga.

No capítulo intitulado *O evento como investimento de festividade e imaginação*, o evento é abordado a partir da ótica do teólogo e escritor inglês Cox (1974): o ser humano necessita trabalhar com a imaginação e a ludicidade, elementos presentes nas festividades, eventos mediante os quais ele se conecta a sua espiritualidade, seu passado e até seu futuro, a fim de criar uma base de sobrevivência e desenvolvimento.

Tais elementos, de acordo com o mesmo autor, eram muito presentes na vida do homem desde a Antiguidade até o fim da Idade Média, entretanto, perderam sua força em benefício do trabalho sério e constante ensejando o progresso material.

A hegemonia do trabalho e a supervalorização do progresso material empobreceram sobremaneira o universo humano, tornando-se imperioso resgatar os antigos elementos de fantasia e sonho, para com ele o homem construir uma realidade menos árida, que lhe permita viver com mais leveza e garantir a longevidade da presente civilização.

Estuda-se, a seguir, a força do evento como importante elemento de comunicação, por sua capacidade de sensibilização e de transformação comportamental.

O evento como meio de comunicação, seja ele de qualquer tipologia, faz com que o homem agregue conhecimentos de fatos novos, gerando novas perspectivas de vida, que podem ser positivas ou nocivas e possuem o poder de transformar toda a sociedade e o próprio planeta; é o que se procura mostrar nesta hipótese.

OBJETIVOS

Enriquecer a atual abordagem acadêmica dos eventos, mediante visão multidisciplinar que considere suas diferentes dimensões, tentando preencher lacunas existentes, ao alargar o contexto teórico dos eventos, sob a perspectiva antropológica e sociológica.

JUSTIFICATIVA

O homem, mesmo sem sabê-lo, sempre viveu situações de eventos em suas descobertas, conquistas, lutas, religiosidade, festividades.

Tais acontecimentos quase sempre reuniram multidões e, na sociedade pós-moderna da informação, da comunicação, da globalização e também da solidão e na eterna luta do homem contra a repetição e o tédio da vida cotidiana, realizam-se sob a égide de obras humanas efêmeras, com duração de dias e, não raro, de horas, denominados eventos profissionalizados.

O ser humano continua buscando instrumentos que lhe permitam comungar e debater suas descobertas, seus questionamentos, suas angústias, suas alegrias, enfim, busca saciar sua eterna sede de compreender o universo e com ele se integrar.

Busca, ainda, promover a pesquisa e o estudo sobre os desdobramentos antropológicos e sociológicos desse fenômeno, representando isto oportunidade de conhecer muitos dos mecanismos que regem importante parcela do comportamento humano.

É, talvez, este conhecimento que poderá se tornar um farol capaz de iluminar e auxiliar as reflexões que buscam a compreensão das razões que norteiam as ações humanas.

O intuito é, na verdade, efetuar um recorte de outras disciplinas, tentando alargar o contexto teórico dos eventos.

REFERENCIAL METODOLÓGICO

Embora a tentação de um trabalho empírico seja grande, há uma prospecção teórica que se faz necessária preliminarmente.

Desta forma, esta dissertação limita-se a desvelar as múltiplas dimensões teóricas do evento.

Existem elas em grande número, mas o propósito principal é evidenciar as implicações antropológicas e sociais existentes no contexto do evento para o indivíduo e a sociedade, desde a Antiguidade até os dias atuais.

A multidisciplinaridade é a principal característica deste estudo. Sociologia, psicologia, antropologia e história são disciplinas acionadas sob a forma de recortes.

As hipóteses orientam o recorte a ser efetuado nessas disciplinas.

O processo de seleção dos participantes da pesquisa baseou-se na escolha de autores que apresentam a historicidade dos dados e elementos relacionados ao tema em nível mundial, bem como de outros que analisam o contemporâneo e oferecem a condição de estabelecer comparativos e proceder a análises, com a finalidade de maximizar a precisão dos resultados.

Do ponto de vista metodológico propriamente dito, esta dissertação se insere no campo do chamado ensaio.

Como pesquisa bibliográfica, pode também estar situada na perspectiva da chamada pesquisa exploratória.

A pesquisa exploratória procura aprimorar idéias ou descobrir intuições. Caracteriza-se por possuir um planejamento flexível envolvendo em geral levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes e análise de exemplos similares. As formas mais comuns de apresentação das pesquisas exploratórias são a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso (DENKER, 1998, p.124).

Estas são as condições propostas para o desenvolvimento do presente trabalho, devendo-se ainda esclarecer que exemplos de eventos são utilizados mais como ilustração do que como demonstração empírica das hipóteses.

No primeiro capítulo, por exemplo, o carnaval é o evento escolhido para esta ilustração. Isto significa que as hipóteses permanecem em aberto para verificação empírica posterior sistemática.

REFERENCIAL TEÓRICO

Entende-se como referencial teórico, a busca preliminar do universo teórico existente sobre o tema que, de alguma forma, inspirou a pesquisa propriamente dita.

Aqui, limita-se à resenha de parte do que já foi publicado sobre o tema. Assim, a título de pesquisa preliminar, foram lidos e resenhados livros de diversos autores brasileiros e alguns estrangeiros, que tratam de eventos.

Não obstante tratar-se de trabalhos valiosos para o segmento em questão, a maioria dos seus autores debruçou-se apenas sobre os aspectos operacionais.

Apresentam objetivos claros no que se refere ao conhecimento do universo dos eventos realizados em nível profissional, com sua variada tipologia, explanando, por exemplo, a montagem de uma empresa promotora de eventos, planejamento, projeto, gestão de equipes, administração de custos e receitas, detalhes de montagens, espaços apropriados, recursos tecnológicos, cerimonial público, etiqueta.

Pode-se constatar que o mundo dos eventos é enorme e merece estudo apurado. Entretanto, nota-se que poucos autores se detêm na análise de suas implicações e dos efeitos que produzem nas pessoas e na sociedade. O intuito do presente estudo é, portanto, buscar preencher as lacunas existentes.

Dessa forma, Renato Brenol Andrade (1999), ao abordar, em seu livro *Manual de Eventos*, o tema do turismo, classifica-o como importante atividade do Século XX.

Insero neste contexto o turismo de eventos e o evento em si, conceituando-o como fenômeno multiplicador de negócios, pelo seu potencial gerador de novos fluxos e visitantes, capaz de alterar a dinâmica da economia, e com poder de atração constante, em qualquer época, enquanto o turismo tradicional é sazonal e incorpora fatores significativos de modismos.

A seguir, relaciona as tipologias dos eventos, a sua metodologia de planejamento e organização; analisa o mercado nacional de eventos, as formas de captação, o marketing, a sua administração financeira e balancetes de receitas e custos, a excelência dos serviços prestados, os eventos na hotelaria e a gastronomia adequada.

Oferece também anexos onde constam as terminologias características do segmento, siglas das associações ligadas a ele, elucida os objetivos dos Convention Visitors Bureau (CVB) e apresenta um estatuto-modelo, baseado no de Porto Alegre, RS.

Para finalizar, apresenta ainda um modelo de banco de dados e programas operacionais. É obra bastante interessante para a introdução no estudo de eventos, no que tange a toda a sua gestão operacional. Sua abordagem não deixa de ser semelhante às demais.

Campos et al (2000), abordam os conceitos básicos do evento, as suas classificações, formas de captação, eventos de calendário, locais de realização, público alvo, administração financeira, eventos na hotelaria, tipos de montagem, *check list*, cerimonial e protocolo, trajés, cardápios.

Os autores trazem indicações de como montar uma empresa de eventos, a estrutura necessária, formação de equipes, serviços terceirizados, equipamentos utilizados na montagem e operação, o contato com a mídia, logomarca, meios de divulgação e exercícios operacionais.

Conceituam o evento como qualquer acontecimento social programado para tratar dos mais diversos assuntos sejam eles políticos, culturais, científicos, comerciais, profissionais, incentivando a economia e enriquecendo a vida cultural das cidades onde são realizados.

Contribuem para reunir grupos de pessoas em torno de um mesmo objetivo e auxiliam a desenvolver o turismo. Esta obra oferece as informações básicas do mundo dos eventos, no sentido de mostrá-los como fomentadores de negócios e importante elemento econômico em todo o mundo.

A Prof.^a Dr.^a Antonia Marisa Canton inova com seu livro *Eventos, ferramenta de sustentação para as organizações do Terceiro Setor* (2002), ao mostrar a importância dos eventos para um setor específico da sociedade.

Tem a obra por finalidade analisar o evento como importante instrumento de sustentação do terceiro setor. Relata o histórico, a natureza organizacional e as características do trabalho voluntário das Organizações Não Governamentais (ONGs), em âmbito nacional, fazendo um retrospecto desde o descobrimento do Brasil, quando a Igreja mantinha o comando central, até os dias atuais. Aborda também a América Latina e o mundo.

Descreve e enfoca a questão das parcerias por elas realizadas, que ocorrem no meio empresarial e na sociedade civil, associando-se a ações que beneficiam os cidadãos, a comunidade, o meio ambiente e o patrimônio artístico-cultural local, com retorno positivo para a imagem da organização. É o chamado marketing social e estratégico.

Destaca ainda que os eventos no terceiro setor são instrumentos de inclusão social, geram novos comportamentos e também figuram como importantes captadores de recursos.

Apresenta, a seguir, alguns estudos de casos, como as ações dos Doutores da Alegria, dos Meninos do Morumbi, do Viva e Deixe Viver, da Fundação SOS Mata Atlântica.

No apêndice explica o que são os incentivos fiscais e quais suas aplicabilidades e fins. Leitura importante, por abordar tema atual, sempre presente no cotidiano das pessoas, empresas e instituições em âmbito mundial, bem como por alargar os horizontes do conhecimento sobre esta importante função do universo dos eventos.

Outra produção da mesma autora encontra-se inserida no livro de Marília G. dos Reis Ansarah (Org., 2001): *Turismo, como aprender, como ensinar*.

Trata-se de um capítulo no qual a autora discorre sobre o setor de prestação de serviços e afirma que a única razão para a sobrevivência de determinada empresa são seus clientes.

Para se atingir a excelência quanto ao atendimento, eles devem ser tratados como hóspedes, como convidados, visto que não compram produtos e sim expectativas, uma vez que o objetivo da empresa organizadora de eventos é não apenas satisfazer os clientes, mas encantá-los, proporcionar-lhes algo mais.

Amplia a conceituação de eventos e relaciona sua tipologia e classificações. Mostra a importância de um planejamento estratégico bem elaborado, que garanta a qualidade dos serviços, avaliada no exato momento de sua realização.

Aborda também o evento no contexto do turismo, como agente de geração de empregos diretos e indiretos, enfatiza o processo de captação, os apoios operacionais, o universo do turismo de eventos e de negócios e sua rentabilidade.

Destaca os eventos na hotelaria, como fonte de sobrevivência na sazonalidade e o crescimento mundial no que se refere ao número de hotéis voltados para a realização de todos os tipos de eventos.

Salienta ainda a importância dos eventos como agente de desenvolvimento de uma cidade ou região, em face dos investimentos diretos e indiretos que ocorrem em todos os setores envolvidos.

Afirma que o turista de eventos é classificado como turista de qualidade, que consome até três vezes mais do que o turista de lazer e deixa nas comunidades receptoras, lucro financeiro, incluindo grande contribuição intelectual, científica e cultural.

Canton (2001) finaliza, abordando o tema como disciplina no ensino superior do turismo, enfatizando a importância da formação de profissionais aptos ao trabalho no segmento e que o mercado de eventos necessita de maior investimento em profissionalização e treinamento, bem como de tecnologia, no sentido de encurtar os caminhos e unir cliente e fornecedor, visto sua importância no contexto econômico.

Trabalho importante para uma visão macro do universo profissional de eventos, tanto no mundo acadêmico como no empresarial. De resto, os demais autores fixaram-se no mesmo registro de gestão.

Cleuza Gertrude Gimenes Cesca (1997), em sua obra *Organização de eventos: um manual para planejamento e execução* - inicia com breve passagem pelo universo das relações públicas.

A seguir, entra no mundo dos eventos: conceituação, classificação, tipologia, planejamento, operacionalização, cronograma, datas comemorativas do Brasil, modelos de cartas-convite, formas de tratamento, tipos de montagens, etiquetas, trajes, cerimonial público e ordem geral de precedência.

Discorre sobre as bandeiras e outros símbolos, horário mundial, distâncias na aviação internacional, distâncias entre portos brasileiros em milhas marítimas, distâncias rodoviárias no Brasil, códigos telefônicos, unidades monetárias internacionais, tabelas de calorías.

A autora finaliza com amplo modelo de proposta de projeto para evento, informando que os mesmos são atividades que contribuem para manter a opinião pública favorável, objetivo de toda organização que deseja se manter ativa, sendo pouco explorados, quiçá pelo fato de as organizações desconhecerem a abrangência dessa área.

Em *Tudo acaba em festa*, obra de conteúdo bastante prático e básico para o curso de eventos, Cristina Giácomo (1997) descreve uma incursão pela história mundial das instituições empresariais, citando Taylor e Fayol, a fim de explicar elementos de ética e motivação, bem como a importância da comunicação e da liderança como elementos de produtividade.

A seguir aborda o evento, conceituando-o como instrumento estratégico de comunicação, a fim de promover engajamento numa ação empresarial ou institucional a partir do setor de relações públicas, embora o tema não se restrinja a essa área, mas alcance muitas outras essenciais, como por exemplo a administração de empresas.

Frisa ter o evento função-meio e não final.

A autora elabora uma classificação, usando conceitos econômicos e de credibilidade, de marketing e de caráter institucional.

Destaca como exemplo as exposições de arte promovidas por instituições financeiras. Enfatiza suas características de criatividade e versatilidade.

Relata ainda suas próprias experiências na área de eventos empresariais, o que enriquece sobremaneira a narrativa.

Conclui com uma passagem geral pelo universo operacional dos eventos, resultando numa obra bastante interessante, por oferecer uma ótica dos eventos a partir daquela do mundo empresarial e das relações públicas.

Marlene Matias (2001), redigiu seu livro: *Organização de eventos: procedimentos e técnicas*. Começa a narrativa ofertando explanação sobre o turismo de eventos, desde seus primórdios até os dias atuais.

Descreve suas influências políticas e sociais, em cada período da História humana, apresentando um resumo dos eventos no Brasil e no mundo.

Relata a tipologia de eventos existentes, discorre sobre o seu processo de captação, planejamento e organização em todas as fases, fundamentos econômicos, modelos de *briefing*, *check list*, estruturas de apoio interno e externo, roteiros de projetos e cronograma; elenca ainda todas as etapas do pré, trans e pós-evento.

Nas considerações finais, apresenta breve aspecto de seus efeitos econômicos e sociais, com detalhes operacionais necessários ao correto planejamento e procedimentos para a realização de um evento.

Em *Tudo sobre eventos*, Gilda F. Meirelles (1999), discorre sobre a área operacional dos eventos, suas classificações, objetivos, planejamento, estratégias, coordenação, organização e implantação, público-alvo, cronograma de atividades, administração econômica e financeira, cerimonial, protocolo e etiqueta. Enfim, este livro aborda as questões básicas que se relacionam a um curso de eventos.

Francisco Paulo Melo Neto (1999, 2000), deu sua contribuição à área de eventos mediante duas obras: tem a primeira como título: *Marketing em eventos*.

Trata-se de um livro com respostas à indagação sobre o que significa o marketing para pequenos e grandes eventos, segue conceituando o evento em várias dimensões, como fator de alavancagem da indústria do turismo, da indústria do entretenimento e do lazer, do marketing e da indústria cultural.

Aborda a natureza do evento e como criá-lo, relacionando várias estratégias com este fim. Explica como se deve elaborar um projeto, como promover um evento, como conquistar patrocínios, como comercializar o evento, como elaborar um plano de marketing, como garantir o sucesso do evento e enfim como avaliá-lo.

Discorre sobre o evento frente à mídia, relacionando e esmiuçando grandes eventos empresariais de sucesso, indica novas modalidades que estão surgindo, bem como explica a respeito dos pequenos eventos paralelos que ocorrem inseridos nos maiores.

Fornece dicas de como as prefeituras devem administrar os seus eventos. Finaliza explicando como entrar no negócio da promoção de eventos.

Agrega, concomitante a cada tópico, um estudo de caso ou um exemplo, de uma grande empresa conhecida do público. Este estilo oferece mobilidade e leveza à narrativa, bastante informativa e atual, sobre o segmento de marketing.

Na segunda obra, *Criatividade em eventos* (2000), descreve e analisa a estratégia de criatividade aplicada a eventos, conceitos, técnicas e modelos de planejamento e execução, frisando os aspectos do evento como meio de informação, comunicação e inserção social.

Segundo ele, os desafios da vida moderna são apresentados, analisados e debatidos através dos eventos e por meio de diferentes estéticas e linguagens.

Enquadra a criatividade como a fuga dos padrões tradicionais de concepção e planejamento, no processo de pensar novas formas de lazer e entretenimento, através dos eventos de qualquer tipo.

Considera-o como espetáculo, no sentido de ativar a ludicidade do público; discorre sobre o experimentalismo e o vanguardismo dos eventos alternativos e cita exemplos existentes em diversas capitais do Brasil.

Sustenta ainda que o processo criativo ocorre com a quebra de paradigmas e padrões, através de novo olhar lateral e novas percepções. Oferece dicas de como renovar o evento convencional e sobre as atuais tendências do mercado na promoção e marketing do setor.

Discorre sobre a nova era de diversão em curso, a dos eventos temáticos e dos mega-eventos, descrevendo o impacto das tecnologias digitais aplicadas a performances artísticas ao vivo e expõe a polêmica em torno da espetacularização dos eventos de arte.

Os críticos alegam o empobrecimento do tema central pelo excesso de efeitos artificiais e os defensores valorizam as montagens inovadoras e o uso de alegorias como forma de atrair o público.

Os eventos virtuais são retratados na figura das feiras de negócios também virtuais, afirmando ser este um dos ramos mais promissores da Internet, segundo a NetBoston.

Conclui lembrando que a mais nova palavra de ordem do setor é *evente-se*, o que significa criar eventos para si próprio no trabalho, no lazer e na vida pessoal, reunindo clientes, parceiros, amigos, parentes, colegas de trabalho e o público em geral.

Trata-se de leitura sintonizada com o ritmo da sociedade atual, voltada para as facilidades tecnológicas, efeitos especiais, mega-espetáculos, expondo novos conceitos de sociabilidade e entretenimento.

Na obra, *Eventos*, Ilka Paulete Svissero Tenan (2002), aborda toda a parte operacional do evento, conceituação, classificação, quem o promove e quem participa, composição do mercado envolvido, a sua importância para o turismo, enumerando os principais segmentos de apoio e suas funções, como as agências de viagens, as companhias aéreas, os centros de convenções, os *Convention e Visitors Bureau*.

Conceitua o evento como um promissor segmento do turismo, que no sentido geral, segundo ela, é sinônimo de acontecimento não rotineiro e pode inclusive ser um eclipse, um nascimento ou uma descoberta.

Afirma que para o meio profissional adquiriu valor semântico próprio, significando acontecimento especial, antecipadamente planejado e organizado, que reúne pessoas ligadas a interesses comuns, com nome, local determinado e espaço de tempo definido.

Descreve as funções do organizador profissional de eventos e as associações ligadas à atividade. Leitura deveras interessante para quem deseja conhecer as principais instituições ligadas ao turismo de eventos, bem como suas funções e diretrizes.

É José Dirceu Veloso (2001), quem escreve sobre *Organização de eventos e solenidades*, abrangendo todo o universo do Cerimonial, das solenidades públicas, dos diversos tipos e classificações de eventos públicos, a sua organização, o público-alvo, as funções do mestre de cerimonial, as normas do cerimonial público ou protocolo, leis e decretos, ordens de precedências gerais, dos Ministérios, dos Estados.

Passa também pelos eventos sociais, empresariais, científicos e outros, descrevendo os tipos de serviços, trajes, cardápios.

Informa detalhes sobre procedimentos e posturas em ocasiões formais e informais, costumes sociais e tudo sobre o protocolo brasileiro e internacional, para o executor e para o docente. Trata-se de leitura obrigatória e básica no curso de eventos.

Dos escritores estrangeiros, há que se destacar dois deles: Lena Malouf, (1999), autora norte-americana, cuja obra *Behind the scenes at special events – flowers, props and design*, ainda não se encontra traduzida.

Seleciona todos os itens concernentes ao planejamento e realização de eventos profissionais, de caráter especial, desde o contato inicial com o cliente passando por sua realização, incluindo até o pós-evento.

Disseca, minuciosamente, os meandros da gestão e operacionalização, assim como todas as atribuições de um gestor de eventos profissionais.

A conexão que ela faz com o contexto da hospitalidade é totalmente apropriada, pois descreve os atos de bem receber e deslumbrar convidados em todos os pormenores, beirando

os extremos de zelo e cuidados necessários ao desenvolvimento de um acontecimento de grande magnificência.

Embora trate da hospitalidade comercial, a autora não desmerece em nada o esmero e entusiasmo de um anfitrião espontâneo.

Em todas as etapas, demonstra preocupação obsessiva com o compromisso de proporcionar momentos de deleite aos presentes, acrescidos de segurança, com o cumprimento de todos os objetivos almejados pelo anfitrião.

Enfatiza que um grande evento é resultado de meses de meticoloso planejamento e coordenado trabalho de equipe.

Isso requer a atuação de centenas de especialistas, comprometimento bem como criatividade de todos os que planejam, gerenciam e executam tal atividade.

Demonstra a autora profundo conhecimento do universo dos eventos especiais, em todos os níveis e habilidades, seja como planejadora, gestora, líder de equipes e até executora transmitindo as informações com absoluta segurança e permitindo ao leitor obter dados preciosos do mundo operacional dos eventos.

Johnny Allen et al (2003), ao elaborarem o livro: *Organização e gestão de eventos* abordam o contexto dos eventos profissionais, conceituando-os como celebrações específicas e deliberadamente planejadas, criadas para marcar ocasiões especiais e atingir objetivos determinados, sejam eles sociais, culturais ou corporativos.

Descrevem os impactos sociais, culturais, políticos, ambientais e econômicos gerados pelos eventos. Revelam ainda a tipologia, as parcerias, a comunidade e as empresas organizadora e anfitriã, os patrocinadores, formação de equipe, presença da mídia e dos convidados.

Traçam estratégias de planejamento, análise e gerenciamento econômico, controles, orçamentos, recursos humanos e marketing.

É mostrada a tecnologia disponível e sua importância, detalhando-se passo a passo a montagem geral do evento. Finalizam com exemplos de avaliações. Trata-se, na verdade, de obra voltada exclusivamente para gestão e operacionalização de eventos em geral.

CAPÍTULO 1

O EVENTO COMO CONTRAPONTO DO COTIDIANO

Desde os primórdios da História, ao menos desde que a rotina do trabalho surgiu nas lavouras e no pastoreio de animais, os homens sempre tiveram necessidade de festejos e celebrações¹.

Marcavam elas, a vida religiosa e política das populações, com eventos entendidos como capazes de proporcionar alternativa ao ritmo laborioso da vida cotidiana.

Guerras, comemorações, ciclos da natureza, tudo proporcionava ocasiões de eventos, capazes de cumprir os anseios dos homens, de sentirem-se ligados ao seu passado, ao futuro e ao divino e capazes de transcender a dureza do dia a dia.

Esta é uma das dimensões do evento, um terreno ainda pouco explorado teoricamente e que, tal como a hotelaria é estudado apenas no campo dos procedimentos e da gestão.

Para retirar do campo meramente especulativo o estudo dessa dimensão teórica do evento, e trazê-lo para a reflexão, neste capítulo, examinar-se-á o caso do carnaval.

O carnaval é um dos eventos que mais permitem a comunicação lúdica, por sua forte mensagem emocional, associada ao caráter excepcional e transitório de milenar comemoração.

Sua proposta sempre foi celebrar a vida e a alegria, subverter o cotidiano e inverter totalmente os valores pré-estabelecidos.

É o evento de calendário que melhor ilustra o desejo ancestral do homem de fugir da pequenez e do tédio que acompanham a repetição de todas as pequenas tarefas do dia a dia, razão pela qual foi escolhido como objeto do presente estudo.

No carnaval celebram-se coisas abstratas e inclusivas como o sexo, a alegria, o prazer, o canto, a dança e a brincadeira.

Ficam suspensas as regras que controlam o olhar, o mundo se abre ao poder de ver e de fazer, “com a supressão dos códigos opressores estabelecidos, a partir da negação e do escárnio de todas as formas de coerção e exclusão” (RIBEIRO, 2003); é quando o indivíduo se sente dotado de poderes que lhe propiciam estabelecer relações diferentes e realmente

¹ Provavelmente, ao menos pela observação de sociedades ditas primitivas que subsistiram até nossos dias, a necessidade de interrupção de toda e qualquer rotina cotidiana, com ou sem a presença de atividades de trabalho, existia mesmo em tempos anteriores ao neolítico. A “invenção” da atividade, dita agrícola e pastoril, com sua rotina pesada de trabalho, deve apenas ter acentuado tal necessidade.

humanas com os demais, com a finalidade única de plena satisfação de seus desejos. Enfim, o carnaval representa a delimitação de um período de tempo no qual o pessoal se contrapõe ao impessoal, o intuitivo opõe-se ao técnico.

A importância do caso ora tomado para análise reside na aplicabilidade que aqui lhe concernem, a todo e qualquer evento da vida moderna, seja um grande show de rock para dezenas de milhares de pessoas, seja uma pequena festa que se oferece aos amigos.

Mais ainda: como se verá, o aspecto paroxístico da festa tradicional do Carnaval, cuja pujança se limita, hodiernamente, a algumas poucas cidades do Brasil e ainda mais raras em outros países, pode perfeitamente ser entendido como a explosão dessa festa em quase todas as demais festas contemporâneas.

Em outras palavras: a dimensão de contraponto do cotidiano permanece, mas agora não mais como uma pausa ritual anual e sim como uma pausa mais freqüente, quem sabe mesmo semanal em alguns casos.

Origem e Significado da Palavra Carnaval

Existe grande dificuldade em explicar e definir as origens da palavra carnaval. Muitos estudiosos tentam explicá-la de diferentes formas e divergem entre si; os próprios dicionários expõem tais divergências com diferentes definições.

A mais difundida e aceita é a de *carnevale*, originada do baixo latim *carnelevamen* que significa adeus à carne.

Alguns autores citam *carrus navalis*, palavras conjuntas que se referem às celebrações dionísicas, em que um carro, carregando grande tonel, era conduzido pelas ruas da Roma antiga, distribuindo vinho ao povo, nos Séculos VII e VI a.C.

Araújo (2003, p.34) alega que a palavra surgiu em 590 d.C., quando Gregório I, o Grande, regulamentou as datas do carnaval e criou a expressão *dominica ad carne levandas*, derivada de dialetos italianos, e que significa *tirar a carne*, o que seria a liberdade para se ingerir carne à vontade, antes da Quaresma.

A versão menos conhecida vem de autores alemães ao sugerirem que a origem viria de *kane* ou *karth*, que significa comunidade pagã, os deuses e seus seguidores, e de *val* ou *wal*, que significa procissão dos deuses mortos.

Em relação às datas do carnaval, sua marcação obedece às regras que determinam a Páscoa Católica – são móveis, para não coincidir com a data da Páscoa Judia, que é fixa.

O domingo de carnaval cairá sempre no 7º domingo que antecede ao domingo de Páscoa.

Em 1582, o Papa Gregório XIII promoveu a reforma do Calendário Juliano, transformando-o em Calendário Juliano-Gregoriano, em uso até hoje e estabeleceu definitivamente as datas do carnaval.

A origem deste evento se perde na noite dos tempos. Mas certamente uma de suas raízes está ligada à civilização egípcia (SEBE, 1986, p.9).

Segundo a mitologia deste povo, o carnaval foi inspirado na jovem deusa Isis, protetora da natureza, e seu parceiro Osíris.

Em sua homenagem, os mortais se reuniam ciclicamente, no plantio e nas colheitas agrícolas.

Dançavam e festejavam em prol do crescimento das sementes e da saúde dos frutos. Osíris era sacrificado após a festa para acalmar os dias de prazeres.

A associação do culto à fertilidade com as permissividades praticadas naqueles dias, entrevia a inversão do cotidiano com a idéia de renascimento.

Nestas celebrações existia também a figura de um rei sobrenatural, que era o eixo das festividades, permitia a realização de sonhos proibidos e ligava a festa ao sentido da vida e sua transcendência.

A satisfação do rei abençoaria os campos e as sementeiras e a sua morte purificaria os espíritos, fundamentos da vida renovados conforme o ciclo da natureza.

Tais festejos continham rituais libertadores de atitudes reprimidas; era um período especial em que a quebra da ordem estabelecida e os desrecalques eram permitidos, com muita comida, bebida e liberação sexual.

Seguia-se um período de recolhimento e de *cinzas*.

Para cristãos educados no monoteísmo, talvez seja difícil entender a dimensão religiosa da festa, mas no caso é essencial, pois, no politeísmo não existe antagonismo entre o sagrado e o profano.

Não existe também a noção de pecado, tal como as religiões monoteístas a estabeleceram. O politeísmo permitia a convivência de cultos cômicos paralelos aos cultos sérios, cultos extrovertidos paralelos aos cultos introspectivos e convertiam as divindades em objetos de sátira e escárnio, sem que estas perdessem seu caráter sagrado e de certa forma oficial.

Os costumes religiosos egípcios foram absorvidos pelas civilizações gregas e romanas, que instituíram As Saturnálias, as Bacanais e muitas outras celebrações que serão invocadas oportunamente.

Deste conjunto de fatos históricos, algumas observações podem ser sugeridas para uma posterior análise mais aprofundada: a primeira é que todas essas festas criadas por tantas culturas têm em comum o fato de delimitarem para sua realização a mesma época do ano, que é a do inverno no hemisfério norte, tempo impróprio para a maior parte das tarefas de trabalho.

Pode-se mesmo ir mais longe e sugerir que o forte consumo de álcool e carne, que são também um denominador comum dessas festas, cumprisse uma outra finalidade, além da de contraponto dos dias de festa aos dias de dura rotina de todo o resto do ano, que aqui se quer ressaltar.

Pode, ainda, ser entendido como um desejo coletivo² de contrapor ao clima depressivo e introspectivo que acompanha o inverno, a atmosfera lúdica e contagiante da orgia.

Na Idade Média, embora tendo seu caráter original transfigurado porque totalmente controlado pela Igreja Católica, o carnaval ganhou força pela sua tradição.

Mais do que nunca, os festejos tiveram acentuadas suas características de contraponto ao cotidiano e transformados em momentos de ‘inversão’: (...) ‘paganismo no lugar de cristianismo, muita comida em vez de fome, muito sexo em vez de abstinência carnal, homens vestindo-se de mulheres e vice-versa’ (CAMARGO, 2002, p.30).

Todo o período de dezembro até fevereiro era festejado de forma carnavalesca, ‘algo bastante apropriado do ponto de vista cristão, já que o nascimento do filho de Deus numa manjedoura era um exemplo espetacular do mundo de cabeça para baixo’ (BURKE, 1989, p.216).

O carnaval inspirou-se nas outras festas e delas se destacou pela criatividade e capacidade de imaginação, visível em seus temas; esboçou-se ‘não de acordo com um cronograma exato, mas mais pela evolução dos costumes’ (HEERS, 1987, p.168).

Foi tomando maior vulto, sobretudo na área mediterrânea da Europa – em Roma e Veneza, em Paris e Nice, em Nuremberg e Colônia.

² Mais do que nunca é importante se ressaltar que coletivo não implica em totalidade dos indivíduos. Ainda que não se saiba a proporção de aficionados dessas festas, é certo que boa parte da população mantinha-se à margem e não são raros os casos de lideranças políticas, como Catão, o Velho, ou literárias, como Sêneca, ambos em Roma, que reprovavam veementemente os excessos dessas festas.

Os festejos carnavalescos eram ligados ao ciclo litúrgico e as pessoas usavam máscaras e cantavam sátiras e paródias aos rituais da Igreja, aos costumes, às convenções sociais e às personalidades credenciadas da região.

Não eram festas prestigiadas pelas classes privilegiadas, mas constantemente criticadas e embora proibidas em 1431 pelo Concílio de Basiléia, algumas sobreviveram por mais um século.

Contrastando com a arraigada hierarquização do regime feudal, a partir da própria hierarquia do trabalho nas corporações profissionais, tendo como pano de fundo a hierarquia social em classes estanques (nobreza, clero e povo), o contato livre e familiar que acontecia nesses dias especiais era vivido intensamente, criando um tipo particular de comunicação grotesca e livre, inconcebível no dia a dia, que proporcionava humanismo nas relações através da percepção carnavalesca do mundo.

Segundo Mikhail Bakhtin (1987) é imprescindível conhecer o realismo grotesco para compreender o realismo do Renascimento e suas outras manifestações posteriores.

A procissão do carnaval evocava e caricaturava as procissões religiosas celebradas durante o ano.

Os gestos, as danças e os símbolos imitavam os nobres, os Bispos e os Papas. Os próprios loucos participavam com seus provérbios característicos.

A procissão seguia pelas ruas até a praça principal, em frente a Câmara Municipal, às casas dos burgueses e aos palácios dos ofícios. As pessoas do povo compareciam fantasiadas de bobos, palhaços, com máscaras de demônios e animais das florestas. Os ritmos das danças eram mouriscos, à semelhança da Festa dos Loucos. Os foliões recolhiam prendas e peixes para os dias de jejum e moedas para as bebidas. Não raro exigiam a contribuição dos judeus (naquela época bem tolerados pela cidade e protegidos pelo Papa) e das meretrizes, com a bênção dos magistrados; espécie de poder sobre os heréticos, obrigados a resgatar a sua condição e as suas desordens (HEERS, 1987, p.170-1).

Jogavam cascas de ovos com água perfumada nos assistentes, à semelhança dos festivais religiosos.

Desde a iconografia aos cenários, às músicas, às falas, tudo indicava que se tratava de uma apologia à loucura, ao irracional e ao efêmero, e as pessoas sérias não deviam fazê-lo. Os festejos representavam, sobretudo, pretexto para a prática do desregramento total, a base lúdica de uma sátira social e política exacerbada.

A presença de estrangeiros, as máscaras, as casas abertas, a embriaguez da multidão, permitiam excessos anônimos, cuja mensagem era a recusa dos tabus e deveres, o desafio ao proibido, em um jogo brilhante e perigoso.

Os homens fantasiavam-se de mulheres, a escravidão era temporariamente abolida, os escravos eram nivelados aos senhores, se sentavam à mesma mesa e eram servidos por seus amos.

‘Entre os quadros vivos dos carros, havia o da Roda da Sorte, que se referia ao destino do homem e a sua condição perante Deus; ilustrava a fragilidade das ambições e a precariedade da vida e das situações’ (HEERS, 1987, p.183).

Havia outro carro que representava a fonte da juventude, com uma velha sendo devorada por um demônio gigante.

Entre os jogos, o principal era o Jogo da Paixão, que exibia a roda dos tormentos do inferno com um fogo ardente, onde giravam os pecadores; havia também os que evocavam a prostituição, os avarentos e outras práticas e valores criticados pela Igreja.

No último dia, ao final da longa procissão, incendiavam o carro mais imponente como símbolo de triunfo sobre as forças do mal, do irracional.

Segundo Peter Burke (1989, p.208-209), dentro do ritual carnavalesco também se inseriam vários tipos de competições: disputas no ringue, corridas a cavalo e a pé, torneios em terra e na água.

Jogos de futebol eram realizados na Grã-Bretanha e França.

Havia também apresentações de peças teatrais e simulações, geralmente centradas na figura do próprio carnaval, personificado por um homem gordo enfeitado com comidas e sentado em um barril e da quaresma, representada por uma velhinha magra vestida de preto e enfeitada com peixes.

Ou, ainda, um porco era solenemente decapitado e uma sardinha era enterrada com todas as honras.

A elite realizava suas festas nos salões de Veneza, também com o uso de máscaras transformadoras.

O uso das máscaras traduzia uma alegre negação da identidade, expressão das metamorfoses e das violações das fronteiras.

Encarnava o princípio do jogo da vida, baseado na co-relação da realidade com a imagem, criando um ambiente especial, de outro mundo.

Entretanto, o seu uso tornou-se rotineiro e elevou a criminalidade executada sob as mesmas. A dificuldade de identificação dos criminosos levou as autoridades a proibi-las.

O carnaval punha em risco as hierarquias sociais e os princípios governamentais, visto que seus principais temas reais e simbólicos, eram comida, sexo e violência, sendo o apelo mais forte para a comida.

O grande consumo de carnes em geral era real e simbólico. Significava também a *carnalidade*, o sexo, intensamente praticado durante o carnaval; o pico de casamentos acontecia durante ou logo após o período carnavalesco.

Era uma festa também de agressão, destruição e profanação, pois os tabus que reprimiam os impulsos sexuais e violentos eram temporariamente suspensos; época de desordem institucionalizada, mas, sobretudo a festa de todos.

Os festejos de carnaval com todos os seus atos e ritos cômicos, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval.

A festa tinha a propriedade fundamental de todas as formas de espetáculos cômicos da Idade Média.

O conjunto de festas que desembocavam no Carnaval – que, por ser a última, era também a mais orgiástica – marcam o apogeu dessa propriedade do evento de firmar-se em contraponto ao cotidiano.

No caso, um estilo de vida sonhado, marcado pela irreverência, pelas regras do lúdico, vivido em alguns poucos meses, contraposto ao estilo real, duro, concreto, marcado pelo peso da clivagem social que condenava a maioria da população a vidas materialmente miseráveis.

Mas não se pode, também, deixar de destacar a observação atenta de Harvey Cox (1974).

O Iluminismo, a máquina, a disciplina que marcaram o final da Idade Média determinaram não apenas o fim das festas populares, mas também as transformações no Carnaval.

Marcaram ainda, o fim de uma época em que os homens viveram seu imaginário a fundo e dele extraíram todas as suas potencialidades, sobretudo a de imaginar um mundo ao reverso.

Apesar de sempre descambarem em libertinagens, essas festas demonstravam que “uma cultura podia zombar, periodicamente, de suas mais sagradas práticas políticas e religiosas” (COX, 1974, p.12).

No início da Europa Moderna, praticamente todas as grandes festas do ano eram um carnaval em miniatura, visto que constituíam um importante agrupamento de rituais em comum.

Segundo Peter Burke (1989), pensar nas festas religiosas dessa época como pequenos carnavais está mais perto da verdade do que concebê-las como graves e sóbrios rituais à maneira moderna.

A Igreja convivia bem com a festa e até passou a estimulá-la, principalmente com o Papa Paulo II (1461-1471). Em 1545, no Concílio de Trento, o carnaval integrou a pauta de discussões e foi reconhecido como uma importante manifestação popular, não devendo ser hostilizada pelo Clero. Considerava-o criminoso apenas em círculos restritos, como por exemplo, na Corte Francesa antes da revolução, onde os bailes de máscaras se transformavam em bacanais como na antiga Roma decadente (DAMANTE, 1980, p.6-7, apud ARAUJO, 2003, p.23).

Durante o período Renascentista, a festa do carnaval firmou suas características básicas.

O carnaval italiano chegou a ser o mais famoso; era considerado como uma festa que o povo dava a si mesmo.

As festividades começavam em Janeiro e cresciam até a proximidade da quaresma.

O Carnaval podia ser visto como uma peça imensa onde as ruas e praças principais se tornavam um grande palco de um teatro sem paredes e os habitantes eram seus atores e espectadores. Havia consumo maciço de carne, panquecas, doces e bebidas e atingia seu clímax na terça feira gorda (ARAUJO, 2003, p.40).

As brincadeiras e encenações continuavam, assim como as inversões de papéis; os homens vestidos de mulher, as mulheres de homem; um cavalo andava para trás com o cavaleiro de frente para a cauda, o cavalo virava ferrador e ferrava o dono, o boi virava açougueiro e cortava um homem em pedaços, o peixe comia o pescador.

As inversões de status eram mostradas pelo filho batendo no pai, o aluno no professor, os pobres dando esmolas aos ricos, os leigos rezando missas aos padres.

As pessoas atiravam farinha e confeitos com formas de frutas e ovos umas nas outras (Burke, 1989).

Nesses tempos, entre os rituais mais carnavalescos e famosos estavam os de justiça popular, denominados de “Charivari” (BURKE, 1989, p.222).

Neles, ocorria uma espécie de “serenata de gozação pública” contra, por exemplo, um velho casado com uma jovem ou qualquer um que contraísse segundo matrimônio, um marido traído ou que apanhasse da mulher, ou contra o clero e os fazendeiros.

Um grupo de pessoas cantava músicas difamatórias acompanhadas pela batida de panelas. Os *charivari* eram conhecidos em toda a Europa; podiam se adiar até o carnaval quando os insultos eram permitidos.

A vítima era levada pelas ruas montada de costas para um burro, para mostrar que a quebra das convenções sociais invertia a ordem das coisas. Esse ritual funcionava como controle social para uma comunidade ou paróquia demonstrar seu desagrado às pessoas que transgrediam os costumes e para desencorajar os mal intencionados.

Era o uso de rituais permitidos pela Igreja para controlar a multidão; aparentemente expressavam protesto contra a ordem social, mas funcionavam como contribuições a essa própria ordem.

A esse respeito muitos estudiosos e antropólogos sociais sustentam que o protesto e a suspensão dos tabus servem para reforçá-los e igualmente as inversões de status reafirmam o princípio hierárquico. As classes dominantes permitiam tais anarquias e inversões porque eram cientes de que as desigualdades de riqueza e poder não poderiam sobreviver sem uma válvula de segurança, em que os pobres compensassem suas frustrações (BURKE, 1989: 224-225).

O carnaval oferecia duas perspectivas básicas para analisar e interpretar os muitos aspectos comportamentais da época. A primeira delas era a diferença ostensiva entre os dias da festa e os dias da quaresma – dias *gordos* e dias *magros* – geralmente representados por um homem gordo e outro magro.

Durante a quaresma, a Igreja preconizava o jejum e a abstinência de carnes, ovos, sexo e entretenimentos. O que faltava na quaresma abundava no carnaval. Mas a festa não se opunha apenas à quaresma, mas também à vida cotidiana e ao resto do ano.

“A outra perspectiva era a de que significava coisas diferentes para diferentes pessoas. Resumindo, era o mundo de *pernas para o ar*, como um símbolo de retorno à liberdade de uma época anterior à idade da razão” (BURKE, 1989, p. 215).

Houve um tempo, todavia, em que o deboche deu espaço ao tétrico e ao macabro e tornaram-se conhecidas as Danças Macabras da Alta Idade Média, nas quais homens e mulheres dançavam nos cemitérios diante da morte, que ouvia suas queixas e depois passava a foice” (ARAÚJO, 2003: 41).

Mesmo quando a Igreja deixou de incentivar o carnaval, os noviços dos mosteiros jamais deixaram de organizar suas festas, com danças na própria Igreja e nas ruas, com procissão e missa simulada. Nessas ocasiões, os clérigos usavam máscaras e roupas de

mulheres ou vestiam hábitos de trás para frente, seguravam o missal invertido, jogavam cartas, cantavam cânticos imorais, xingavam a Congregação, as escrituras e liturgias católicas eram parodiadas.

Enfim, em todos esses rituais organizados na própria Igreja, a Instituição era ridicularizada e questionada em todos os eventos de cunho carnavalesco.

Ao lado disso, na Europa Moderna os rituais públicos representavam questionamentos sobre a ordem social, política e religiosa reinante e não raro terminavam em conflitos e rebeliões, como uma forma extraordinária de rito popular, através de ações e não apenas de simbologias.

As autoridades tinham consciência do problema; alguns defendiam a realização de festas mais grandiosas para distrair o povo, enquanto outros discordavam por achar que as grandes reuniões fomentavam o ensejo para a embriaguez e a prática de violência.

Como efeito, no Século XVII intensificou-se o movimento por parte dos Cleros católico e protestante em conjunto com a elite, com o fim de reformar a cultura das massas.

As tentativas já tinham precedentes medievais, mas se firmaram no início da Idade Moderna, quando as vias de transporte melhoraram e os livros passaram a circular com mais facilidade, principalmente nas regiões urbanas da Europa protestante.

Os livros advertiam os leitores sobre os perigos do jogo, da dança, das tavernas e, principalmente, do carnaval.

A Igreja pregava um cristianismo mais livre das superstições e credices populares. Criticava também o culto às imagens e aos vários nomes atribuídos à Virgem Maria e demais santos.

A ênfase era a substituição dos rituais populares pela reforma moral. Gradativamente, os leigos começaram a participar das campanhas da Igreja contra o carnaval e outras práticas do folclore popular.

Como resultado desse movimento de distanciamento, a partir de 1800, na maior parte da Europa, a Igreja, a nobreza, os comerciantes e os profissionais liberais já haviam relegado os festejos da cultura popular às classes baixas, separadas por um abismo de profundas diferenças de concepção de mundo.

Anteriormente, a maioria dos padres tinha nível social semelhante ao de seus fiéis, porém, os reformadores, insatisfeitos com a situação, exigiram um Clero mais culto.

As igrejas protestantes possuíam também considerável maioria de ministros com nível universitário.

A Igreja Católica por sua vez, após o Concílio de Trento, começou a formar seus padres nos seminários e ressaltava a dignidade do sacerdócio. Em consequência, os clérigos ao velho estilo, que punham máscaras, dançavam na Igreja durante as festas e faziam piadas no púlpito, gradativamente deram lugar a um novo padrão de párocos, com status superior e mais distanciados de seus fiéis.

Esse padrão de comportamento se estendeu à nobreza, “agora mais educada e aprendendo a exercer o autocontrole em suas práticas sociais” (BURKE, 1989, p. 292).

O que os reformadores viam de errado na cultura popular?

As objeções eram de fundo teológico, por conter vestígios do antigo paganismo, cujos costumes eram considerados diabólicos e também porque era vista como não cristã, pois nessas ocasiões o povo se entregava à licenciosidade.

A magia também era considerada como uma sobrevivência pagã.

Segundo Burke (1989), o constrangimento diante dos reformadores protestantes, que acusavam os católicos de praticar uma religião mágica incentivou os reformadores católicos a tentar expurgar da cultura popular os sortilégios e as fórmulas mágicas.

No rol das transformações, o carnaval passou a ser atração organizada não só para os habitantes locais, mas também para visitantes e turistas.

As formas grotescas mais espontâneas e participativas de lazer cederam espaço para espetáculos organizados para espectadores.

Outro importante fator que contribuiu para a comercialização da cultura popular centrou-se na elevação dos índices de alfabetização e da criação de gráficas, o que resultou na circulação de livros impressos.

Em 1850, os europeus ocidentais protestantes tinham os índices mais altos de alfabetização, a Suécia tinha 90%, a Escócia 80%, a Inglaterra 70%, Espanha e Itália 25% e Rússia 10%.

Esses índices, além da corte e da burguesia, estavam centrados nos artesãos e pequena minoria nos camponeses.

O aumento da alfabetização, incentivado pela fundação de escolas por parte dos religiosos tanto protestantes como católicos, fazia parte do movimento pela reforma da cultura popular.

Sustentavam que o texto impresso produzia um novo tipo de personalidade, com alta capacidade de empatia e disposição em aceitar transformações.

O Jogo do Entrudo

A palavra entrudo vem do latim (entrouitu) que significa entrar, ou seja, entrada da quaresma.

Originou-se na Península Ibérica, inspirado nas Bacanais e Saturnais greco-romanas e firmou-se no início da oficialização do carnaval cristão, após 590 d.C.

Aprofundou suas raízes em Portugal e durou por 10 a 12 séculos, tendo seu apogeu entre 1200 e 1300.

“O ritual de espargir água destinava-se a banhar as pessoas para que purificassem o corpo, mistura de práticas religiosas anteriores, Judaico-Hindus” (ARAÚJO, 2003, p.38).

As suas práticas eram consideradas verdadeiras batalhas, cujas munições eram pós brancos e coloridos, folhas, ovos, frutas e jatos d’água lançados das janelas das residências ou em grandes seringas.

Tinha características muito agressivas e atingiu o máximo da violência e agressividade entre 1650 e 1750 em Portugal.

A Igreja era contrária ao jogo do entrudo e criou o Jubileu das quarenta horas e editais de proibições em 1817, mas a festa persistiu e somente no século XX introduziram-se outras formas de brincar o carnaval na tentativa de eliminar suas práticas violentas.

No Brasil, o entrudo foi introduzido a partir de 1723, com a chegada dos habitantes (ilhéus) das ilhas portuguesas da Madeira, Açores e Cabo Verde.

Também aqui, o século XX trouxe nova mentalidade e novos interesses, com a introdução do confete, da serpentina e do lança-perfume, que acabaram por desviar as tendências e aí o entrudo se enfraqueceu até se extinguir por completo.

Não obstante a abolição da festa em termos gerais, em Portugal ainda resistem algumas celebrações do entrudo que mantêm a sua singularidade, de acordo com as tradições portuguesas.

Na região de Trás-os-Montes existem em várias aldeias, mas são festas locais e quase privadas. As celebrações são jocosas, trocistas e irônicas, preparadas em segredo pelos mais jovens, que recorrem à sabedoria dos mais velhos a fim de manter a tradição.

As refeições cerimoniais à base de carne de porco são fundamentais e marcam o início do período de abstinência da quaresma. Há também a presença de mascarados endiabrados e ações de punições e correrias. Em algumas aldeias se conserva ainda uma boa parte da licenciosidade selvagem que sempre a caracterizou.

Apesar do entrudo ter sido importado de lá, notam-se divergências entre a festa portuguesa e a brasileira, em relação à sua duração.

A partir da segunda metade do século XX, o carnaval desapareceu completamente em Portugal, restando apenas alguns vestígios do entrudo ao passo que, no Brasil, ‘o carnaval passou a constituir a grande festa nacional, um dos símbolos do país, tendo o entrudo, há tempos, desaparecido’. (QUEIROZ, 1992, p. 61 - 2).

O Carnaval em New Orleans, no Século XIX

Os primeiros registros sobre a existência de comemorações carnavalescas na cidade de New Orleans, nos Estados Unidos da América, datam de 1823.

Segundo os relatos, as manifestações aconteciam pelas ruas da cidade, com negros mascarados dançando, como em uma *Saturnal* da Roma antiga, a que os moradores denominavam de *A Grande Dança do Congo*.

Existia a figura central do *Rei do Velório* (não se sabe ao certo, mas acredita-se que tal denominação baseava-se nas antigas sociedades de sepultamento), que usava uma coroa em forma de pirâmide e trajes cerimoniais ornamentados com fitas e sinos, que emitiam sons durante os movimentos.

A sua performance exigia dançarinos com dotes atléticos que provocassem admiração e tivessem um papel de comando e liderança que não podiam exercer no cotidiano.

Os demais participantes do ritual fantasiavam-se de índios, onde elementos americanos eram misturados às tradições africanas.

Destaque-se que a cidade de New Orleans é culturalmente marcada pelas características dos primeiros colonizadores da Louisiana, os franceses, sendo que hoje a língua falada predominante, o inglês, ainda rivaliza em importância com um dialeto francês utilizado nessa região e em algumas partes do Caribe (Haiti, Martinica, Guadalupe) e da América do Sul (Guiana Francesa).

New Orleans, na verdade, é o produto da interação cultural de três amplas áreas culturais - Europa Ocidental, o vale do Rio Mississipi (USA) e a África Ocidental.

‘Desde que os colonizadores franceses estabeleceram em 1718 uma colônia no Novo Mundo com escravidão africana rodeada por indígenas, a Louisiana é multirracial e multicultural’ (MITCHELL, 2002, p. 42-3). Os africanos incorporaram, em sua própria cultura, influências da cultura europeia do carnaval.

A imigração caribenha reforçou esta influência, bem como outras diversas sociedades do Caribe por sua vez, importaram as tradições festivas de New Orleans.

Além da influência francesa, os alemães católicos e os espanhóis também trouxeram suas tradições carnavalescas.

Os americanos que vieram para a cidade tinham precária noção a respeito da festa, visto que em sua maioria eram protestantes e viam-na como resquício das festividades pagãs; as tradições que trouxeram eram ligadas às festas de Natal e Ano Novo, de origem inglesa.

O carnaval de New Orleans sempre foi o palco para a demonstração das diferenças raciais e ao mesmo tempo período de miscigenação e supressão da separação legal que havia entre brancos e negros.

A mistura da herança africana com outras sociedades escravistas do Novo Mundo firmou suas próprias características e denominou-se tradição *afro-creole*.

A simulação carnavalesca mais peculiar desta tradição era o ritual denominado *Kwore Duga*, em que foliões mascarados montados em cavalos de pau encenavam danças cômicas e lascivas. As suas contorções eram cerimoniais de integração, visto que unia os atores ao público.

Acredita-se que tais performances eram criadas para celebrar o culto religioso tradicional de seu país de origem (África) e que o calendário festivo do carnaval era aproveitado para realizar suas obrigações religiosas e não como diversão.

Mesmo sem entenderem as manifestações negras, os brancos apreciavam muito os rituais, por curiosidade e diversão.

Para compreender o carnaval de New Orleans, deve-se reconhecer que tais danças tinham significados diferentes para pessoas diferentes, visto que atingiam públicos plurais.

Após a Guerra Civil e a Proclamação da Emancipação, pelo então presidente Lincoln, em 01.jan.1863 (liberação dos escravos que viviam em territórios em combate contra o governo federal), os brancos renovaram as tradições do carnaval, utilizando-as como um teatro de protesto.

O carnaval negro permaneceu como algo quase oculto dos observadores brancos. As danças dos *índios negros do Mardi-grass*, em que os negros eram fantasiados de índios, entretanto, perduraram em New Orleans.

O carnaval de New Orleans apresenta diferenças básicas em relação à festa brasileira. O de lá é localizado, considerado uma especialidade daquela cidade e seu conteúdo ideológico é aristocrático.

No Brasil, ele é uma festa generalizada que acontece em todo o país, com algumas pequenas disparidades regionais e, a festividade é marcada pela ‘ideologia do encontro e da comunhão, muito nítida no concurso desinibido dos sexos e das classes sociais’ (DA MATTA, 1973, p. 163).

Como tal, merece um estudo a parte, que contemple não apenas suas origens e transformações, como, sobretudo, o atual debate entre os que defendem suas formas tradicionais de festa popular e os que a transformam em negócio.

A Banalização do Carnaval Contemporâneo

No início da era industrial, começou-se a esboçar um novo modelo de carnaval com características próprias.

A mudança mais notória foi a criação de festas (e de carnaval) de ricos e de pobres, desta feita sem inversão. O carnaval dos pobres subsistiu nas ruas e o dos ricos foi para os salões.

No Século XX, as duas Guerras Mundiais trouxeram significativas mudanças filosóficas, estéticas e morais em nível mundial.

Tais mudanças envolveram também o carnaval. A festa deixou de ser uma constante nas cidades do ocidente.

Algumas poucas cidades (e os exemplos de Nice, Veneza e, mais recentemente, nas cidades brasileiras) passaram a ostentar no seu calendário a simples realização da festa.

De evento popular sem uma forma artística de espetáculo teatral, mas com a forma da própria vida, a festa transformou-se definitivamente em espetáculo, uma atração turística, através de desfiles paramentados, hoje a sua máxima expressão, ou seja, a imagem agindo sobre o social.

A revolução tecnológica, a transformação radical dos costumes da sociedade pós-moderna, a liberação sexual e a civilização do lazer transformaram a esperada festa anual numa sucessão de *carnavais* que acontecem em todos os feriados prolongados e finais de semana das cidades, nos bares, discotecas, boates e as mais diversas formas de lazer noturno.

‘Hoje, as boas festas invariavelmente terminam em carnaval’ (CAMARGO, 2002, p. 30).

Muitas pessoas esperam o período do carnaval para viajar, procurando não as loucuras e as inversões, mas sim a paz e a tranqüilidade, como contraponto de seu louco cotidiano.

A sociedade atual privilegia o lúdico e a ironia, como forma de rejeição à ordem pré-estabelecida.

A inversão dos atores sociais e o tratamento irônico ao uso do poder pela autoridade, fazem parte de um cotidiano tipicamente carnavalesco, mas divergem do vitalismo e da celebração da vida.

A ambivalência cultural de nossos dias mostra a repressão da sociedade, oriunda do domínio da mídia e dos computadores.

A sociedade, contudo, se liberta dela ao gerar uma cumplicidade inesperada e inédita com a tecnologia.

As sociedades derivam para uma desordem de paixões e o sentido orgiástico penetra em todas as instâncias da vida social, regulando inclusive a ética e a estética das relações. Em última instância, trata-se da carnavalização do cotidiano, em que o carnaval, propriamente dito, generaliza-se por secularização (MAFFESOLI, apud ARAUJO, 2003: 48).

Em resumo, a sociedade pós-moderna está caminhando gradativamente para uma *cultura carnavalesca*, na qual o eventual (de evento) transforma-se em habitual.

O carnaval continua exercendo o papel de contraponto com a vida cotidiana, mas não mais na forma paroxística de evento anual e sim pelas suas inúmeras inserções e marcas deixadas em outros eventos ao longo do ano.

CAPÍTULO 2

O EVENTO COMO PRODUTO SECULARIZADO DA FESTA TRADICIONAL

Os eventos, festas e celebrações, reuniões milenares, que sempre preencheram o cotidiano do homem e o acompanharam ao longo de toda a história humana, passaram por uma profunda transformação desde a antiguidade até os dias atuais.

Essa mudança pode ser sintetizada na seguinte observação a demonstrar: na Antiguidade faziam parte do culto e eram realizadas dentro dos templos.

Na Idade Média, saiu dos templos, mas continuou à sombra do templo e do culto; após a revolução industrial, com a secularização da cultura, passaram a estruturar-se sob a égide do mercado.

Para melhor embasar esta proposta, o intuito deste capítulo é extrair da história esses traços essenciais da transformação dos eventos.

O Evento na Antiguidade – Dentro do Templo

Por volta de 4.000 a.C. ocorreu a invenção da cidade, proporcionada por um grande número de descobertas que marcaram, inclusive, o início da civilização humana: a metalurgia, a linguagem escrita, a monarquia, os tributos e, também, a criação do mais antigo calendário do mundo, o Egípcio (ARAUJO, 2003).

Muito tempo antes, por volta de 8.000 a.C., os cuidados com a agricultura já tinham inspirado e incentivado a criação de cultos e festejos ligados à fertilidade.

Os primeiros agrupamentos humanos de porte, chamados de cidade, permitiram, contudo, que tais festejos fossem estruturados e codificados, como as festas agrárias, que desembocaram no Carnaval.

A origem mais remota deste evento está ligada à mitologia egípcia, mas ainda na Antiguidade, diferentes povos assimilaram estas tradições e integraram-nas em seus próprios rituais religiosos - os gregos com as festas rituais em homenagem a Zeus, Dionísio e outros deuses, os romanos com as Bacanais, Luperciais e as Saturnais.

As Bacanais se realizavam em homenagem ao deus romano Baco, que corresponde ao grego Dionísio, a mesma divindade responsável pela origem da vida, da alegria, do vinho, do sexo e perturbador da ordem estabelecida.

A festa das Lupercais, que homenageava o deus Fauno (para os romanos) ou Pã (para os gregos) foi criada pelos sacerdotes lupercos e representava a luta da desordem e do tumulto contra a harmonia, que era a vencedora no final da festa

As Saturnais homenageavam Saturno, o deus romano protetor da agricultura.

Os famosos e antiqüíssimos ritos de Elêusis datam de 1800 a.C. e são também oriundos dos egípcios, mas incorporados pelos gregos.

Consistiam na celebração dos *Augustos Mistérios* pelos grandes iniciados do passado e eram dos mais conhecidos mistérios religiosos gregos.

O Festival dos Mistérios começava no mês de setembro, na época da colheita da uva no povoado de Elêusis, perto da cidade de Atenas.

Os rituais eram realizados em honra à deusa grega Deméter, protetora da agricultura e à egípcia Isis, protetora da natureza e duravam sete dias.

Simultaneamente se realizava também o Festival Hebreu dos Tabernáculos, ou a Festa das Colheitas.

O sacrifício de ambos - pão (agricultura) e vinho (Taberna) - era executado antes dos Mistérios de Iniciação e durante a cerimônia os mesmos eram divulgados aos candidatos interessados em se iniciar.

Os ritos místicos eram similares aos rituais filosóficos das cerimônias sagradas. Não eram transmitidos a todos que desejavam recebê-los, já que certas pessoas eram impedidas pelo arauto, como aquelas que possuíam mãos impuras e voz desarticulada.

A dinâmica integral desses eventos perdeu-se, a se crer em algumas especulações³ com o último hierarca grego, provavelmente por volta do séc. IV d.C.

Restaram às gerações posteriores alguns fragmentos desses rituais.

Após a Iniciação Externa, o postulante deveria receber a Iniciação Interna, que não se fazia no espaço físico do Templo, mas sim no *Templo Interior* do Iniciado, se este o merecesse.

A partir daí os eleitos eram libertos das admoestações do mal.

³ Em seu romance *Juliano*, Gore Vidal fala da persistência desses rituais até a época do referido imperador romano que teria inclusive participado desses ritos.

Sobre esses rituais, Platão dizia que “à iniciação é um símbolo de inefável silêncio e de união com naturezas místicas inteligíveis” (Proclus, *Theology of Plato*, livro IV. TAYLOR, Thomaz . *The Eleusinian and Bacchic Mysteries*, p. 62-67, apud FRANCO, Arthur. *A Idade das Luzes*, 1997, Porto Alegre, RS: Wodan, 1997. Disponível em: <<http://www.geocities.com/athens/oracle>>. Acesso em: 24.set.2003).

Outra celebração festiva dedicada aos deuses do Olimpo era o Festival dos Jogos Olímpicos, na Grécia antiga, um dos maiores e mais importantes eventos da Antiguidade.

Tiveram seu início em 776 a.C., data do primeiro registro dos vencedores e aconteciam de quatro em quatro anos.

Eram realizados no mês de agosto, no Grande Santuário da cidade de Olímpia, que se dividia em um ginásio, um estádio, um hipódromo, a palestra (construção destinada ao treinamento dos atletas), um hotel e dois templos, um para o mais venerado deus grego do Olimpo, Zeus, e outro para Hera, sua esposa e deusa do matrimônio.

De todos os prédios de Olímpia, o mais bonito e importante era o Templo de Zeus, que abrigava a colossal estátua do deus, considerada uma das sete maravilhas do mundo.

A importância atribuída a esse evento devia-se ao grande número de participantes e espectadores presentes, pela marcante repercussão político-religiosa e por conter elevado espírito unificador entre os povos gregos.

Uma das vertentes que o estudam sustenta que o instaurador do famoso Festival foi Atlíon, filho de Zeus, o Grande Júpiter.

Atlíon foi o primeiro rei de Élide, cidade-estado próxima de Olímpia, sendo por esse motivo as competições denominadas de *Atlas* e os participantes de *atletas*.

As mulheres, por serem consideradas seres inferiores, eram proibidas de assistir ao espetáculo.

Este privilégio era privativo de homens e deuses.

Há, porém uma corrente de estudiosos que afirma que o impedimento atingia apenas as mulheres casadas, as virgens podiam comparecer para aprender a admirar o sexo oposto e adquirir gosto pelo casamento.

Os preparativos da festa começavam dez meses antes de sua abertura e quando se aproximava seu início, o arauto divulgava por toda a Grécia a trégua sagrada, que suspendia as guerras por três meses até o final das comemorações.

A partir do século IV a.C. a região de Olímpia foi declarada inviolável.

Os jogos duravam sete dias sendo o primeiro e o último, dedicados às cerimônias religiosas.

Embora as competições esportivas fossem a base dos sete dias do Festival, o caráter religioso era muito acentuado, porquê os jogos sempre representaram um ato sagrado em honra ao supremo Zeus, Senhor do Olimpo.

A vitória conferia alta honraria ao vencedor, sua família e sua cidade natal.

Como prêmio material o vitorioso recebia uma coroa de oliveira.

Atenas premiava seus vencedores patrocinando-lhes alimentação pelo resto de suas vidas.

As homenagens aos campeões consistiam nas coroações, a seguir havia o grande e lauto banquete.

Em seguida vinha o ritual de preparação para os heróis entrarem em suas cidades.

Eram ungidos com óleo, vestidos com roupas de gala e conduzidos em cavalos brancos. Eram recebidos com chuvas de flores ao toque de trombetas.

Gozavam também do privilégio de terem suas estátuas erigidas em madeira de cipreste, pedra, bronze ou mármore.

As esculturas, todavia, obedeciam a regulamentos e deveriam ter tamanhos naturais, visto que as de maiores dimensões eram reservadas às divindades.

O homem não tinha o direito de querer igualar-se a um deus.

Tais rituais ligavam-se ao fato de os vencedores serem considerados pelos gregos como semideuses, cidadãos que receberam sinais da graça divina, favorecidos com o dom da invencibilidade e não podiam ser comparados aos homens comuns.

Segundo Píndaro, poeta dos Jogos Olímpicos, *Quem vencer em Olímpia gozará pelo resto da vida de uma calma doce como o mel.*

Em 369 d.C. foram realizadas as últimas Olimpíadas da Antiguidade.

Em 393 d.C. o Festival dos Jogos Olímpicos, uma das mais extraordinárias contribuições da Grécia Antiga, foi abolido pelo imperador romano Teodósio I, o Grande, convertido ao cristianismo, que proibiu os cultos pagãos a pedido da Igreja Católica.

Embora os Jogos Olímpicos fossem um marco que sobrevive até nossos dias, na Grécia Antiga, entretanto, eles não esgotavam a necessidade, que os gregos possuíam, de homenagear e cultivar os deuses através de celebrações.

Outrossim, haviam outros festivais de menor importância no calendário religioso, mas de igual brilho, que eram realizados nos intervalos dos Olímpicos.

Havia os Jogos Heranos, em honra da deusa Hera, esposa de Zeus. O culto a Hera era quase tão solene quanto o de Zeus.

Eram realizados no maior templo dedicado a ela, construído nas montanhas entre as cidades de Argos e Micenas, e que abrigava sua célebre estátua em ouro e marfim.

Era ali representada como uma bela mulher, jovem, cândida e austera. Vestia uma túnica e um véu.

Sua cabeça era adornada por um diadema, em uma das mãos segurava uma romã e na outra um cetro encimado por um pássaro e por uma granada, pedra preciosa que simbolizava o amor e a fidelidade conjugal.

Os Jogos Heranos eram destinados somente às mulheres. A organização e administração do evento eram de responsabilidade das sacerdotisas da deusa Hera.

Elas também presidiam os ritos religiosos e as provas esportivas.

Havia apenas uma corrida e as competidoras corriam descalças, com os cabelos soltos, usando uma pequena túnica que exibia o ombro e o seio direitos.

Nas demais provas esportivas, vestiam costumes de duas peças.

As vencedoras recebiam como recompensa uma coroa de oliveira selvagem e uma porção de carne de vaca, sacrificada à deusa.

Os Jogos Píticos eram celebrados em honra ao deus Apolo, protetor das profecias, da medicina e da música e também associado ao pastoreio e ao sol. Apolo era também um arqueiro excepcional.

Eram realizados no santuário de Delfos, situado nas encostas do monte Parnaso. Iniciaram em 582 a.C. e duraram até o século IV d.C., quando também foram abolidos por decreto do imperador romano cristão Teodósio.

Esses jogos se diferenciavam dos demais por acrescentar competições artísticas além das esportivas.

Delfos ocupava um espaço privilegiado na vida religiosa dos gregos, pois era considerado o *umbigo do mundo*.

Segundo a lenda, Zeus, interessado em identificar o centro da terra, soltou duas águias, uma de cada canto do universo, que acabaram se encontrando em Delfos.

Conta-se também que a origem do nome veio do próprio deus Apolo para comemorar sua vitória sobre Píton, uma serpente-monstro, filha da mãe-terra e habitante de uma antiqüíssima gruta oracular, que destruía as colheitas, devorava homens e animais.

Apolo matou a serpente e de seu nome derivou o de sua sacerdotisa, a Pitonisa e o nome dos Jogos.

Os vencedores, chamados Pitiônicos, recebiam como prêmios uma palma e uma coroa de folhas de louro.

Como os Olímpionicos, alcançavam fama nacional, tinham o direito de erigir suas estátuas em Delfos e eram eternizados pela arte dos poetas.

Os Jogos Ístmicos eram uma grande festa religiosa em honra de Possêidon, o deus do mar.

Tiveram seu início em 582 a.C. e aconteciam na cidade de Corinto, situada no istmo que liga o Peloponeso ao resto da Grécia Continental, no santuário do deus.

A participação nas competições era permitida apenas aos Gregos no início, mas a partir de 228 a.C. os candidatos romanos passaram a ser admitidos.

. Como recompensa, os vencedores recebiam uma coroa de aipo ou de pinheiro.

Os Jogos Nemeus, uma das quatro grandes festas nacionais da Grécia Antiga, eram realizados em honra de Zeus, na cidade de Neméia, ao norte de Peloponeso.

Ocorriam a cada dois anos, no segundo e quarto ano de cada Olimpíada.

As provas compreendiam as habituais competições atléticas e competições artísticas, de teatro e música. Os prêmios eram uma coroa de aipo ou de carvalho, a árvore sagrada de Zeus.

Sua existência histórica data de 573 a.C. e também se encerrou quando o imperador Teodósio aboliu a realização de todos os jogos, considerados pagãos pela Igreja Católica, embora todos eles fossem realizados em honra de um deus, e celebrassem cultos religiosos em suas aberturas e encerramentos.

Paralelamente aos eventos de cunho religioso, realizavam-se também os eventos cívicos, que visavam conservar a memória humana dos fatos mais significativos para o país, a Coroa e a comunidade.

Não obstante tratem-se de eventos de caráter político e comunitário, estes estavam também sob o domínio do religioso, visto que já desde o início da Antiguidade, os reis chancelavam seu poder com o título de filhos ou representantes da divindade.

As cerimônias públicas assinalavam as datas importantes e transmitiam aos participantes a noção de pertença a uma comunidade e de unidade e identificação com a Coroa.

Destacavam-se as comemorações de batalhas e os festejos da família real.

O primeiro Congresso aconteceu em Corinto em 377 a.C. e reuniu todos os delegados das cidades gregas a fim de elegerem Felipe, o general da Grécia que comandou as lutas contra a Pérsia.

O fim do Império Romano do Ocidente marcou o fim da Antiguidade e as celebrações ditas pagãs se diluíram sob a referência cristã e sob o peso do monoteísmo cristão.

As festas acima mencionadas sobreviveram no que veio a ser chamado de carnaval e, em menor grau, em outras festas.

Ainda eram religiosas, ou, ao menos, controladas pelo calendário religioso, mas não tinham mais lugar dentro do templo e sim, à sua sombra.

O Evento como Festa Religiosa na Idade Média – À Sombra do Templo

A Idade Média representou um grande processo de semeadura e um laboratório de civilização, do qual emergiu o Ocidente, síntese das culturas grega, romana e judaico-cristã.

Foge aos objetivos deste trabalho comparar o papel da religião na Antiguidade e na Idade Média.

Parece claro, contudo, que na Antiguidade a religião politeísta era um mero substrato ideológico da vida familiar e política.

Reis eram pessoas divinas, às vezes dirigiam cultos, mas via de regra se interessavam apenas pela política.

Já na Idade Média, a religião passou a reinar soberana dentro e fora do templo. Bispos na Idade Média e cardeais (até bem recentemente) eram também detentores de poder civil.

A cultura e a educação medievais foram centradas na religião e esta passou a ser referência mais poderosa do que o Estado na definição do permitido e do proibido.

Quando o Cristianismo chegou ao Ocidente, o caráter libertino das festas foi a princípio condenado pela Igreja Católica.

‘Teólogos, Doutores e Papas foram contra o carnaval e as demais festas pagãs’.
(ARAUJO, 2003, p.19).

Aliados ao Estado feudal, impuseram ao culto a seriedade em contraponto ao riso, porém, o povo, indiferente ao oficialismo imposto, respondia nos eventos populares com atos e ritos cômicos.

A Igreja, ao constatar a ineficiência das proibições dos festejos pagãos, arraigados no inconsciente coletivo dos povos, viu-se frente a um sério problema.

Não poderia continuar tratando esses eventos como manifestações religiosas, mas também não podia abrir mão de seu poder de controle sobre manifestações lúdicas, cuja importância para a sociedade intuitivamente conhecia.

Não se conhecem estudos sobre esse assunto especificamente mas, ao menos como hipótese, pode-se aventar a solução encontrada: a festa religiosa.

A festa religiosa teria sido assim, o resultado de uma engenharia cultural que, de um lado, necessitava aceitar e acabou por apreender os costumes lúdicos pagãos, expulsando-os para fora dos templos, mas mantendo-os à sua sombra, incluindo-os no calendário eclesiástico, sempre ligados aos símbolos da religião.

Em decorrência, o período do inverno continuou a ser o período da inversão, sendo permitidas (toleradas, na verdade) comemorações de orgias e permissividades.

A intenção da Igreja era, pouco a pouco, cristianizar as festas pagãs, porém esse intuito nunca foi alcançado.

A Festa de São Nicolau era realizada com início em 06 de dezembro e ia até o Natal.

Conhecido também como Mikulas, Nicolas, Santa Claus, Nicholas of Bari, este santo, quando em vida, foi bispo de Mira, na Turquia.

Viajou pela Terra Santa e Egito, onde converteu muitos homens ao cristianismo.

Faleceu em 32 d.C. e é mais conhecido como São Nicolau de Bari, cidade italiana; suas relíquias foram levadas para lá em 1087 e a partir de então seu culto se estendeu a todo o ocidente.

Diz a tradição que em Mira ele tinha grande afeto para com os meninos pobres e era o seu protetor, que o re-batizaram de Papai Noel. A tradição da figura de Papai Noel se estendeu por toda a França e todos os países nórdicos e particularmente no continente americano, onde levou o nome de Santa Klaus. Sua representação cultural é baseada no costume de dar às crianças um presente no dia de seu padroeiro, cujo folclore mágico se juntou à festa do Natal. (disponível em: <WWW.miragemartigosreligiosos.com.br> acesso em 22.set.2003).

A festa dos Inocentes acontecia logo após o Natal, mais precisamente em 28 de dezembro e era realizada em homenagem às crianças mortas pelo rei Herodes, consideradas os primeiros mártires do Cristianismo.

Segundo o evangelista Mateus, quando Herodes descobriu ter sido enganado pelos magos em relação ao nascimento de Jesus, o Messias, mandou matar em Belém e no seu território, todos os meninos com menos de dois anos de idade.

A festa originou-se no início da era cristã e tinha um caráter jubiloso e não de luto, pois homenageava os meninos do coro e dos serviços do altar, que dirigiam todo o ofício litúrgico ao longo das celebrações.

A Festa dos Loucos iniciava no início do ano novo abrindo os festejos do ano. Era também conhecida como a Festa dos Foliões e celebrada principalmente na França.

Os padres e os componentes do baixo clero vestiam trajes dos seus superiores, colocavam máscaras grotescas e imitavam os rituais da Igreja e da Corte.

“Elegia-se um príncipe da bagunça, um rei palhaço ou um bispo dos loucos para presidir os eventos e encenavam celebrações de missas e cantavam simultaneamente insinuantes modinhas” (COX, 1974, p. 11).

Os costumes e convenções sociais, políticas e religiosas eram satirizados publicamente através das farsas e pantominas que caricaturavam o poder local.

As festividades prosseguiam com a Festa dos Tolos e do Asno, que eram teatros mascarados e igualmente ridicularizavam o clero.

Terminavam com o Carnaval, na quarta-feira de cinzas. Todos esses ritos apresentavam profunda diferença de princípios em relação às cerimônias oficiais sérias da Igreja ou do Estado.

Apresentavam uma visão de mundo não oficial, como um segundo mundo, ao qual os homens da Idade Média pertenciam em determinados períodos.

“A consciência cultural da Idade Média e da civilização renascentista não poderia ser compreendida sem considerar a existência desses dois mundos” (BAKHTIN, 1987, p. 4-5).

Segundo Burke (1989), os homens medievais mediam o tempo pelas festas e entre outras, o carnaval passado era lembrado durante todo o semestre, sendo esquecido pela preparação e espera da próxima festa.

E o ano tinha outras inúmeras festas ao sabor do ritual romano. Festas e mais festas. Quantos dias do ano eram ocupados pelas festas ? E quantas dessas festas justificavam feriados ?

As estatísticas variavam de povo para povo mas, não deixa de ser curioso verificar a designação de todo dia como *feria* (festa em latim), sendo o domingo a *prima feria* e que, no português, todo dia era uma *feria*, não menos curiosamente tendo evoluído semanticamente para feira.

Um longo estudo ainda está por ser feito, tentando mostrar as decorrências desse fato lingüístico na cultura e, em especial, nos excessos de dias feriados (para festas religiosas) no Brasil, ao menos até o início da República, que os reduziu para os poucos atuais.

A Secularização do Evento na Idade Moderna

Os últimos anos da Idade Média e Renascença foram marcados pelo incremento das grandes feiras comerciais, cujo apogeu aconteceria na Idade Moderna, espécie de mercados periódicos, que se estabeleciam em determinadas localidades, onde os mercadores realizavam um comércio internacional.

Geralmente aconteciam uma vez por ano e constituíam um grande acontecimento social muito prestigiado, com festas e competições.

Muitas delas deram origem a cidades e são fatos que, já a partir da segunda metade da Idade Média prenunciavam a Idade Moderna.

Durante a realização das mesmas, eram concedidas liberdades e privilégios especiais, as guerras eram suspensas a fim de assegurar a liberdade e prestigiar o movimento.

As feiras mais antigas e regulares datam de 427 d.C. e eram realizadas na França, na cidade de Champagne.

Duravam até dois meses, eram freqüentadas pelos franceses, italianos e espanhóis abastados e promoviam grande movimento em toda a região.

No período compreendido pela Idade Média, os mercadores pagavam pesados tributos ao clero e, posteriormente, aos nobres, para participarem das feiras e serem protegidos carregados pelos caminhos, quando a elas se dirigiam.

Com o passar dos anos, multiplicaram-se por toda a Europa e as maiores eram realizadas na França, Alemanha e Itália; outras de menor expressão aconteciam na Turquia, Espanha, Inglaterra, Suíça e Áustria.

Em 1110 Paris inaugurou também as Feiras de St.Lazare e a de St.Germain. Em 1211 a Inglaterra inaugurou a Feira de Stourbridge, em 1463 surgiu a Feira de Lyon, em 1505 as de Rouen e Bordeaux, em 1595 a de Toulouse, em 1622 a de S.Lourenço, em 1628 a Alemanha inaugurou a Feira de Leipzig, a mais antiga e famosa do país e em 1689 realizou-se a primeira feira moderna de negócios em Leiden, Holanda.

O processo civilizador da Europa, estudado por Norbert Elias (Burke, 1989), redundou na valorização do *public walk*, do passeio público, do hábito de famílias bem vestidas passearem pela cidade. Atrativos começavam a surgir, inclusive *eventuais* e as tradicionais feiras serviam a esse papel, passando a ser geradoras de outras grandes fontes de riquezas, da venda do entretenimento.

Com a revolução industrial, iniciada em meados do século XVIII, os eventos começaram a sofrer mudanças significativas sob o impacto de um fenômeno bastante estudado, o da secularização.

Podem-se distinguir duas acepções do termo secularização, uma radical e outra atenuada.

No sentido radical, a secularização era a rejeição da religião organizada, *descristianização*.

“No sentido atenuado, pode-se entender a secularização como o declínio na crença do sobrenatural, os medos e esperanças vistos de forma mais terrena, desapegados do sentido religioso e mais ligados ao político” (BURKE, 1989, p.280).

De fato, a característica marcante que define a tendência da cultura na Idade Moderna é a visão racionalista do mundo, marca da sociedade cada vez mais burguesa e voltada para o capitalismo comercial e mercantil.

A coroação do rei medieval era um evento cívico e econômico consumado dentro da Catedral, portanto, sob a égide da religião.

Essa estrutura ideológica desaparecerá sob as influências do Iluminismo e da Revolução Industrial, não obstante a objeção da Igreja Católica, já bastante estudada, reticente em relação a todas as formas de acumulação de bens materiais, mormente as relacionadas ao ágio nos empréstimos (a usura).

As monarquias nacionais impulsionavam o crescimento econômico, contando para tanto com a ameaça velada das doutrinas protestantes concorrentes que equiparavam riqueza material e espiritual, ao mesmo tempo em que desejavam confiscar os bens do clero.

As religiões protestantes (mormente as vertentes calvinistas e puritanas), como os capitalistas nascentes, também eram contrárias ao riso e às brincadeiras, mas defendiam e procuravam conciliar o capitalismo com a fé.

O produto do trabalho (a riqueza) passou a ser encarado como bênção divina.

O desconforto em relação à diversão persiste até os dias atuais em todas as doutrinas religiosas cristãs, tanto católicas como protestantes, pouco à vontade com a sociedade secular e leiga nascida na Idade Contemporânea e com o crescimento do lazer enquanto aspiração coletiva (CAMARGO, 2002: 29).

Os novos industriais e empresários eram contra as festas populares religiosas, posto que começavam a planejar e organizar eventos fechados com caráter de espetáculos, direcionados a turistas e demais participantes, todos pagantes.

Também os ideais literários e sociais formulados implicavam uma rejeição da cultura popular e crescente separação entre os eventos dos pobres e dos ricos.

A produção cultural deslocou-se do domínio da Igreja para o das pessoas comuns, passando assim pelo processo de secularização, ou laicização.

A reforma religiosa ocorreu não apenas no contexto da Igreja, mas também no social, econômico e político.

O fosso entre as duas culturas ampliou-se gradativamente e os festejos populares passaram a ser vistos como acontecimentos exóticos e dignos de registro.

As culturas tradicionais resistiam. Paralelamente a essas transformações, já em meados do século XVII as danças e cantigas populares eram apreciadas por alguns intelectuais,

como se sentissem que precisavam de uma válvula de escape do universo intelectual cartesiano em que viviam. Era o não-científico, o fantástico e o espontâneo que os atraíam, dando-lhes prazer especial, que se tornou tão em moda no seguinte século XVIII juntamente com a noção de que os valores das pessoas comuns não deviam ser rejeitados (BURKE, 1989: 305-306).

Uma tentativa de resistir a esses novos tempos foram também os jogos olímpicos.

O Renascimento dos Jogos Olímpicos

No século XIX a Europa particularmente, iniciou a investigação física da História remotíssima, através da ciência da Arqueologia.

Em 1870 tiveram início extensas escavações na Grécia e descobriram-se rastros da existência de Tróia.

Em 1875 foram achadas as ruínas de Olímpia. Em meio ao sucesso das escavações, Pierre de Fedi, o Barão de Coubertin, um francês apaixonado pelo esporte, professor diplomado em Pedagogia pela Escola Politécnica de Paris, decidiu estudar a história dos Jogos Olímpicos, pois considerava o esporte como um importante instrumento de educação.

Concluiu que a Grécia atingiu sua Idade de Ouro em função dos esportes e do culto ao corpo.

Em 1894 o Barão de Coubertin convocou à Sorbonne representantes de quatorze países, com o objetivo de ressuscitar os Jogos Olímpicos.

Em 1896 Atenas foi escolhida como sede das primeiras Olimpíadas da Era Moderna e o Barão passou a ser conhecido como o Pai dos Jogos Olímpicos Modernos.

Ele almejava que o esporte nascente (futebol, basquete e atletismo eram modalidades recentemente criadas) preservasse o clima sagrado devotado aos Jogos da Antiguidade, tentando com isso opor-se à exploração dos mesmos como *show-business*, no que se viu malgrado, pois foi o que acabou acontecendo.

Se, por um lado, um dos objetivos dos Jogos da Antiguidade, que era forjar a unidade entre as belicosas cidades-estados da Grécia, sobreviveu e permanece até os dias atuais, uma espécie de comunhão entre atletas, que transcende os ressentimentos políticos e as lutas entre nações, por outro lado, não havia mais como se opor à tirania da lógica de mercado, cujos objetivos são tão estudados em economia.

Surgem os eventos, estruturas de hospitalidade criadas para receber, às vezes hospedar, quase sempre alimentar e divertir convidados.

Estas estruturas não são mais como as antigas montadas nos lugares santos. Aqui, as condições de atendimento às expectativas são mais garantidas, porém...pagas.

Os eventos tiveram nas Feiras Internacionais, o seu primeiro modelo moderno, já dessacralizado e propondo-se a extrair lucro, para tanto se aliando, utilizando e exaltando, de braços dados com a tecnologia.

O Surgimento das Grandes Feiras e Exposições Internacionais

Feiras e exposições internacionais foram (e ainda são) acontecimentos planejados e organizados com objetivos específicos, que eram realizados em grandes espaços e atraíam um público espetacular, gerando significativos dividendos econômicos e sociais.

Entre as maiores e mais significativas, destacamos as seguintes:

-1862- Feira Internacional de Southkensington- Londres. Área: 18,61Has.
duração: 5,7 meses. Público: 6 milhões. Expositores: 28.653.

-1873- Feira Internacional do Parque do Prater- Viena. Área: 100 Has. Duração: 6,2 meses. Público: 7,25 milhões. Expositores: 25.760. Países participantes: 35. Tema: 25º aniversário da coroação do Kaiser Franz Joseph.

-1876- local: Fairmount Park, Filadélfia, EUA. Duração 6 meses. Público: 10.165 milhões. Expositores: 60.000. Países Participantes: 50. Tema: Centenário de Independência dos EUA. Atração principal: Independence Hall.

-1889- local: Champs de Mars, Paris. Área: 96Has. Duração: 5,7 meses. Público: 33 milhões. Expositores: 61.722. Tema: Centenário da Revolução Francesa. Atração Principal: Torre Eiffel e Galeria das Máquinas. Na mesma também foi mostrado o fonógrafo de Thomas Edison.

-1893- local: Jackson Park EUA. Área: 277 Has.Duração: 6,1 meses. Público: 27 milhões.Tema: 400 Anos do Descobrimento da América. Atração Principal: White City e Roda Gigante (Ferris Wheel).

-1926- local: League Island, Filadélfia. EUA. Area: 182 Has. Público: 6 milhões. Tema: 150 Anos da Independência dos EUA.

Seria por acaso que Walter Disney tenha declarado que a inspiração para os seus filmes tenha advindo exatamente do impacto provocado em seu espírito pela Exposição Internacional de Filadélfia, em 1926?

O evento moderno surge da especialização progressiva do mercado de trabalho e nada há de se estranhar assim, que os estudos modernos sobre o tema restrinjam-se quase exclusivamente à sua dimensão gerencial, mesmo se alguns eflúvios dos antigos valores presentes nas festas e confraternizações humanas ainda se façam presentes e hoje ressurgam em nome da identidade cultural e da sustentabilidade.

CAPÍTULO 3

O EVENTO COMO RELIGIÃO

Eventos – reunião de pessoas – sentimentos e objetivos afins – isto é banal. Mas o que acontece quando pessoas se unem com os mesmos interesses e com os mesmos sentimentos?

O que acontece no evento parece o mais importante, mas, o que se passa entre os indivíduos presentes pode ser ainda mais importante.

Eles se ligam e se *re-ligam* e participam do mesmo desenrolar da trama do ritual que une pessoas em igrejas.

Evento é oportunidade de manifestação religiosa, esta é uma afirmação possível desde que adotemos uma concepção mais aberta de religião. E o que é religião?

O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa define a palavra religião como segue: ‘Religião: culto prestado a uma divindade; sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, interditas, e que unem em uma mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que aderem a esse sistema’ (FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda et al. Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 11^a ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, s/d).

Partindo desta conceituação, pode-se concluir que os adeptos deste sistema se solidarizam em torno de um ideal comum, preconizado por uma liderança especial, interdita (invisível), de cunho moral e divino, que inspira ações e práticas realizadas em comum, ou seja, dentro de uma comunidade denominada igreja (aqui denominada não no sentido espacial e sim espiritual), cujo líder pode possuir várias denominações, que podem ser Deus, Buda, Jeová, Maomé, *Jissô*, etc.

Neste sentido, conceitua-se a religião como o exercício da fé.

Quando esta igreja se reúne a fim de cultuar e homenagear este líder, esta divindade, e reafirmar a sua proposta e filosofia de vida, esta comunidade está se ligando, se *re-ligando* a ele e entre eles, em um dado espaço e tempo especial, denominado evento, daí a afirmação feita que evento é a oportunidade de manifestação religiosa, também no sentido social.

Neste sentido conceitua-se a religião no seu propósito social.

Se esta visão de religiosidade extrapolar o circuito divino para a vida humana cotidiana, chegar-se-á às práticas comuns do dia a dia, quando as pessoas que comungam as mesmas preferências e ideais, se reúnem para usufruir e partilhar performances apresentadas

pelos seus ídolos, ou mesmo para homenageá-los, quer seja um jogador ou um time de futebol, um cantor, um ator, um conjunto musical, etc, neste caso o significado da religião situa-se no âmbito do profano, da prática da sociabilidade.

A religião é, portanto, em seu sentido prático, não apenas uma crença, mas também uma forma de estruturação do indivíduo em seu meio, na sociedade e na sua vivência, ou seja, no exercício da sociabilidade.

Poucos temas são tão recorrentes na mídia e mesmo na ciência como transformação, revolução.

Isto pode ser um vezo, um bordão, mas não é menos verdade que a contemporaneidade traz como marca a aceleração das mudanças.

Aqui se quer refletir sobre mais uma: o processo de transição pelo qual está passando a sociedade contemporânea, mundialmente e mais acentuadamente no mundo ocidental, o da *tribalização*.

A proposta do presente capítulo, portanto, é expor este processo e refletir sobre ele, que não é novo e sim uma proposta de *re-nascimento*, de volta às antigas origens, revestidas da roupagem inerente ao século XXI.

A Sociedade Pós-moderna

Durante a modernidade, o ocidente vivenciou um processo político-econômico no qual prevalecia a racionalidade, a supervalorização do indivíduo, dentro de uma ordem social mecanicista, em que cada um devia ter uma “função”, ou seja, devia encaixar -se na estrutura instituída, muitas vezes formada por propostas judiciosas e moralistas.

Segundo o sociólogo Michel Maffesoli, a crença do indivíduo senhor de si e de sua estória, passava ao largo do aspecto efêmero do individualismo e do fato de que ele conduzia o indivíduo a um encarceramento, a um “*bunker*”, hoje obsoleto, que estava em perfeita harmonia com a sabedoria modernista, que fazia de cada ser um simples elo de uma cadeia compartimentada do macrocosmo global (MAFFESOLI, 2002 b, p.14).

A sociedade pós-moderna está construindo novos valores, nos quais o cultural está prevalecendo sobre o político-econômico, “dentro de uma perspectiva holística”, onde deverão se excluir as associações e os sistemas de partilha em função de classes, categorias sócio-profissionais, econômicas, partidarismos políticos e outras determinações estabelecidas pelos burocratas do saber (Maffesoli, 2002 b, p.3).

Segundo Maffesoli (2002 b), o eixo que rege a sociedade, até agora de uma ordem essencialmente mecanicista, está se deslocando em direção a uma estrutura orgânica, em que o cotidiano da vida comum, o jogo das aparências, a sensibilidade coletiva, o domínio do imaginário e do intuitivo vêm tomando espaços cada vez maiores.

Ele ressalta que está despontando uma *sacralização* das relações sociais, desprovida de qualquer conteúdo doutrinário.

As grandes convulsões sociais a que o mundo está assistindo, são próprias da fragilidade do que está nascendo, do novo, incerto e imperfeito, que sugere o caos, como um terreno movediço em processo de acomodação.

Estas *ondas* enormes que geram verdadeiros maremotos, como o terrorismo atual, base e produto de conflitos sociais e religiosos, a violência desenfreada, são próprias dos movimentos que permitem a cristalização momentânea de verdades aproximadas, que irão se desvanecer em seguida, substituídas por outras recém descobertas.

A característica social mais forte da pós-modernidade é o vínculo que está se estabelecendo entre a ética da modernidade e a estética do contemporâneo, ou seja, uma nova relação está despontando através de posturas mais conscientes a respeito do ecológico, do culto ao corpo, das emoções partilhadas e do sentimento coletivo.

Época diferente, em que estão nascendo a preocupação com a ambientação, o estar-junto e a estranha compulsão que atrai uns aos outros.

Durante o modernismo, a burguesia ligou o significado de estética aos diversos padrões de bom gosto.

Atualmente, porém, o sentido da palavra se refere à *estética*: “a faculdade comum de sentir e experimentar” (MAFFESOLI: 2002 b:105), isto é, como se vive e como se exprime a sensação coletiva, o estilo de sentir e experimentar conjuntamente, comunitariamente, experiências e emoções como por exemplo: uma tendência musical, esportiva ou religiosa, isto é, a vivência do cotidiano presente, que traduz a sociabilidade atual.

“A moda, o trajar, a linguagem e as ideologias, traduzem bem esta efervescência, esta inflação de sentimentos causada pelo ambiente” (G. Simmel, apud MAFFESOLI, 2002 b, Prefácio) de forma quase animal, que transcende as trajetórias individuais,

É o momento em que o indivíduo não é mais senhor de si próprio e sim um ator que representa um ato escrito por um terceiro, na ação de *fazer como os outros*, influenciado pelo ambiente social que exala uma força exterior, manipula e transforma o ser interior, o indivíduo, despertando-lhe a necessidade de se identificar com os demais, transformando-se e juntando-se a uma multidão sem a intervenção da vontade ou da consciência racionais.

Entretanto, esta não é uma tendência nova, mas sim uma volta ao antigo, à *re-ligação*, visto que “as explosões orgiásticas, as situações fusionais sempre existiram” (MAFFESOLI, 2002 b, Prefácio).

O Surgimento do Neo-tribalismo

Desde o início do cristianismo, as pequenas seitas que se formavam, foram a base da estruturação social que se construiu, ocorrendo o mesmo nos agrupamentos afetivo-religiosos da época.

Nesses grupos, pela estreita proximidade existente, seus membros criavam laços profundos que provocavam uma “grande sinergia da crença de cada um”. (MAFFESOLI: 2002 b, p. 116).

Essa estruturação traz a compreensão do modelo específico que está moldando a socialidade atual: a formação de grupos, de *tribos*, o *neo-tribalismo*, constituído por grupos de afinidades, de interesses e de laços de vizinhança existentes nas grandes metrópoles.

Se diferenciam do antigo tribalismo clássico que induzia à estabilidade dos grupos e, hoje se caracterizam pela fluidez, pela mutabilidade, pelas condensações instantâneas e pontuais que se formam para a seguir se dispersarem.

O *neo-tribalismo* não concebe participar de nenhum projeto político ou ação com finalidade específica, a não ser a preocupação com o presente vivido coletivamente.

As principais propriedades observadas nestes grupos emocionais, as *tribos*, são a transitoriedade, a maleabilidade, a ausência de uma organização rígida, a estrutura simples, a presença do elemento emocional, a solidariedade, a proximidade espacial, a existência de crenças e ideais comuns.

São enfim, características comuns do cotidiano, que muitas vezes têm pouco a ver com a razão, mas que podem dar consistência e solidez ao grupo.

Embora sejam efêmeras, estas *tribos* são entretanto revestidas de uma grande carga emocional momentânea.

Os seus participantes tendem a se mover para outras e assim formar outras, sucessivamente.

As diversas imagens que modelam as *tribos*, como os *punks*, *mauricinhos*, *workaholics*, *patricinhas*, *descolados*, *cabeças*, *gente-bem*, *motoqueiros*, *rappers*, *etc*,

demonstram a sua uniformidade e a sua conformidade, no sentido de possuírem afinidades na aparência, na postura, nas preferências, nas tendências comportamentais e ideológicas, que constituem hoje um espetáculo constante nas grandes cidades.

Os eventos constituem a principal ocasião das *tribos* mostrarem essas conformidades e uniformidades.

Pode-se citar como exemplo, o mega-evento que acontece anualmente no mês de janeiro, na cidade de Salvador-BA, intitulado Festival de Verão.

A prefeitura daquela cidade disponibilizou uma enorme área cercada a alguns quilômetros do centro urbano, em cujo recinto existe espaço para a montagem de no mínimo três imensos palcos ao ar livre, em torno dos quais foram construídas arquibancadas rústicas; outros grandes *salões* de lona cobertos, destinados a danceterias e demais performances.

Existem também espaços à vontade para a montagem de lanchonetes, sorveterias, barracas de comidas e bebidas típicas, além de sanitários portáteis.

Durante uma semana, todas as noites, lá comparecem municiados de seus respectivos bilhetes de ingressos que não são baratos, uma média de trinta mil pessoas.

Multidão composta por desde adolescentes até *jovens maduros*, que passam a noite bebendo, comendo, dançando e compartilhando momentos de êxtase com a presença de seus ídolos em shows musicais e performáticos.

As *tribos* dos motoqueiros também têm seus mega-eventos realizados em grandes espaços reservados pelas prefeituras das cidades, em todos os estados do Brasil e também no exterior.

Jovens de todas as idades comparecem montados em suas reluzentes e bem equipadas motos Harley Davisson, com o intuito específico de compartilharem momentos especiais em reuniões, shows e performances alusivas à categoria com destaque para as corridas de motocross.

Um dos acontecimentos que ajudaram a marcar o então já existente espetáculo das *tribos*, foi o lendário Festival de Woodstock, que aconteceu de 15 a 17 de agosto de 1969, em uma fazenda na cidade de Bethel, estado de Nova York, EUA.

Intitulado de *Woodstock, três dias de paz e música*, reuniu 500.000 pessoas, em que as mais diversas *tribos* estiveram presentes.

As *tribos* dos antiguerras, antinegros, gays e lésbicas, militantes negros, veteranos do Vietnã, estudantes, artistas, motoqueiros, entre muitas outras, compartilharam muita paz, amor, *rock and rool*, sexo e muitas drogas.

Foram notificadas poucas ocorrências policiais, apesar da estrutura precária do espaço.

Deve-se acrescentar, entretanto, que embora este fenômeno seja mais visível nos grandes centros, as médias cidades interioranas, inclusive as brasileiras, já apresentam estes movimentos, sobretudo nos grupos formados por indivíduos mais jovens, pertencentes à classe estudantil.

“Compreender esta multiplicidade de situações, de experiências, de ações lógicas e não lógicas, que constituem a sociabilidade atual e re-conhecer a nobreza dessas massas e *tribos*, exige uma certa aristocracia de espírito” (MAFFESOLI, 2002 b, p.11).

Pode-se observar que a atual transição social apóia-se na substituição do social racional pelo social empático, que rege as relações no interior de cada grupo e define seus contornos espaciais (região, bairro) e ideológicos, bem como o seu grau de aprofundamento e durabilidade.

A empatia está estreitamente ligada ao imaginário humano enquanto desejo comunitário, o sonho é uma constante na realidade presente.

A profundidade em geral oculta-se na superfície dos fatos, ligada à aparência das coisas, age como fio condutor e leva à aceitação e à agregação a um ambiente.

A estética e o estilo são formas do indivíduo se reconhecer, experimentar e se sentir em comunhão.

“Em toda história, há um quarto de realidade e pelo menos três quartos de imaginação (...)” (BAKUNIN, apud MAFFESOLI, 1995, p.11).

O Movimento das Tribos

Por estas observações, poder-se-ia pensar em um quadro demasiadamente harmonioso e, portanto irreal.

Observa-se, entretanto, que neste movimento existe um vaivém entre a atração e a repulsão, pois o equilíbrio existente muitas vezes tem caráter conflitual, em que o atrair e o expulsar compõem-se em torno de uma liderança espontânea.

Esta liderança pode possuir caráter intelectual, ideológico, religioso, acadêmico, etc, que obriga o grupo a equilibrar-se para conviver e usufruir o momento, embora nem sempre sem violência e revoltas, ou ao contrário, pela tolerância e indiferença, que vai resultar e demonstrar a existência de organicidade.

Outro aspecto interessante a ser observado no movimento das *tribos*, relaciona-se a certos comportamentos individuais, como o culto ao corpo, a dietética, o trajar, a rotina esportiva, a valorização do tempo livre.

Mostram que, inversamente ao que sugere o individualismo, na verdade tais atitudes são tomadas sob “o olhar do outro” e “para o outro”, o que remete claramente ao “hedonismo tribal” (MAFFESOLI, 1995, p.56).

São importantes porquê representam jogos de aparência que fazem parte da teatralidade, onde cada um é simultaneamente ator e espectador.

Todos estes gestos se fundem como uma busca de um cimento, uma base que permita ao grupo ter consciência de si mesmo, dando aos seus componentes autoconfiança, uma auto-referência que oferece uma sensação de não finitude, de ausência de morte – morte que o ser humano se recusa a encarar como uma realidade concreta.

Esta questão sempre existiu, mas a sua busca assume aspectos diferentes a cada época.

No modernismo buscava-se a autoconfiança no indivíduo, no racional, no econômico e nos ideais pré-determinados, o que resultava no distanciamento.

Atualmente se observa esta busca no elemento tátil, na proximidade, nas comunidades, nos fatos menores do dia a dia, vividos por eles mesmos e não em função de um ideal maior para o futuro.

Todas as posturas implícitas nesta nova forma de sociabilidade estão baseadas na saturação do político, no enfraquecimento da crença na evolução racional, com o conseqüente surgimento de novos valores, da valorização do qualitativo, do sentimento religioso (*re-ligare*) e da importância da imagem, que pode ser sentida na predominância da televisão e da mídia.

Aqui o termo religioso refere-se ao sentido de ligação orgânica, em que interagem a natureza, a sociedade, os grupos e a massa e causam impacto no imaginário coletivo.

Uma religiosidade que caminha paralela à desinstitucionalização, mostrando claramente o enfraquecimento dos macro-sistemas e estruturas rígidas.

Esta inteiração conduz a um processo de estética simbiótica, ou seja, uma correspondência entre o ambiente social e o ambiente natural, em que cada elemento é necessário à estruturação da globalidade atual.

Existe a consciência de que o indivíduo não pode existir isolado, porquê está ligado a uma comunidade pela cultura, pela comunicação, pelo lazer, pelos hábitos e costumes.

A Potência Invisível

Existe nesta correspondência, uma força não visível que contamina o mundo e que pode ser observada na ecologia e na atual religiosidade ambiental, bem como nessa força que aglutina pessoas, como que fossem os astros no espaço, agrupados ao redor do sol.

Este movimento gera um vitalismo invisível que Maffesoli intitula “potência subterrânea” ou “potência invisível” (2002 b, p.31).

Esta move e agrega todas as comunidades mundiais esparsas, mas, ligadas numa arquitetura diferenciada que expressa uma harmonia conflitual, responsável pelas explosões de revolta em toda a história humana, bem como pelo transcorrer de uma “calma existência linear”, ou seja, a capacidade de resistência encontrada nas massas.

“Não obstante as guerras e as carnificinas, os esplendores e as decadências, permite que o ser humano continue a prosperar”. (MAFFESOLI, 2002 b, 46-54-60).

Observa-se que em épocas de baixa permeabilização do político pelas massas, ocorre uma elevação de penetração do social, com a predominância de valores mais cotidianos.

Essa “saturação do político” pode ser melhor entendida analisando -se que existe uma “resistência antropológica” das massas a toda espécie de poder (MAFFESOLI, 2002 b, p. 46, 69).

Tal resistência pode se abrandar ou acentuar através do silêncio, da luta, da passividade ou do escárnio.

Na sociedade atual, ela sobrevive e se fortalece através das diversas *tribos* existentes.

É a ação da *potência invisível* contra o poder, que age dissimuladamente para sobreviver e que acaba produzindo maior elasticidade nas estruturas de poder e unificação.

Esta ação resulta em novas formas de sociabilidade em todos os setores da vida, injetando dinamismo na intelectualidade, na economia, na espiritualidade e na própria sociedade.

Pode-se traduzir como o recuo do jogo político para ceder espaço ao fortalecimento do instinto vital de preservação humana.

Com esta postura, a *consciência coletiva* do povo age e faz tudo *como se fosse*, ou seja, apresenta uma duplicidade comportamental no sentido de participar e simultaneamente se reservar, com o intuito de favorecer a resistência e fortalecer a *potência invisível*.

“Tudo o que é profundo ama a máscara... todo espírito profundo tem necessidade de uma máscara. Direi ainda mais: à volta de todo espírito profundo cresce e floresce sem cessar uma máscara”. (NIETZSCHE, apud Maffesoli 2002 b, p.72).

Estes fatos já são visíveis, apesar da grande predominância de catastrofismo social e religioso vigentes, e deixam entrever o retorno ou a revalorização de um “politeísmo cultural” (MAFFESOLI, 2002 b, p. 49,53).

É a existência de forças alternativas ressurgindo na nova configuração social em construção, que sinaliza uma ordem orgânica, uma religião (re-ligação) através da proximidade, conforme a visão de vários cientistas, que veriam a religião das ciências da natureza com as ciências do espírito, a qual foi interrompida no século XIX.

Usando uma metáfora, teria a pretensão de preencher os “buracos negros da sociedade, à maneira das estrelas que morrem em nosso espaço-tempo para nascer em um novo espaço-tempo” (MAFFESOLI, 2002b, p.53).

Esta fusão, do material com o imaterial, favorece a busca do outro sem objetivos específicos, mas apenas para o fluir, usufruir o momento presente, na busca do ideal comunitário, onde o diferente corre o risco de ser excluído.

A era atual está assistindo à crescente multiplicação de *aldeias* dentro das médias e grandes cidades, porquê a vida social se estabelece a partir da proximidade territorial e do *saber* daquele lugar.

“É no calor de uma emoção comum que se solda um bloco compacto e sólido, todos se fundem num conjunto que possui sua própria autonomia e dinâmica específica” (MAFFESOLI;2002 b, p. 82).

Entretanto, o modernismo insistiu tanto na desumanização e no desencantamento do mundo moderno e na solidão que este encerra, que atualmente nem sempre se visualizam com facilidade as redes de solidariedade, que sobreviveram e continuam proliferando.

Espaço e Evento Tribal

E quais são os espaços mais apropriados e comumente eleitos para a *prática do tribalismo* citado e exemplificado?

Geralmente acontecem nos grandes eventos, de qualquer natureza, em vastos espaços ao ar livre, às vezes distantes dos centros urbanos.

São usados para mega shows, que pela própria extensão e pela inexistência de quaisquer vestígios de familiaridade e total ausência de identidade, se tornam os espaços

ideais para as reuniões *tribais*, onde os seus membros confraternizam e comungam as preferências e ideologias próprias, fazendo daquele não-espço, o *seu espaço* momentaneamente, num êxtase religioso (*re-ligare*) e experimentam um real sentimento coletivo de reapropriação da existência.

Também podem acontecer em estádios, praças e parques públicos, *shopping centers*, centros esportivos, campus escolares, teatros, centros de convenções e até mesmo nas igrejas.

As *tribos* se formam das massas e dentro das massas para usufruírem entre si os efêmeros momentos de grandes emoções, às vezes pacíficas e outras vezes convulsionárias.

Para os usuais encontros do dia a dia, as reuniões tribais acontecem em espaços já identificados, como os bares, restaurantes, cafés, botequins etc, que personificam cada tribo, ou seja, que têm a sua *cara* e oferecem serviços e entretenimentos de acordo com suas preferências e ideologias.

Aquele barzinho, por exemplo, com música ao vivo, onde só se apresentam em eventos, músicos ligados à MPB (música popular brasileira), as paredes são decoradas com os seus ídolos, os drinques e as comidas têm origem brasileira e denominações ligadas ao tema e lá só comparecem pessoas ligadas ao *clã*, pois os estranhos se auto-excluem automaticamente.

As reuniões tribais acontecem também nos festivais de cultura tradicional, nas festas folclóricas, nas feiras de produtos agro-pecuários de tal ou qual região que, apesar de apresentarem o seu aspecto comercial, representam também os laços, o sentimento coletivo que uma sociedade tem de si mesma.

Impulso de sociabilidade irreprimível, que para se expressar, usa o espaço e o evento como pano de fundo, e reafirma sua própria identidade.

Maffesoli (2002b) ressalta que a presente valorização da empatia na sociabilidade permite compreender as situações de fusão e a saída de si mesmo em prol do grupo.

Isto está em “perfeita congruência com o domínio da imagem”, do espetáculo e com o desenvolvimento das multidões esportivas, estudantis, turísticas (MAFFESOLI, 2002 b, p.106).

Existem exemplos dos mais diversos tipos de eventos de pequeno e grande porte, onde o paroxismo da multidão é alcançado através da teatralidade, estudada e dirigida para aquele fim específico e assegura a função e o objetivo do espetáculo: a comunhão, que conduz à religião, no sentido de re-ligação.

No campo da política, Adolf Hitler, por exemplo, o grande ditador que levou o mundo à segunda guerra mundial, usava seu carisma e poder representativo para lenificar e aglutinar as massas a seu favor em grandes eventos.

Ele entendia, como é dito em sua obra MEIN KAMPF (Capítulo 6, disponível em: <<http://www.us-israel.org/jsource/Holocausto> >. Acesso em 23.abr.2004) que a função da propaganda contida em um discurso político, é chamar a atenção do público para fatos.

Deve seguir uma linha simples, em correspondência com as táticas básicas da psicologia objetiva e clara, sem almejar um estudo profundo da verdade.

Necessita ser popular e perfeitamente ajustada à capacidade mental do público alvo, evitando excessos de intelectualidade e conotações científicas, com o objetivo de atingir o ponto emocional mais elevado do público e, compreendendo os seus ideais emocionais, chegar ao seu coração.

Segundo Hitler, a capacidade receptiva das massas é muito limitada, sua inteligência é pequena e seu poder de esquecimento é grande, sendo assim, o discurso eficaz deve se limitar a poucos pontos e principais *slogans* e ser persistente até que o último participante compreenda a mensagem emitida.

Na área dos eventos televisivos, o camelô Silvio Santos chegou a proprietário de uma rede de televisão de abrangência nacional e uma cadeia de empresas, através de seu poder comunicativo e persuasivo e pelo gosto ao teatro e ao espetáculo popular.

Este poder aglutina as massas nas noites em que apresenta seu programa, cuja audiência atinge picos inéditos durante anos a fio, a despeito das muitas tentativas de outros apresentadores no vão intuito de suplantá-lo.

Sua arma principal é a grande habilidade que possui para lidar com o emocional do seu público, manipulando e atingindo seus sonhos e ideais e levando-o à indubitável fé e esperança de alcançá-los.

E o que dizer dos diversos líderes esportivos, como o craque do futebol argentino Diego Maradona, cuja *religião maradonista*, possui incontáveis adeptos na Argentina e pelo mundo afora.

Esta *religião* gera um verdadeiro fanatismo esportivo, feito de uma idolatria a toda prova ao seu ídolo, indiferente aos diversos percalços por que tem passado o jogador, chegando a recrudescer a cada acontecimento em que o mesmo se envolve.

O ídolo Ayrton Senna também representa um forte fenômeno de identificação e idolatria com e pelas massas.

Apesar de pertencer a uma categoria de eventos esportivos mais elitizados como a Fórmula Um, a sua persistência e determinação frente aos desafios e a sua postura emocional e até mesmo passional ao enfrentar os obstáculos e ao comemorar as vitórias, eletrizava o

mundo, reunia multidões nos autódromos e frente às televisões, levando as pessoas à comoção, às lágrimas e ao paroxismo emocional a cada espetáculo.

O fenômeno Elvis Presley é de difícil explicação, visto que o cantor e ator, que foi famoso em vida como o rei do rock e reunia multidões em megaeventos, após sua morte em 1977, tornou-se um ícone insuplantável do mundo pop.

Existem legiões de fãs-clubes espalhados ao redor do planeta. Seu túmulo e suas antigas residências transformaram-se em santuários de romarias permanentes dos seus admiradores, que acorrem de todas as partes do mundo para visitas, orações e entrega de flores.

John Lennon, compositor e cantor do grupo The Beatles, após a dissolução do conjunto em 1970, iniciou a carreira solo com um trabalho criativo e engajado pela paz mundial e contra a guerra do Vietnam.

Com o disco intitulado *Imagine* correu o mundo em eventos beneficentes e usava sua influência para atos e performances de protesto contra a guerra, acompanhado pela esposa Yoko Ono e vários artistas que cultivavam o mesmo ideal.

Estava no auge de sua carreira quando foi assassinado em 1980 por um fã fanático.

Todos os que se irmanavam e ainda hoje se irmanam na luta pela paz veneram o mito e cantam suas canções como verdadeiras orações e hinos, que produzem permanentemente a religião das *tribos* que agregam jovens e senhores de todo o mundo em torno de um mesmo ideal.

Até mesmo a religião institucionalizada se beneficia desta propriedade do evento: pessoas que se religam cotidianamente nos cultos escolhem os eventos como testemunho inequívoco de sua *religação*.

Pode-se mencionar como exemplo, as missas do padre Marcelo, do Papa e os encontros de evangélicos em estádios de futebol.

Qual é o poder, a força que os personagens citados têm em comum que arrastam multidões para os mega-eventos?

Ou é o poder de aglutinação do evento que mobiliza as massas e seus ídolos?

Segundo Maffesoli, os diversos tipos de fanatismos atuais, sejam religiosos, étnicos, esportivos, musicais, etc, dão um novo sentido a elementos arcaicos emocionais que sempre pontuaram a vida social e tinham por função reforçar o estar-junto dos que participavam dos mesmos mistérios e, hoje se reportam à organização do presente com o fim de torná-lo “o mais hedonista possível” (MAFFESOLI, 1995:16, 17).

Os *fiéis* visualizam um conjunto de imagens que acabam por produzir uma consciência coletiva, que serve de suporte, simultaneamente ao corpo social e às diversas *tribos* que dele participam e que reforça o sentimento de pertença a uma sociedade.

Ainda segundo ele, estas manifestações do imaginário, do simbólico, do jogo de aparências, ocupam um lugar primordial na vida do ser humano, posto que as “imagens representam hieróglifos, pelos quais uma sociedade se diz e se vive (...) e são certamente sinais do sagrado pelo qual se mantém um conjunto social, o que lhe assegura raízes e reforça seu ser” (MAFFESOLI, 1995, p.18).

CAPÍTULO 4

O EVENTO COMO DROGA

Os eventos certamente são ocasiões propícias para o consumo de drogas permitidas (álcool e tabaco) e proibidas (maconha, ecxtasy e outros), principalmente nos eventos direcionados ao público jovem.

Jovens, música e drogas são combinações freqüentes, e apesar de ainda não existir comprovação científica, é histórico se associar o uso de drogas a eventos musicais e também a outros, como os jogos de futebol, onde se consome muita bebida alcoólica já que, desde os primórdios, faz parte da humanidade a utilização de substâncias químicas que alteram o estado da consciência e o humor.

Mas, não é disso que tratará este capítulo.

O que se pretende demonstrar é uma realidade bem mais sutil e da qual os organizadores de eventos nem sempre se dão conta: que muitas vezes o evento pode provocar efeito semelhante ao da droga, ou, ainda que correndo o risco de um certo exagero, que o evento pode ser uma droga, um indutor da alteração do campo de consciência.

Para dar conta desse desafio, o presente capítulo vai recorrer ao pensamento de autores como Aldous Huxley (1973), Michel Maffesoli (1995, 2002 b) e James Hilmann (1993).

Também ilustrará as assertivas com exemplos extraídos de eventos como os grandes festivais de música pop e rock realizados no Brasil como o *Rock in Rio*, no mundo, como o famoso Festival de Woodstock nos Estados Unidos.

Os eventos religiosos, como as missas realizadas no Santuário do Terço Bizantino pelo Padre Marcelo Rossi, os cultos evangélicos realizados pela Igreja Universal do Reino de Deus, do bispo Edir Macedo, eventos esportivos e outros complementarão as ilustrações.

Este capítulo pretende analisar o evento em uma de suas características mais marcantes, ainda que não corriqueira nem freqüente: a alteração da consciência.

Tomando como base textos dos autores citados acima, tentar-se-á demonstrar como os eventos, ao propiciar a proximidade entre iguais podem levar ao paroxismo das emoções, a comportamentos individuais inesperados, em outras palavras, a cumprir a função da droga.

O Desejo Humano de Autotranscendência

Refletindo sobre os motivos que levam pessoas a buscar experiências inusitadas, a ter posturas e atitudes, das quais nem elas próprias suspeitariam ser capazes, pode-se concluir que o ser humano, em qualquer época, sempre desejou profundamente viver a experiência da autotranscendência.

Não obstante, a sua resistência em enfrentar as situações difíceis que lhe são impostas na busca da elevação espiritual, quase sempre ele opta pela via fácil da autolibertação, no outro extremo de sua personalidade.

Na verdade, ele procura fugir da consciência de que é apenas o que é.

Neste caminho mais fácil, ele geralmente se encontra com o lenitivo das drogas, iniciando pelas mais leves, como o álcool e o tabaco, à procura do *algo mais* que lhe falta interiormente.

Imagina então que deverá encontrá-lo saindo de si, da consciência do seu mundo tacanho.

Por todo o planeta, existem milhões de alcoólatras contumazes, muitos são doentes mentais e ou físicos irrecuperáveis, chegando o alcoolismo a gerar muitas mortes prematuras.

Em relação ao tabagismo, as estatísticas são parecidas, não obstante a propaganda maciça contra o vício do cigarro e suas conseqüências, associado ao crime organizado.

Como já foi exposto acima, desde que o homem descobriu os variados tipos de drogas e alucinógenos, eles sempre foram largamente consumidos.

Segundo Huxley (1973), na Europa ocidental, entre os celtas e os teutões, durante toda a Idade Média o consumo de álcool era maior do que é hoje.

Nessa época, a abstinência ao álcool e o consumo de água eram impostos aos malfeitores como castigo, considerado inclusive pela Igreja como uma severa penitência.

Os cidadãos que não apreciavam as bebidas alcoólicas, eram vistos de forma pejorativa pela sociedade e adquiriam apelidos depreciativos e jocosos, como *bevilacqua*, *boileau*, *drinkwater*.

As drogas e alucinógenos extraídos da natureza, foram sendo aperfeiçoados ao longo dos tempos, com a finalidade de aprofundar seus efeitos; os narcóticos sintéticos, desde a primeira experiência vêm aumentando os seus poderes de alucinação e aliciamento.

Desde o ópio, o curare, o cânhamo indiano, a cocaína dos Andes, o fungo siberiano e todas as plantas que causam entorpecimentos, excitação cerebral e provocam visões quando ingeridas, já eram conhecidas e usadas desde tempos imemoriais.

Tal fato leva a crer que o homem sempre se sentiu inadequado em sua existência pessoal, ou seja, sempre se ressentiu da “miséria de ser apenas o seu eu insulado e não outra coisa maior” (HUXLEY, 1973, p.320).

Explorando o mundo à sua volta, o homem primitivo experimentou todas as coisas que o cercavam e se fixou no bem.

Em relação à sua sobrevivência, o primitivo soube escolher todas as coisas da natureza que lhe fizessem bem.

Entretanto, no que tange a sua satisfação interior, sempre buscou também na natureza, elementos que lhe proporcionassem a autotranscendência.

Percebeu com a prática, que os *venenos* da natureza causavam malefícios à sua saúde além de dependência, porém, nunca se importou, tamanha é a sua ansiedade em buscar outros estados de consciência.

Apesar dos malefícios provocados, as drogas e seus efeitos eram considerados pelos primitivos como “intrinsecamente divinas” (HUXLEY: 1973, p.321) e ainda hoje o seu uso persiste como prática religiosa em várias culturas do planeta.

Da chuva da Amazônia brota um dos catalisadores mais potentes para a expansão da consciência.

Na Amazônia equatoriana e na peruana, ele é conhecido como *Ayahuasca*. Na parte colombiana e na brasileira, é chamado de *Daime*, largamente conhecido nos cultos xamânicos e mestiços originados naquela região e espalhados por várias partes do Brasil.

Trata-se de uma beberagem oriunda do cozimento de duas plantas; uma mistura de duas espécies diferentes, que separadamente não têm poder psicótico em doses orais, mas juntas resultam numa substância alucinógena, cujo potencial varia conforme a habilidade do fabricante.

Os nomes científicos são *banisteriopsis caapi* e *psychotria viridis* (dimethyl e tryptamine ou DMT), possuem alcalóides psicoativos que induzem ao que se descreve como a mais profunda de todas as experiências psicodélicas.

Plantas alucinógenas são utilizadas desde os primórdios por várias culturas. Segundo os usuários, os elementos dessas plantas agem como intermediadores entre o mundo imediato e as infinitas dimensões espirituais do universo.

O objetivo dos devotos é acessar essas dimensões em outros estágios de consciência e se conectar com a natureza.

Existem vários grupos religiosos brasileiros que utilizam essa bebida em eventos destinados a autotranscendência coletiva.

Os mais conhecidos são Santo Daime, Barquinha (originários do Estado do Acre) e União do Vegetal (originário do Estado de Rondônia).

Todos os três representam reconfigurações do sincretismo cristão católico, do espiritismo kardecista, dos cultos afro-brasileiros, como a umbanda e o candomblé e do vegetalismo amazônico (curandeirismo caboclo amazônico).

Todos utilizam a ayahuasca, comumente chamada de *oaska* durante suas celebrações religiosas.

As filosofias dos três grupos são relativamente similares, quer seja, de livrar a humanidade da ilusão e dos sofrimentos, promovendo a sua purificação espiritual e a cura de todos os seus malefícios, através da alteração da consciência provocada pela ingestão do referido chá.

Os rituais são entremeados de cantos e danças ritmadas, *encantamentos*, aplicação de passes e doutrinação de espíritos e vão da incorporação de entidades ao desprendimento do corpo a fim de atingir outros níveis astrais.

O uso de drogas foi também, segundo Huxley (1973), uma parte da religiosidade dos povos gregos, os do oriente médio e outros.

Na Grécia antiga, durante a celebração dos Mistérios de Elêusis, dedicada à deusa Deméter na primavera, os iniciados bebiam uma poção denominada *Kykeon*.

O nome dado a esses cultos, *Mistérios*, dava-se em função de que apenas os iniciados tinham acesso às tais celebrações, após atenderem a uma série de exigências e aprendizados, realmente misteriosos e cercados de misticismo.

Entre os celtas, os efeitos produzidos pela cerveja eram chamados de deus Sabázios; entre os antigos romanos, o deus Dionísio representava a realização sobrenatural dos efeitos mentais provocados pelo vinho.

Na era atual, os tóxicos não são mais cultuados como deuses teoricamente, mas as práticas não se alteraram.

Outro sucedâneo das drogas, que atua também como uma experiência de alteridade do eu, é a sensualidade e a prática sexual, desatreladas do amor.

Na antiguidade, foi cultuada como um deus, também pela fecundidade, mas mais acentuadamente pelo radical e efêmero *exorcismo* do eu.

Huxley (1973) situa a sexualidade primitiva em duas vertentes: a primeira é natural e inocente e a segunda é moral e “esteticamente esquelética”, sórdida. Ambas têm o poder de levar o indivíduo além dos limites do seu eu insulado (p.322).

A segunda tem o triste poder de despertar a consciência ao deixar a lembrança de uma alienação maior que a primeira. Daí a atração mais forte e constante pela depravação sentida por alguns indivíduos.

O Evento como Meio de Autotranscendência Horizontal⁴

Entretanto, existem outras formas de transcendência e está entre elas, aquela que acontece nos grandes eventos, nas multidões aglutinadas com os mais variados fins, como shows de artistas famosos, festivais de música, comícios políticos, encontros religiosos e outros.

Nas comunidades tidas como mais civilizadas, as sociedades condenam e as leis reprimem o uso de entorpecentes e sexo depravante.

Em relação aos delírios das multidões, porém, a autotranscendência causada pela toxidade exercida na multidão, geralmente é encarada de forma mais reticente pelas autoridades, apesar de sua maior periculosidade sobre a ordem.

Parece que a sociedade supõe saber se proteger com mais objetividade dela do que em relação aos excessos sexuais e aos vícios.

Para as defesas contra os delírios da multidão e as suas múltiplas conseqüências, que muitas vezes são desastrosas, existe um menor senso de prevenção via de regra.

O fato de ser um entre a multidão, liberta o homem da consciência de ser um indivíduo e leva-o a um “estágio infrapessoal, onde não existe senso de responsabilidade, bem ou mal, pensamentos ou discriminações” (HUXLEY, 1973, p. 323).

O indivíduo mantém apenas uma vaga sensação de estar partilhando uma excitação, um êxtase coletivo, cuja durabilidade é muito maior e mais completa e, o dia seguinte não lhe causa tanto sentimento de vácuo quanto à alienação provocada pelos tóxicos ou a depravação sexual.

⁴ Huxley fala de autotranscendência *horizontal*, para designar a ligação com os outros, a *vertical ascendente* para a ligação com o sagrado e da *descendente* para designar a ligação com o demoníaco.

Acrescenta-se a isso o principal elemento, a ausência de culpa, porque não há a identidade individual e a tolerância da sociedade é maior em relação ao fato, o que vem conseqüentemente enfatizar a irresponsabilidade anti-social.

Acontece que o mesmo indivíduo, enquanto elemento identificado da sociedade, impõe-se manter uma consciência de seus limites junto aos grupos de sua convivência, mantendo a capacidade de livre-arbítrio e retidão perante os princípios morais.

Para exemplificar essa autotranscendência horizontal das multidões, se pode citar o famoso festival de rock intitulado *Rock in Rio*.

O empresário Roberto Medina abraçou em 1985, a aventura de promover um festival de música que contasse com a presença de grandes artistas internacionais e inserisse o Brasil no circuito do *show-business* internacional.

Essa idéia fez com que ele cruzasse fronteiras, a fim de reunir no Brasil algumas das maiores estrelas da música mundial e também nacional.

Foi construída uma mega-cidade do rock em um espaço com 250.000 m² no município do Rio de Janeiro, onde foi montada uma sofisticada estrutura de som, iluminação, palcos, central de alimentação, assistência médica e demais apoios necessários.

Não era apenas um festival de verão, era uma cidade temática de lazer e música. A cidade do *Rock ferveu* durante dez dias, tudo acontecendo ao mesmo tempo, o sonho se transformando em realidade.

Reuniu 1.380.000 pessoas e se repetiu nos anos de 1991, 2001 e agora recentemente em Lisboa, Portugal.

Além da música, esses dias propiciaram aos jovens de todo o país e turistas de outras nações, reunirem suas *tribos* e congraçar momentos de alegria, música, êxtase e vertigem.

Entre outros eventos nacionais de menor repercussões, também figuram o Festival de Verão de Salvador, já abordado no capítulo anterior, o *Brasília Music Festival* e muitos espalhados pelas diversas capitais brasileiras.

O mega-evento musical de rock internacional mais famoso mundialmente, por ter sido o pioneiro, foi o Festival de Woodstock, nos Estados Unidos, em 1969.

Seu slogan foi *muito rock, paz e amor*, reuniu cerca de 500.000 jovens em uma fazenda, naquele tempo considerado um prodígio em quantidade de pessoas reunidas num mesmo período em estruturas precárias, com um mesmo fim, cantar, dançar e promover a autotranscendência coletiva em clima de relativa harmonia e paz.

Quais os principais elementos de um evento de sucesso e repercussão mundial tão retumbante?

Segundo autoridades e estudiosos do tema, festivais desse porte são ocasiões ideais para reunir o público alvo desse tipo de campanha: os jovens, a faixa etária mais vulnerável ao fascínio dos entorpecentes.

Pode se observar nesses eventos, que nem todas as *tribos* participantes fazem dos estupefacientes químicos a sua varinha mágica de transporte para a fantasia e o êxtase.

Existe nesses eventos, como já foi dito, um *clima* que emana por entre a multidão de corpos unidos, um calor que faz alastrar a emoção e apaga as identidades individuais, formando um só corpo social.

Essa adrenalina coletiva que percorre todo o espaço induz esse corpo, essa massa única, a transcender o entusiasmo comum e chegar ao apogeu de sentimentos e sensações incontroláveis, atingindo o êxtase total.

Cientes desse fato, os organizadores desse tipo de evento, vêm tentando aliar essa *força invisível* à música, para justamente conter a ingestão de drogas químicas, ou seja, usar o poder da *droga natural* dos eventos contra a droga fabricada nos laboratórios.

Isso já é feito há muito tempo em campanhas mundiais, nas quais são usados vídeos de atletas bem sucedidos em altas performances, utilizando tão somente o poder da *droga interior* latente no ser humano.

Segundo consta, o estímulo à difusão dessa droga natural, muitas vezes apresenta maior eficácia que a repressão, no tratamento de viciados em entorpecentes químicos.

Existe um outro fator, de caráter externo, que também parece influenciar bastante o apelo emocional da multidão: o papel social que os organizadores imputam a esses festivais, trazendo ao evento um objetivo adicional, o da mobilização de pessoas em função da inserção social.

A cada dia, mais eventos desse tipo destinam uma parcela de sua receita líquida ao apoio de comunidades carentes, a jovens em sua maioria favelados, que por intermédio das Ongs, recebem auxílio para concluir seus estudos fundamentais, assim como demais projetos em prol da melhoria dessas comunidades.

O *Rock in Rio* realizado em 2001 no Rio de Janeiro, foi intitulado *Rock in Rio por um mundo melhor*, onde inclusive a Unesco participou com o tema: cultivando vidas, desarmando a violência.

Essas ações sociais constituem ou integram o fenômeno da transcendência emocional que se apossa das multidões nesses eventos.

Enquanto a multidão estiver submetida a esse transe, ela absorverá qualquer sugestão ou diretriz que lhe for imposta, não importando o caráter de transgressão ou loucura e, no caso do exemplo acima, a transcendência ocorre em caráter ascendente, positivo.

A Manipulação das Massas Através do Evento

Segundo Huxley (1973), tudo o que for sugerido à multidão algumas vezes será verdade e o que lhe for dito trezentas vezes, será a revelação de Deus.

É por este motivo que as autoridades, conscientes do *veneno misterioso* segregado pelas massas, jamais proclamaram *inequivocamente* a imoralidade dessa forma de transcendência horizontal, mas, sempre denunciam os delírios coletivos provocados pela oposição ao *seu* poder instituído.

‘Longe de condenar a autotranscendência horizontal provocada pela intoxicação entre a massa, os líderes da Igreja e do Estado encorajam-na ativamente, todas as vezes que ela pode ser útil a seus próprios fins’ (HUXLEY, 1973, p.324).

A experiência evidencia que os homens detentores do poder, em geral os políticos e os religiosos, sabem direcionar a intoxicação coletiva das massas para o foco dos objetivos traçados.

Nestes casos, a transcendência horizontal é altamente desejada, em romarias, reuniões políticas, shows artísticos, paradas patrióticas e ainda hoje, em algumas culturas, em manifestações religiosas selvagens, enfim nos grandes eventos preparados e realizados para a multidão com objetivos e fins específicos.

O fato de os participantes permanecerem temporariamente inconscientes será considerado salutar, desde que afirme os poderes e interesses dominantes.

Conscientes do perigo de o processo extrapolar quaisquer controles, os ordenadores dessas manifestações cuidam que elas se elevem até um nível prudente, apenas até o ponto dos *hipnotizados* aprovarem as idéias sugestionadas.

Os resultados finais de um transe descontrolado do *rebanho* são imprevisíveis, pois são sempre carregados de violência maníaca, gerando pancadarias, mutilações ferozes e até mortes.

As obras de inúmeros antropólogos bem como das manchetes dos jornais e artigos de revistas estão repletas de denúncias e narrativas de fatos desta natureza, em todas as culturas, inclusive aquelas tidas como as mais civilizadas.

Os ditadores, por exemplo, ao longo da história são caracterizados inicialmente como líderes revolucionários, mas em geral não têm escrúpulos em produzir o caos através da multidão, sobre o qual tomam o poder e estabelecem nova ordem, a *sua* ordem.

Segundo Huxley (1973), quando o revolucionário explora o desejo ardente da massa pela transcendência, “o faz até o limite do demoníaco” (p. 325 -326).

Ele diz que uma multidão é o equivalente social de um câncer. O veneno que ele segrega, despersonaliza seus membros até o ponto de agirem com uma violência brutal, da qual, em seu estado normal, seriam totalmente incapazes.

Nas últimas décadas, as técnicas de excitação das multidões, têm alcançado um estágio de aperfeiçoamento e capacidade sem precedentes.

Os meios de locomoção progrediram e facilitaram a concentração de multidões em vastos espaços adequados.

O avanço da tecnologia e do processo de comunicação incrementaram os instrumentos de excitação mental.

Os meios audiovisuais como o cinema e a televisão elevaram a capacidade de sugestão e recrudesimento das fantasias tendenciosas, do nacionalismo exacerbado e do ódio de classe.

Em um mundo globalizado, em que grande quantidade de pessoas tem acesso aos meios de comunicação, tornou-se absurdamente fácil atingir o alvo pretendido, visto que todos estão à mercê da mídia em todos os segmentos, dos governos aos fabricantes de produtos religiosos e em todas as classes econômicas e sociais.

Em função desta extrema facilidade de difusão e aglutinação, pode-se rapidamente reduzir a massa a um estágio de grande excitação, alucinação e quase sub-humanidade, capazes de transmutar indivíduos racionais e lúcidos em bobos, maníacos e até criminosos.

Conforme Huxley (1973), na Alemanha nazista, na Itália fascista e na Rússia comunista, os exploradores seguiram esta metodologia.

No papel de revolucionários, encorajaram e direcionaram o povo a atos altamente destrutivos.

Depois, quando ditadores no poder, exerceram severo controle sobre o *rebanho* e só permitiram aos estrangeiros que a intoxicação se difundisse livremente.

Como é próprio ao caráter dos ditadores, o gosto pelo poder os fez acionar e manter a condição infra-humana da massa, em um estado de sugestionabilidade um pouco aquém do furor, no ponto certo de manipulá-la e conduzi-la ao seu bel prazer.

O exemplo mais marcante da história recente foi dado por Hitler, no holocausto da segunda guerra mundial, já exposto no capítulo anterior.

A Autotranscendência no Evento Religioso

No campo religioso dos tempos atuais, o que se pode ver, em certos casos, é o mundo sujeito ao terrorismo praticado pela massa alucinada e feroz até o ponto de se oferecer como alvo humano em atos atrozes contra a humanidade.

É o caso, por exemplo do fundamentalismo que é, em princípio, uma doutrina com objetivos pacíficos, e que, em virtude da disseminação, por seus líderes, das técnicas de manipulação acima referidas, atinge o fanatismo e o ódio mortal aos que professam outras filosofias.

Outras religiões podem conduzir seus fiéis a disporem de todos os bens conquistados ao longo da vida, sugestionando-os através de competentes oradores nas grandes cerimônias coletivas.

Na verdade se constituem em grandes eventos realizados com o fim de *produzirem milagres*.

Os adeptos, influenciados e em estado de semi-inconsciência constante, se entregam às lideranças dessas seitas, *para seguirem o caminho da luz*, só acordando para a realidade quando a sobrevivência se lhes torna quase impossível.

Existem ainda outros métodos de *transcendência descendente horizontal* menos conhecidos, mas igualmente praticados na atualidade.

Um deles, originado nas religiões primitivas, é o do movimento prolongado e usado com o intuito de provocar um “estado de êxtase sub-humano e infrapessoal” (HUXLEY, 1973, p. 327).

Desde a Antiguidade e ao longo da Idade Média até o início do Renascimento, os povos gregos, os hindus, as seitas dervixes no islamismo e até seitas cristãs, praticavam o movimento rítmico contido e repetido em rituais que tinham o claro propósito de atingir a transcendência horizontal.

As religiões de origem africana, como o candomblé, a umbanda e a quimbanda, o dervixe mexicano e o *voodoo* haitiano, praticam estes movimentos aliados às danças e balanços de cabeça com os mesmo objetivos.

Em algumas regiões, estas danças são denominadas *talantismo* e, em outras, *dança de St. Vitus*.

São muito disseminadas onde a febre da malária costuma ser endêmica e há muito são praticadas em tempos pós-guerras, pestes e muita fome.

O objetivo principal desses povos é o de escapar do estado de sofrimento e responsabilidades, da perspectiva de um futuro aterrador, vivendo o momento presente, embalados pela feliz sensação de *serem outras pessoas*.

A música e o som ritmado são complementos essenciais para todos esses rituais citados, visto que calam profundamente na consciência e nos sentimentos da multidão, do “sentimental ao intelectual, do visceral ao espiritual” (HUXLEY, 1973, p. 328).

O som no ritmo adequado constitui um poderoso entorpecente.

O martelar dos tambores africanos e do canto indiano, por exemplo, produzidos por longo tempo, levam a um transtorno hipnótico que altera sobremaneira a capacidade crítica, psicológica e racional do indivíduo, por mais civilizado que ele seja.

Outro método de uso corrente em algumas culturas, desde a antiguidade até hoje, de cunho altamente macabro, é o da autoflagelação coletiva, que pode se estender para a autocastração e até ao suicídio.

São praticados pela multidão em rituais religiosos, em estado de alucinação e transe, com o objetivo de atingir o grau elevado da consciência única da dor física.

Ao sentir a dor intensa, o indivíduo se identifica com o seu sofrimento e se sente liberto dos *pecados cometidos*, das frustrações e do medo em relação ao futuro e isso pode lhe servir como uma passagem vertical para o êxtase espiritual.

A literatura está repleta desses exemplos. Huxley (1973) narra na obra aqui analisada, a estória verdadeira, acontecida na França, no povoado de Loudun, no século XVII, com um padre e dezessete freiras.

Trata-se de um fenômeno de possessão coletiva entre essas pessoas, instigado por artes de bruxaria, embustes, paixão política, da qual o pároco da cidade, Padre Urbano Grandier, foi protagonista e vítima.

Madre Jeanne des Anges, superiora de um convento da cidade, foi instrumento e beneficiária, juntamente com suas dezesseis filhas espirituais.

Segundo o autor, o acontecido foi resultado da junção de uma indisfarçada ambição política com um maniqueísmo recrudescido pelo conflito existente na época entre católicos e huguenotes (protestantes calvinistas).

Estes conflitos se aliaram a muita ignomínia por parte de demais religiosos, civis e políticos que participaram do processo de endemoninhamento das pessoas citadas.

As freiras, sugestionadas por religiosos maquiavélicos, passaram por um longo período de *sessões e rituais* de orgias possessivas, em que instavam que eram vítimas do pároco, que seria associado ao demônio e pediam a sua morte.

Padre Urbano Grandier acabou por ser queimado vivo, vítima do ódio de políticos, religiosos e cidadãos, que tramaram o seu trágico fim, através do processo de hipnose a que submeteram as referidas freiras.

O autor enfatiza os aspectos comportamentais da época, como o ascético-místico, o humano-divino, o profano-sagrado, a que estavam sujeitos todos os personagens do fato acontecido.

Sua narrativa é racional e isenta de julgamento do comportamento religioso da época, seja como resultante de funções psíquicas ou como um dado do contexto social e político.

Existem, porém, outras intoxicações mentais coletivas mais brandas, voltadas para pretensões e ações muito mais altruístas, como a cura de doenças, ascensão profissional, chuvas para as secas regionais prolongadas que causam miséria e fome, harmonia, fim dos conflitos mundiais e transcendência espiritual elevada.

Podem-se mencionar os atuais rituais católicos famosos, como os realizados no Santuário de Aparecida do Norte (SP), de Padre Cícero em Juazeiro (CE), do Santuário do Terço Bizantino em São Paulo e outros cristãos não católicos, como a Igreja Universal do Reino de Deus e outras de menor expressão.

Com o intuito de exemplificar, podem-se lembrar as missas realizadas semanalmente pelo conhecido Padre Marcelo Rossi, no Santuário do Terço Bizantino.

Padre Marcelo descobriu sua vocação religiosa e formou-se padre muito cedo.

Sua juventude, aliada a grande energia gerada pelo gosto aos esportes e um grande carisma e simpatia, vem há alguns anos, renovando a fé de milhares de fiéis e rejuvenescendo as práticas da Igreja Católica brasileira.

Padre Marcelo reúne semanalmente naquele santuário situado na cidade de São Paulo, de trinta a cinquenta mil pessoas, que lá comparecem para as cerimônias.

Revestidas de muita alegria, ao som de cantos e danças ritmadas, os fiéis se vêm transportados para um estado de fé e graça, onde expõem suas mazelas e suas esperanças a Deus, em um êxtase emocional e espiritual que se prolonga por toda a cerimônia da missa.

Nestes rituais, muitos *milagres* são presenciados ou narrados, acontecidos aos presentes ou a pessoa de sua proximidade afetiva, ausente do santuário.

A multidão recebe e absorve um elevado nível de sugestibilidade em um ambiente de grande proximia.

O som, o ritmo, os gestos e as palavras carismáticas do Padre, levam a uma explosão psico-emocional sem precedentes e a graça se estende horizontalmente, atingindo plenamente seus fins e metas.

A força e energia que regem esses eventos são tão grandes, que milhares de espectadores que os assistem pela televisão, são igualmente contagiados e muitos conseguem chegar a um êxtase espiritual vertical prolongado.

A Igreja Universal do Reino de Deus, a IURD, fundada pelo bispo Edir Macedo, também figura como outro forte exemplo de transcendência horizontal cristã.

A IURD foi fundada em 1977 aqui no Brasil, com o intuito, segundo o bispo Edir Macedo, de buscar a orientação divina e ajudar pessoas que sofrem com diversas aflições relacionadas a vícios, brigas, doenças incuráveis, miséria, depressão e problemas sentimentais.

A finalidade da Igreja, segundo ele, é enxugar lágrimas, aliviar almas e principalmente, *transformar vidas*.

Uma das características mais marcantes da Igreja é a de formar grandes concentrações em estádios, clubes e grandes áreas que possam acomodar a verdadeira multidão de fiéis que acorrem aos seus cerimoniais.

Nesses espaços, a Igreja realiza mega-eventos, que mobilizam milhares de pessoas, com o intuito de *doutriná-las e realizar rituais de descarrego e libertação de encostos*, levando os participantes a *processos de curas e milagres*.

Os rituais compõem-se de longas orações com imposições de mãos, unções e pregações, que incitam a união mental coletiva da multidão e a leva ao êxtase e à transcendência.

A Igreja propaga o acontecimento de inúmeros milagres, “às curas são acontecimentos constantes nos templos da IURD do mundo inteiro. Os milagres se multiplicam e os testemunhos são diversos”(disponível em <www.igrejauniversal.org.br//ler.asp>. Acesso em 26.maio.2004).

Desde 1980, a Igreja vem multiplicando seus templos no exterior, tendo ido primeiro para os USA e hoje já estando presente em mais de 80 países da América, da Europa, da Ásia e da África.

A Autotranscendência no Evento Esportivo

O escritor James Hilmann, em sua obra *A cidade e a alma* (1993), aborda uma outra forma de intoxicação coletiva, aquela que acontece nas práticas esportivas competitivas, notadamente nos jogos de futebol. Ele inicia a abordagem com a seguinte frase:

Senhoras e senhores, estamos todos familiarizados e chocados com as notícias e imagens: estádios de futebol brasileiros cercados por fossos, grades, policiais com cães de ataques (...) mais de quarenta pessoas mortas em Bruxelas pelos revoltados torcedores do Liverpool (...) e estórias semelhantes na América Central, Turquia, Argentina, Peru, China, União Soviética, Egito (HILMANN, 1993, p. 65).

Para explicar estas estatísticas mundiais alarmantes, o autor diz que a violência urbana nos esportes, faz parte de padrões ubíquos recorrentes e passionais da vida urbana, os quais estão enraizados na vida psíquica do ser humano que, segundo a máxima de Aristóteles, *é por natureza um animal político*.

Sendo assim, “seria possível que a violência esportiva fosse o próprio canal para revelar a relação entre as mais profundas forças animais da natureza e a vida da polis” (HILMANN, 1993, p. 65).

Hilmann (1993) continua a explicação, citando uma frase de Jung: *os deuses tornaram-se doenças* e, comparando, diz que os deuses aparecem hoje nas desordens particulares e públicas e que há muito tempo já se sabe que todos os esportes competitivos são regidos pelo deus da batalha, Marte.

Tendo o deus Marte como um instrumento arquétipo, pode-se compreender que a violência esteve presente nestes esportes desde o seu início, pois Marte sempre regeu a desordem da batalha, hoje chamada de violência nos esportes urbanos.

Ele é o deus responsável pela fúria, pela febre intoxicante do combate, como uma droga de efeito incontrolável que transporta competidores e platéia a uma outra condição sub-humana, quando acontece o combate físico.

Viciou-os no combate porquê na fúria da batalha, está o “*abraço de uma energia divina*”, numa ascensão vertical-horizontal (HILMANN, 1993, p.66).

Por mais separados que estejam no momento da competição e do combate, jogadores e torcedores nunca estão separados psicológica e emocionalmente.

Os que assistem são também altamente ativos e interagem com a disputa, influenciando fortemente o ritmo de uma partida de futebol ou qualquer outra competição esportiva, levando com eles próprios de roldão, jogadores, juízes, técnicos e diretores, à emoção alucinada de um torneio decisivo.

Hilman (1993) diz que o deus Marte, responsável por essa transcendência, tem o poder maciço que se revela na coletividade, nas multidões presentes aos eventos esportivos.

Embora os deuses estejam esquecidos, eles continuam presentes e forçam as massas a reconhecê-los e a deusa Vênus inclusive, integra a força de Marte, que ama a beleza estética da batalha.

As cercas pontudas e as grades presentes na maioria dos estádios de futebol, personificam as armas, amorosamente esculpidas pelos guerreiros de Marte para as batalhas.

O mundo de Marte gosta das multidões, do contato físico, da exibição dos corpos, que causam a liberação dos instintos e a impetuosidade passional.

A etimologia da palavra *polis* significa aglomeração, fluir, cheio, muitos. É uma palavra dionisíaca.

Na platéia lotada nos estádios das cidades, a individualidade fundida com milhares de outros assistentes, “Marte e Vênus compartilham o furor pela vida” (HILMANN, 1993, p. 69).

Embora a violência seja a tônica, entretanto, existe no *heroísmo marcial*, o componente da disciplina, que rege os impulsos e se divide em três partes: a disciplina da beleza, a da hierarquia e a dos laços.

Segundo o autor, elas regem os laços das cerimônias marcianas, que infiltram no ser humano a “transcendência do poder marcial divino” (HILMANN, 1993, p. 69).

A hierarquia é fator predominante nos rituais esportivos; como exemplo, se pode citar o poder absoluto do árbitro em campo.

Onde está Marte, a hierarquia está presente, pois ela protege o deus de sua fúria.

Tanto as lutas orientais como o sumô quanto os esportes olímpicos ocidentais são altamente competitivos.

Mesmo assim a platéia fica quieta nos momentos mais tensos. Isto se deve a uma elaborada disciplina cerimonial.

Hilman (1993) afirma que todas as pessoas deveriam saber mais sobre a importância e a necessidade dos rituais pertinentes às celebrações esportivas, principalmente para os jovens e, a partir daí a sociedade lidaria melhor com a violência esportiva.

Não se jogaria Marte aos militares, às prisões e conseqüentemente às gangues, pois concertos de música pop e cocaína não satisfazem a necessidade dos rituais, que personificam a iniciação dos mais jovens, que deveria ser respeitada e auxiliada pelos companheiros de tribo mais velhos.

As normas seculares não podem conter a fúria divina e rituais estão acontecendo nas gangues, nas prisões, nos concertos de rock, como se Deus estivesse forçando a juventude a iniciar-se, independente de sua forma profana e inadequada.

O fenômeno é explicado de várias formas, como psicose de grupo, abaixamento de nível mental da multidão, revolta das massas, etc, porém, nunca é completamente elucidado, pois ele vem da “incursão divina” (HILMANN, 1993, p.69).

O autor (1993) explica que Marte é como uma droga, um veneno que vive e circula na corrente sanguínea de cada indivíduo.

Este veneno é também chamado de *testosterona*, pois os deuses não vivem mais no Olimpo, mas continuam a habitar os corpos.

O que acontece nos campos de futebol é a mesma força que irrompe nos campos de batalha, é a mesma transgressão de todas as normas cívicas.

Se for *doentio*, é também mítico visto que onde operam mais fortemente os mitos no mundo atual, mostrando o poder transcendente dos deuses, é exatamente nos comportamentos inexplicáveis, fora da razão comum.

Segundo Hilmann (1993), existem muitos estudos que comprovam que mais de 50% dos torcedores são adolescentes e 88% são do sexo masculino, portanto, a violência é analisada como um ritual de iniciação através do risco físico.

Continuando, diz que a testosterona gera um estado prolongado de euforia e um êxtase que pode ocasionar violência.

Manifesta-se principalmente antes de uma disputa, uma competição, ante o sucesso e a vitória, elevação de status ante a vitória e na raiva.

Portanto, podem ser consideradas normais, as explosões verificadas ante uma má arbitragem e mesmo nas vitórias e, por bom tempo após a conclusão do jogo, o potencial de confusões pode ser ainda mais alto.

Porém, o principal fator citado é a raiva, pois ela pertence a Marte, tanto mitológica quanto simbolicamente e é completamente diferente de hostilidade, ódio e agressão.

Um dos principais fatores da falta de discernimento sobre as emoções marciais é a educação cristã. ‘Ira (raiva) e cupiditas (desejo), trazem os conceitos dos desejos primais de

Marte e Vênus, em cujos conceitos, esconde-se o medo cristão dos deuses pagãos” (HILMANN, 1993, p. 71).

Assim como as artes amadoras desenvolvem as habilidades do desejo, os esportes competitivos desenvolvem as habilidades da raiva.

Permiti-la crescer, contê-la e conservá-la para ser aplicada no momento do ataque, assim como provocá-la nos adversários, levando-os a cometerem falhas se constitui em valioso instrumento de batalha.

Quando a raiva se desloca do campo pessoal, eliminando os aspectos hostis e é direcionada para a figura arquetípica de Marte, se pode visualizar a sua necessidade, pois Marte representa o início.

Sem a presença da raiva, não haveria nenhum esporte competitivo. “Toda a cidade se rejuvenesce quando o seu time caminha em direção às finais”(HILMANN, 1993, p.72).

Face às conclusões a que os estudiosos chegaram, pode-se entender que fatores opostos causam a queda dos níveis de testosterona.

Entretanto, concluem que a testosterona é apenas uma outra descrição fisiológica do poder invisível que se manifesta, por exemplo, em eventos cívicos, patrióticos, concertos de bandas militares - e jogos de futebol - e que uma cidade vigorosa deve honrar Marte.

Ela é o lugar do espetáculo e mostra o imaginário humano em sua complexidade mais rica, pois os espetáculos satisfazem a necessidade do cidadão de participar da massa cívica e, entre ela e com ela interagir e chegar ao seu Olimpo.

CAPÍTULO 5

O EVENTO COMO INVESTIMENTO DE FESTIVIDADE E IMAGINAÇÃO

Segundo o antropólogo, teólogo e escritor inglês Harvey Cox (1974), o ser humano necessita trabalhar com a imaginação e a ludicidade, elementos presentes nas festividades, em eventos através dos quais o homem se conecta com a sua espiritualidade, seu passado e até o seu futuro, a fim de criar uma base de sobrevivência e desenvolvimento.

Pode parecer assunto banal e de menor importância, face ao mundo atual tão materializado e racional, no qual valores tradicionais como a alegria espontânea, o riso, as brincadeiras e as folganças se esvaecem frente ao apelo midiático, que propala o prazer em função do imediatismo consumista.

É, entretanto, fundamental provocar a discussão sobre eles e chamar a atenção da sociedade atual para a mediocridade cultural dos dias atuais, em função do enfraquecimento do sonho, da fantasia e das festividades, elementos de suma relevância para a vitalidade de uma civilização.

O evento, como elemento propulsor destes fundamentos citados, vem contribuir fundamentalmente para a incorporação e a solidificação deles, com fatos e momentos de criatividade, fruição e socialidade.

Tendo em vista o destacado papel do evento na vida social humana, o presente capítulo se dedicará a explorá-lo em seu aspecto festivo e repleto de ludicidade.

Para tanto, o capítulo se apoiará na obra do autor acima citado, *A Festa dos Foliões* (1974).

A Morte da Fantasia e da Festividade

Os elementos descritos acima eram muito presentes na vida do homem desde a Antiguidade, entretanto, na Europa Ocidental, com o advento da reforma protestante, as festividades, que eram apoiadas pela Igreja Católica e pela Corte, perderam sua força em prol do trabalho sério e constante, visando à obtenção do progresso material.

Essa transformação se estendeu aos países de toda a América, com raríssimas exceções de algumas culturas alternativas.

Os raros momentos disponíveis foram direcionados ao culto religioso, destituído de alegria e criatividade lúdica.

Esses fatos empobreceram sobremaneira o universo humano e torna-se imperioso resgatar os antigos elementos de fantasia e sonho, para com eles o homem construir uma realidade menos árida, que lhe permita viver com mais leveza e garantir a longevidade da presente civilização.

É justamente explorando o evento como instrumento que permita o fomento da festividade, com a intervenção do imaginário riquíssimo do ser humano, que ela, a festa, lhe fornecerá um generoso cardápio de fantasias e sonhos e lhe fará exercer a humana faculdade de celebrar a vida, cultuar seus heróis e reafirmar aspirações novas e antigas.

Os eventos festivos sempre tiveram caráter universal na vida humana e não existia uma cultura que não os realizasse.

Cox (1974) diz que ainda hoje, os pigmeus da África e os primitivos da Austrália fazem eventos em homenagem ao equinócio, os povos hindus festejam o Holi, os maometanos comemoram a conclusão do longo jejum do Ramadã.

Há culturas que realizam eventos festivos antes ou após as colheitas. Outras celebram o aniversário de um herói cultural ou religioso.

Enfim, a maioria das culturas orientais propiciam ocasiões de cantar velhas canções, celebrar, cultuar, homenagear seus ídolos, comemorar e festejar todos os fatos significativos da comunidade.

No início do livro objeto do presente capítulo, Cox (1974) diz o seguinte:

“Comecei a notar que existe, no mundo de hoje, uma hiato desnecessário entre os que almejam transformá-lo e os que preferem gozar a vida. Uma das razões porque escrevi este livro é o desejo de vê-lo se fechar” (COX, 1974, contra-capá).

Não existe um motivo para que as pessoas desejosas de desfrutar a vida, não possam se engajar em ações que permitam transformar a sociedade.

Realmente, essas pessoas seriam as mais indicadas para mostrar à sociedade, a necessidade de se procurar compreender melhor o que Cox chama de “a verdadeira essência do homem: *o homo festivus*” (COX, 1974, contra-capá).

Analisando a era atual, traça um paralelo entre o homem contemporâneo e o homem da Antiguidade, Idade Média até o início do Renascimento, e diz que há esperanças no porvir da humanidade.

Entretanto, enxerga a necessidade premente de transformações fundamentais, no modo como as pessoas vivem o presente em sociedade e, afirma que se fazem necessários métodos drásticos para se conseguir atingir os objetivos necessários.

Cox (1974) sugere que os transformadores atuais não precisam ser pessoas tristes nem ascetas radicais.

Ele lembra que São Francisco de Assis, o santo cristão que mais afirmava a vida foi, de coração e alma, um revolucionário e, Karl Max sonhava que o trabalho viesse a se transformar em brinquedo.

Os revolucionários radicais da era atual deveriam viver mais seus sonhos como se eles já estivessem realizados.

As propriedades de brincar, festejar e sonhar sempre integraram o universo do ser humano desde a antiguidade.

Desde então, o homem já se reunia com seus semelhantes em eventos rudimentares, para cultuar os deuses, abençoar e festejar todos os acontecimentos importantes de sua comunidade.

Mesmo tendo sido banidas, pela chegada do cristianismo ao Ocidente, as festividades pagãs sobreviveram, transformadas em festas organizadas pela Igreja ou com o assentimento da mesma.

As Celebrações Festivas da Idade Média

Durante a Idade Média, o calendário festivo da Igreja era muito extenso, pois cumpria homenagear todos os seus santos.

Como já foram citadas em capítulo anterior, as festas de cunho satírico em relação ao clero e aos demais poderes, eram realizadas sob a complacência dos sacerdotes.

Apesar do radicalismo religioso da época, eles entendiam as necessidades do homem, de brincar com a sua dura realidade cotidiana, tornando-a mais leve e prazerosa nos momentos de ludicidade festiva.

Há estudiosos que sustentam que as festividades não acabaram e continuam a existir, só que nos moldes contemporâneos.

Cox (1974) afirma, entretanto, que existem diferenças cruciais entre aquelas e os festejos atuais.

Nas antigas festividades, as pessoas se entregavam totalmente aos dias de folgança, a alegria e a jovialidade reinavam, inclusive as extravagâncias e os excessos.

Quando um período festivo finalizava, as pessoas já iniciavam as preparações para o próximo que viria.

Pode-se pensar que a Europa vivia em festa, porém isto é uma verdade parcial, pois o regime feudal, o Estado e a Igreja, impunham muitas restrições aos cidadãos em todos os níveis sociais, sendo que, notadamente, os mais sofridos pertenciam à classe popular.

O contraponto era exatamente a realização das celebrações e festejos, em que todos participavam, independentemente de sua condição social ou financeira.

Nesses dias, pairava como que uma aura de luz e felicidade nas cidades, podia se ouvir muito riso, cantos, danças e também muitas irreverências e desordens.

Uma seiva de vida corria entre as pessoas durante as preparações e depois, no transcorrer da festa, o desfrute e o deleite eram totais.

Uma das festas mais apreciadas pelo povo era a Festa dos Foliões, cuja principal característica era a sátira social.

As mazelas do povo, resultantes do caráter arbitrário das categorias sociais, eram expostas forçando os poderes públicos a enxergar que “hem sempre as coisas devem ser como são” (COX, 1974, p.325-326).

Por seu caráter satírico e livre, a Festa dos Foliões era criticada pela maioria dos burgueses, pela cúpula religiosa e pelas autoridades e, portanto, em meados do século XVI acabou por ser extinta.

Cox questiona porquê teria desaparecido tal festa:

Foram, por ventura, a reforma religiosa e os novos moldes da Europa pós-medieval ou “o efeito das novas práticas sociais e econômicas que culminaram no capitalismo e na revolução industrial?” (1974, p. 12).

Por quê a fantasia, a jovialidade e a alegria sofreram críticas tão amargas durante a era protestante?

Por quê foram substituídas sem piedade pela sobriedade, parcimônia e emulação?

“O direito divino dos reis, a infalibilidade papal e o estado totalitário moderno floresceram, todos eles, depois de acabar a Festa dos Foliões”(COX, 1974, p.13).

As Celebrações e Festividades Contemporâneas

E hoje, como são os eventos de celebrações festivas?

Segundo Cox (1974), hoje se celebram muitas recepções sociais, reuniões, coquetéis, grandes banquetes, jogos de futebol, outros eventos esportivos, religiosos, etc, entretanto, as formas de festividades e fantasias estão retraídas e ilhadas.

As celebrações já não relacionam uns e outros, como antigamente, à ‘manifestação cósmica, nem com as grandes histórias da busca espiritual do homem’(COX, 1974, p.12).

As fantasias atuais são precavidas ou excêntricas em demasia, além de previstas e politicamente fracas.

O ato de festejar genuinamente é esporádico ou às vezes, compulsivo, nada neste festejar novo, suscita impulsos que levem realmente a transformações sociais relevantes.

Atualmente, existe uma lacuna nas festividades, que representa a ausência do espírito irreverente e jocoso das festas antigas.

A sociedade contemporânea está direcionada para atingir o sucesso e a realização econômico-financeira, a imaginação política está empobrecida sem a presença da paródia.

Existe claramente uma carência de fantasia social, que cumpre ser redescoberta nos moldes atuais, resgatando o espírito das festas medievais e valorizando o que nelas havia de bom.

O gosto pela festividade ainda se mantém na atualidade, entretanto, a capacidade de devanear e de sonhar está retraída, visto que o imaginário do homem contemporâneo se encolheu neste sentido.

As celebrações e as reuniões sociais não possuem aquele brilho antigo, pois quase sempre estão destituídas de calor, imaginação e sentimento sincero.

Cox (1974) mostra a pobreza das festividades atuais, citando o exemplo da celebração do Ano Novo nos moldes norte-americanos.

As pessoas mostram-se interessadas e até ansiosas em divertir-se e não desejam estar sozinhas nessa noite.

A abundância de ornamentos, alimentos e bebidas é grande, as pessoas vestem-se com apuro, o champanha borbulha e todos se cumprimentam.

Existe, porém, algo de vazio e até frenético nessas comemorações dionisíacas, falta alguma coisa que complemente o espírito dos participantes.

E, todavia, a véspera do Ano Novo é importante para todos, porquê ativa a memória e a esperança, simboliza o passado com a lembrança de rituais esquecidos e se abre para o futuro, trazendo novas expectativas.

Será que falta o êxtase da fantasia de perspectivas fantásticas? Acontece que as festividades atuais “estão tremendamente atrofiadas em seu ritual e vigor celebrativo” (COX, 1974, p.15).

O fato é que celebrações e fantasias são interdependentes, uma não regozija sem a presença da outra.

Os sonhos do homem contemporâneo são furtivos, não participados e logo esquecidos.

No momento da celebração, mesmo nas mais significativas, o vácuo da ausência de um entusiasmo genuíno persiste e pode ser claramente percebido.

O campo dos sonhos foi tomado pelas produções de massa, tendo como exemplo vívido, os parques e filmes de Walt Disney e outros parques temáticos que proliferam pelo Brasil e pelo mundo.

Esse empobrecimento do imaginário humano é sintoma de uma debilitação cultural muito mais ampla.

Na era da industrialização, a sociedade tornou-se mais sóbria e laboriosa, menos lúdica e imaginosa.

As extensas jornadas de trabalho reduziram os momentos das pessoas dedicados à festividade ao mínimo.

Mesmo agora, quando elas têm mais tempo livre para o lazer, ainda se encontram tão condicionadas ao trabalho, que gastam a maior parte dele em horas extras ou se questionando porque não aproveitam as suas horas livres como gostariam.

A civilização ocidental enfatizou demasiadamente o homem operário e pensador através do processo de industrialização, que foi ratificado pela filosofia e sacramentado pelo cristianismo.

Esse processo foi responsável pelas façanhas da ciência e pelo avanço tecnológico do ocidente, entretanto, a ciência e a tecnologia obsedaram o homem pelos fatos concretos.

O secularismo esvaziou as metáforas religiosas que expandiam a fantasia. Os métodos científicos desviaram a atenção para coisas manejáveis e exequíveis.

Está se começando a descobrir que a ciência sem a intuição não chega a lugar nenhum.

O homem ocidental foi brutalmente impelido ao calculismo racionalista, o que o fez perder a sensibilidade para a celebração extática e a imaginação descontraída.

A civilização atual tolera a fantasia mas não a estimula, porquê está envolvida com coisas mais concretas e factíveis.

A humanidade pagou um preço exorbitante pela presente opulência da sociedade industrial do ocidente.

Uma parte desse tributo “é diariamente extorquida às nações pobres do mundo, cujos campos e florestas provêm as mesas mais ricas, enquanto empurra sua gente sempre mais adentro da pobreza” (COX, 1974, p.14).

O homem pós-moderno ocidental é hoje, um ser de uma raça que perdeu contato com o seu passado e futuro, em função da debilitação do ritual, da festividade e das aspirações visionárias.

Para sua própria salvação e prolongamento da raça, cumpre urgentemente reabilitá-los.

A Importância da Fantasia e da Festividade

A fantasia e a festividade representam não apenas valores importantes, mas são absolutamente vitais, para a existência humana e para a sobrevivência da espécie, porquê habilitam o homem a relacionar-se com o seu passado, seu futuro e o divino que habita em si.

O homem necessita incorporar em sua vida as alegrias e as fantasias de outros povos e as experiências de gerações passadas.

Essa vivência amplia a sua visão, porquê ele incorpora em sua existência uma extensa área da vida, incluindo o passado. A própria teologia induz à perspectiva de que

o homem só entenderá sua divina origem e destino, se readquirir a capacidade de folgar festivamente e fantasiar, pois ele é, por sua própria natureza, um ser que não só trabalha e pensa, mas canta, reza, conta casos e celebra festas, é um visionário sonhador e criador de mitos (COX, 1974, p.16-7).

Já se ouve falar inclusive da existência de uma nova corrente de profissionais da psiquiatria, que está começando a substituir o seu tradicional papel de opressores da fantasia, para estimuladores dela.

Ocorre que esses profissionais e estudiosos descobriram em pesquisas que, ao desligar-se de suas recordações e visões, o indivíduo descai num processo de profunda depressão; o mesmo se dá com a civilização.

“Tão logo uma civilização se alheia de seu passado, como fez outrora Roma, esmorece sua energia espiritual, cambaleia e sucumbe” (COX, 1974, p.18).

A ausência da festividade com todos os seus elementos afeta as raízes do homem no passado e dificulta seu avanço para o futuro, visto que entorpece a sua sensibilidade psíquica e espiritual.

A própria festa em si possui importantes elementos culturais, porque situa o trabalho no seu devido lugar e indica que este, por mais importante e proveitoso que seja, não representa a meta final da vida.

A sua missão é pois, ficar circunscrito à realização profissional do homem.

O período de festa afasta o indivíduo de seus compromissos profissionais e lhe proporciona os tradicionais momentos de convívio humano, sem os quais, sua vida não seria humana.

Outro componente cultural da festa, também de grande destaque, é a crítica social, que desmascara o poder e o faz parecer menos letal.

O Renascimento da Fantasia e da Festividade

Não obstante todas as considerações feitas até agora cumpre salientar, entretanto, conforme observações do próprio autor, que há algumas décadas, está se vislumbrando fugidamente ainda, um incipiente movimento de redescoberta do prazer e do significado profundo que existe na fantasia e na festividade.

A era atual talvez esteja entrando em uma “ímpetuosa renascença cultural, uma revolução da sensibilidade humana, em que as faculdades reprimidas durante a industrialização voltem a ser nutridas e prestigiadas” (p. 325-326).

Porém, essa embrionária revolução cultural é ainda incipiente e, se o mundo ocidental quiser ganhar a batalha em prol da humanidade, além de outros enfoques importantes, uma visão religiosa deverá ter um destacado papel de apoio nessa vitória.

O homem racional e industrial, laborioso praticamente em quase todas as horas do seu dia, está atentando para a cultura oriental e para alguns setores ocidentais que escaparam à integração completa do processo de industrialização.

O sociólogo Michel Maffesoli afirma que o fim do modernismo e da cultura do racional e do econômico está permitindo uma abertura para a redescoberta do homem festivo.

Este homem se permite fantasiar, ou seja, é “voltado para a vivência e a fruição dos momentos prazerosos do presente” (MAFFESOLI, 1995, p.31).

Nesta redescoberta, os mundos das artes e da teatralização também estão presentes, mostrando que a encenação expressiva e a criatividade artística devem situar-se no palco central da vida.

É brincando e representando que o homem estabelece conexão entre o divino e o profano.

As peças teatrais e filmes vêm explorando exaustivamente o mundo dos sonhos e das fantasias.

Cox (1974), define que um evento festivo possui três componentes essenciais:

1 - O excesso consciente: no sentido de o homem ter um período de tempo delimitado conscientemente para fazer coisas ou adquirir posturas não tomadas no dia a dia; por exemplo, a pessoa se veste de forma especial e diferente, às vezes extravagante e às vezes exótica, mais criativa e ousada.

Usa jóias, bijuterias que não usaria no cotidiano, gasta mais dinheiro que em ocasião comum e come e bebe mais do que normalmente o faz.

Algumas culturas relaxam temporariamente os tabus sexuais.

A festa do carnaval, embora atualmente tenha se transformado em espetáculo, ainda pode exemplificar este período dedicado exclusivamente ao lazer festivo.

Nas grandes cidades situadas mais ao norte do Brasil e também em muitas pequenas cidades interioranas, pode se notar a presença das pessoas em bailes públicos descontraídos, em cordões de dançarinos ao redor dos trios elétricos caminhando pelas ruas.

A sua única finalidade é cantar, dançar e se soltar totalmente, festejando *até não mais poder* ao longo de toda a noite até o raiar do sol.

A festa continua nas matinês públicas, onde os foliões vespertinos dançam até a entrada da noite.

Os excessos, assim como nas festas medievais continuam, agora com os bares, lanchonetes, restaurantes e barracas de rua vendendo comidas e bebidas ininterruptamente.

Os glutões e bebedores mais fracos *chamam o Juca* e continuam dançando alegremente.

E o sexo? Nessa era da liberação total dos tabus sexuais, ocorrida no ocidente nota-se, entretanto, que as pessoas se autorizam a estar ainda mais soltas.

Talvez pela alegria reinante, deixam o sonho lhes invadir e, o resultado é o mesmo de antigamente: após a festa, altas taxas de gravidez são noticiadas, não obstante as campanhas públicas permanentes incitando ao uso de preservativos, principalmente nesses dias.

Além do carnaval, os excessos podem ser notados também nos demais grandes eventos.

Nestes, os espaços são projetados e os palcos montados são gigantescos, as aparelhagens de som, bem como os volumes emitidos, são incrivelmente excessivos e podem ser ouvidos por muitos e muitos quilômetros de distância.

Entretanto, em todos os eventos, sejam eles privados ou públicos, pequenos ou grandes, os exageros que mais se destacam são as grandes quantidades de comidas e de bebidas alcoólicas consumidas.

As pessoas em geral comem e bebem como se nunca mais fosse haver outra ocasião para se repetir o feito.

Também as horas de sono e repouso são proteladas e reduzidas ao mínimo, principalmente os foliões mais jovens só se detêm quando chegam ao limite total de resistência física.

Além do álcool, as demais drogas, muito consumidas, são suas aliadas nesse sentido, possibilitando-lhes viagens inusitadas, porém com graves efeitos posteriores.

2 - A afirmação celebrativa: “a celebridade impõe dizer sim à vida, incluindo o prazer em seu significado mais profundo” (COX, 1974, p. 27).

Assim procedendo, o homem está dizendo sim a tudo o mais que realmente importa na vida.

3 – A Justaposição: significa que o elemento *contraste* está sempre presente. A festividade deve ser notadamente diferente do viver cotidiano.

As horas ou dias reservados para celebrações são diferentes, porquê são excepcionais, fogem ao dia a dia, pois são carregados de contrastes e excessos.

E onde cabe ou se encontra o principal papel do evento propriamente dito, no exercício da festividade e imaginação?

Como antigamente, cabe inicialmente na junção de pessoas dispostas a explorar o seu próprio imaginário e a fantasia, a fim de criar, a partir de seus devaneios, ações e situações reais de celebração e comemoração de fatos acontecidos na história da comunidade ou que estejam prestes a acontecer.

Inclue-se aí uma infindável lista de possibilidades de celebrações, visto que todas as cidades possuem seus santos padroeiros, seus heróis, aniversários de pessoas proeminentes, importantes datas patrióticas, associações e entidades de destaque, além das datas oficiais das Igrejas, bem como dos feriados nacionais comemorativos.

O exercício dessa imaginação lúdica se prolonga e se estende a todos os envolvidos no processo de preparação, que pode envolver toda uma cidade.

Um evento que arrebate mentes e corações, requer parceiros motivados e felizes, com todos os talentos pessoais e profissionais bem aproveitados.

Igualmente os milhares de detalhes que compõem uma celebração completa são sumamente importantes e exigem muitas horas de sonho e imaginação de seus organizadores.

Neste fazer, o homem na verdade refaz e revive lendas de seus antepassados, expande sua psique e alarga o seu campo de sonhos, que o auxiliam a inovar e adaptar-se a um mundo em constante mutação.

Rompendo a rotina e abrindo o passado, ele amplia suas experiências através da festividade e reduz progressivamente seu provincianismo mental, colocando-se “mais à vontade para vivenciar o seu presente numa forma mais rica, mais jovial e mais criativa” (COX, 1974, p. 18).

O exercício da criatividade e da fantasia habilita o homem a deixar aflorar sua sensibilidade em relação aos demais semelhantes, visto que existe hoje um sério problema de enrijecimento das nações abastadas em relação aos pobres do terceiro mundo.

“Sem fantasia, nem mesmo os radicais do mundo opulento serão capazes de identificar-se com os povos oprimidos em sua luta pela independência e dignidade nacional” (COX, 1974, p. 19).

A Festividade e a Religião

Um aspecto importante dos eventos festivos, que merece ser destacado, é a relação que ele propicia entre o homem e o mundo religioso.

É através deste mundo que ele engloba sua vida em um contexto histórico e cósmico de notória amplidão, fazendo-o sentir-se parte da história de um todo maior.

Os ritos, os cantos e as visões ligam o homem a essa história e oferecem-lhe um passado e um futuro.

A cultura do homem negro com a sua religiosidade festiva, despertou no homem branco, a atenção e o apreço por um conceito religioso mais festivo.

Nas próprias Igrejas, a dança, a cor, o movimento e outros estilos musicais sinalizam o retorno da celebração, da festa religiosa.

A fantasia no campo religioso reabre a consciência do homem para as suas forças e possibilidades.

É por este motivo que os costumes festivos, os rituais e os mitos são em quase todo o mundo, valores centrais da religião.

A festividade não é superficialidade, visto que admite o elemento trágico. Para exemplificar, Cox (1974) cita a efervescência do catolicismo latino.

Ele é festivo por reconhecer e expressar o lado mau da vida, sem ignorá-lo ou reprimi-lo.

A visão dos povos hispano-americanos é de que a tragédia, o caos, o fracasso e a morte, bem como o triunfo e a compaixão, “são uma parte essencial da glória do homem” (COX, 1974, p. 29).

A habilidade que os pobres e os negros da América Latina possuem para celebrar sua religiosidade descontraidamente evidencia essa facilidade, própria daqueles a quem não são estranhos o sofrimento e a opressão.

A festividade autêntica tampouco se confunde com frivolidade. A frivolidade representa um elemento destrutivo da fantasia.

Religião e fantasia se fundem, pois tal como a fantasia, a religião requer ocasiões especiais e uma predisposição da consciência.

Ambas fazem uso de símbolos na elaboração de impulsos que ultrapassam os limites empíricos.

Também permitem ao homem, transcender este mundo empírico e visualizar a sublimidade e o mistério da existência.

Poderá parecer um ato depreciativo comparar a religião à fantasia, porém, a fantasia representa um papel central e determinativo na história da evolução humana.

Fica claro, portanto, que compará-las significa afirmar o importante papel da religião na vida das pessoas.

Sem a fantasia, uma sociedade separa-se das “fontes viscerais da renovação e, sem a religião, perde a possibilidade de abarcar os dois mundos em que o homem foi destinado a viver” (COX, 1974, p.73).

O Brasil possui muitas festividades de cunho religioso não agregadas ao calendário de eventos oficiais da Igreja Católica.

Em sua grande maioria, são oriundas de Portugal, trazidas durante a colonização.

Essas festividades acontecem de norte a sul do país, especialmente e mais genuínas nas pequenas cidades do interior.

Uma delas é a Festa do Divino Espírito Santo e, desde o Amapá, os índios Karipunas a realizam, com as tradições portuguesas aliadas às indígenas.

A cada estado, elas sofrem influências das várias etnias que ali aportaram. Esses festejos normalmente se iniciam 50 dias após a Páscoa e se prolongam por todo o mês.

Em municípios próximos, as datas têm de ser programadas para não coincidirem.

Para a organização da Festa, as comunidades se mobilizam, elegem um líder, às vezes denominado de Imperador do Divino.

Vão em procissões pelas ruas das cidades recolhendo donativos e fundos para a realização das comemorações.

A comissão da procissão carrega à frente as Bandeiras do Divino, distribuindo bênçãos e convocando o povo para os festejos.

Existe o ritual de chegada da Folia às casas, que podem ser urbanas ou rurais. Nos dias das celebrações, são realizadas missas, orações e cânticos religiosos, cantorias e danças relativas à região.

Após os rituais religiosos, são levantados os mastros com as respectivas bandeiras do Divino, da cidade, do seu santo padroeiro e ou do grupo apresentador.

Segue-se grande queima de fogos e um lauto banquete, onde se degustam as iguarias regionais, acompanhado de muita cantoria dos ranchos musicais da região e danças típicas.

Em algumas regiões, como por exemplo, em Pireneus –GO, são realizadas cavalhadas, em que homens montados a cavalo, fantasiados e mascarados, representam a luta entre os mouros e os cristãos.

As Foliás de Reis são outros festejos que contêm várias similaridades com a primeira, se iniciam no Natal e vão até 06 de janeiro.

Comemoram o nascimento de Jesus Cristo representando a viagem dos três reis magos, Baltazar, Belchior e Gaspar, a Belém e sua visita ao Menino Jesus.

O chefe da Folia, denominado Alferes vai em procissão á frente, seguido por rapazes fantasiados com trajes vistosos e mascarados; são os palhaços do Reisado e representam os soldados do rei Herodes em Jerusalém.

Vão carregando as bandeiras do Menino Jesus e dos reis magos, enfeitadas com fitas e santinhos e portam violões, cavaquinho, pandeiros, pistão e tantã.

Vão pelas ruas tocando e cantando hinos e versos em louvor do recém-nascido e dos reis, bem como às profecias proferidas em relação ao nascimento de Jesus.

Ao chegar às casas, pedem permissão para entrar, sempre cantando, tomam café, pedem esmolas e donativos para a realização dos festejos.

A população acompanha a procissão, muito divertida com os saltos e acrobacias feitas pelos palhaços.

Cumprem sempre os mesmos rituais de chegada e despedida, atendendo pedidos, tirando promessas e auxiliando a cumprir outras.

Os rituais da Festa são muito semelhantes aos das Folias do Divino.

Outro exemplo marcante de festividade, que merece ser citado, refere-se às festas do ciclo junino, que compreende o período de 13 a 29 de junho.

Essas festividades trazem reminiscências da arqueocivilização, referente aos povos celtas, gregos e romanos.

Os gregos e os romanos realizavam suas festas agrárias com grandes fogueiras, cânticos e danças, muitos comes e bebes.

Através de sua difusão chegaram a Portugal, de onde vieram para o Brasil no século XVI, já adaptadas aos costumes cristãos com alguns vestígios pagãos.

Possuem um importante aspecto folclórico, embora venham ao longo do tempo sofrendo algumas distorções.

Nas grandes cidades, foram desligadas de seu caráter religioso e adquiriram o de sátira de costumes sociais, onde os participantes se fantasiam de *caipiras* para participarem de uma *feira na roça*.

Entretanto, nas pequenas cidades do interior do Brasil, elas ainda conservam suas características tradicionais, mescladas ao regionalismo de cada estado.

Nessas cidades, as festas são realizadas em homenagem aos santos nas datas marcadas pela Igreja católica, quer seja, no dia 13 celebra-se Santo Antônio, no dia 24 celebra-se São João e no dia 29 celebra-se São Pedro.

São realizadas procissões, terços e missas dedicados ao respectivo santo daquele dia, com a participação de grande parte da comunidade, após o que, faz-se o levantamento do mastro com a bandeira do santo, com queima de fogos, muitos *vivas* e a fogueira acesa.

Grandes variedades de comidas e bebidas típicas são servidas, acompanhadas de muita música e forró, em espaço enfeitado com bandeirinhas coloridas e outros adereços pertinentes.

Brincadeiras, presságios, sortilégios relacionados a amor e casamento e *simpatias* passam pelos jovens, principalmente pelas moças que não têm namorado.

A festa segue noite adentro, se prolongando ao dia seguinte, se for final de semana.

Não se pode deixar de mencionar também as festividades do Natal, em que se comemora o nascimento de Jesus Cristo.

Existem muitas incertezas sobre o motivo pelo qual a festa do natal é celebrada em 25 de dezembro.

O novo testamento não relata essa festa, podendo-se concluir que os cristãos não festejavam o natal desde o início da era cristã.

Consta que o Natal passou a ser celebrado em Roma nesta data a partir do ano 336 d.C. com a instituição da Igreja Romana e acolhido como festa cristã oficialmente nesse dia, em substituição à festa romana em honra ao deus Sol.

Porém, muitos costumes do Natal têm origem nas festas pagãs da Antiguidade.

As fogueiras do Natal nos países escandinavos foram originadas nos costumes pagãos em honra ao deus Sol.

As guirlandas e as velas também vêm das celebrações pagãs. A árvore de Natal era um hábito das tribos pagãs celtas e teutônicas que honravam as árvores sempre-vivas, por serem as únicas plantas que resistiam ao rigoroso inverno do norte europeu.

Algumas vertentes creditam ao reformador Martinho Lutero, o início do uso das árvores.

No século XIII São Francisco de Assis introduziu o presépio na tradição natalina. A figura do Papai Noel tem origem em São Nicolau, bispo que viveu na Ásia Menor no século IV d.C.

Segundo a lenda, presenteava os meninos pobres nessa data, sendo que as demais regiões acolheram e adicionaram o costume de presentear pessoas queridas nessa data.

Sejam quais forem as dúvidas a respeito da presente festa, o fato é que representa uma data comemorada por todos os cristãos.

Inicia-se, ainda hoje, com os rituais religiosos em homenagem ao Menino Jesus, após o que, têm lugar os eventos com as comemorações festivas que unem famílias e amigos em torno de mesas fartas e reporta à comunhão humana e à sociabilidade fraterna.

A festa norte-americana denominada *Halloween*, que a cada dia ganha mais adeptos no Brasil é realizada no dia 31 de outubro.

O simbolismo desta celebração da Antiguidade está relacionado aos povos celtas. Para eles, a data marcava a passagem de ano, as mudanças de clima e as colheitas fartas.

Acreditavam que os espíritos dos mortos voltavam nesta noite (a passagem do dia 31 para o dia 1º), para comemorar junto com os vivos.

Como era uma celebração pagã, a Igreja Católica instituiu o Dia de Todos os Santos no lugar do dia das Bruxas.

Para o povo americano, a festa representa ocasião reservada a grandes brincadeiras e travessuras, com todos os convidados vestidos a caráter.

A casa é sempre decorada com a famosa abóbora-lanterna e a mesa é farta de muitos doces.

O Ritual na Fantasia e na Festividade

Segundo Cox (1974) “o ritual propicia a forma e a ocasião para a expressão da fantasia” (p. 75).

Ele estabelece o contato com as fontes de fantasia e criatividade através dos gestos, cantos, danças e movimentos rituais.

Através do ritual, os sonhos, as alegrias e as esperanças, as glórias bem como as tristezas e as frustrações de uma pessoa ou uma coletividade são reveladas numa linguagem diferenciada e eloqüente.

Por exemplo, os rituais festivos de um casamento, ou solenes de um funeral, dos cultos religiosos, das formaturas, dos jogos olímpicos, da copa do mundo de futebol, geralmente falam e transmitem suas mensagens através dos gestos, sons e símbolos.

Estes dizem mais aos espectadores do que palavras, por sua grande força comunicativa.

O homem primitivo expressava suas alegrias, medos e aspirações por meio de gestos, saltos e gritos cadenciados.

Esses impulsos evoluíram para atos planejados, mas ainda hoje, até que uma ação ou gesto adquira sentido social, visto e apreciado por terceiros, permanece no estágio infra-humano.

Se uma sociedade deseja expressar seus sentimentos, o ritual é utilizado em sua dimensão social, coletiva.

Se o homem quer passar adiante suas experiências, o ritual deve ter uma dimensão histórica.

Até para expressar seus próprios sentimentos, o indivíduo necessita do ritual, ou seja, o ritual é a “fantasia corporalizada” (COX, 1974, p.78).

Por sua importante simbologia, o ritual corre o risco de ser negativamente ideológico.

Um exemplo deles são os rituais nazistas, idealizados por Hitler, “um tipo doentio de ordem a uma sociedade desorganizada” (COX, 1974, p.75).

Os rituais ideológicos estabelecidos por ditadores, neuróticos ou falsos profetas, em geral demonstram uma falsa ordem das coisas.

Nesses casos, a esperança e a alegria são sacrificadas em prol de uma postura espúria e calcificada.

As escolas, empresas e famílias ainda hoje utilizam formas rituais outrora necessárias, apenas para continuar a manter a ordem e a obediência a uma liderança.

Até o ritual de orar à mesa de refeições, pode servir apenas para estabelecer o silêncio das pessoas mais jovens.

Entretanto, apenas por ser ideológico, o ritual não precisa necessariamente ser repressivo ou neurótico.

Ele pode conter simbologias e movimentos libertadores. Os símbolos e mitos de um ritual podem ser utilizados para libertar um homem e não para reprimi-lo.

O ritual libertador proporciona uma estrutura em que a liberdade e a fantasia podem expressar-se à vontade.

Como exemplo, pode-se mencionar a destruição de símbolos de governos tiranos odiados pelo povo, ou, ao contrário, os gestos de aclamação e apoio a um ídolo querido.

O universo dos eventos utiliza largamente o forte poder comunicativo dos rituais, suas simbologias oferecem grande facilidade de aglutinação e proporcionam retorno imediato por parte dos participantes.

CAPÍTULO 6

O EVENTO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO

Este capítulo e a hipótese subjacente são, também, corolários dos anteriores.

O evento é uma forma de introduzir uma nova discussão num dado meio, de mobilizar a opinião de grupos e segmentos sociais, é um instrumento de ação política, vale dizer, um meio de comunicação, por sua capacidade de sensibilização e, inquestionavelmente, por sua peculiaridade de captar, miscigenar e transmitir os mais diversos tipos de linguagens, em todos os níveis sociais.

Para tanto, serão tomados como base para o presente estudo, os autores: BOORSTIN (1992) e CAMARGO (2002).

Todo o evento, independentemente de sua tipologia, contém entre outras, a função principal de coletar e transmitir mensagens.

A influência dele como instrumento estratégico da comunicação, torna-o um elo facilitador e um importante meio de informação e inserção social, em diferentes estéticas e linguagens.

Além das propriedades acima citadas, existe um outro elemento, poderia se dizer uma força, que perpassa todo o evento e transcende suas peripécias, estando estreitamente ligada ao processo de comunicação.

Esta força atua por meio da linguagem simbólica, a qual permite que a mensagem emitida pelo participante de um evento possa, muitas vezes, ser a sua própria presença.

A onipresença que o evento projeta à imagem, bem como a multiplicação dela é consumida coletivamente aqui e agora, permitindo captar a mensagem e não a sua representação.

Além disso, essa capacidade imaginal e comunicativa objetiva que seu foco de atuação esteja na comunicação de fatos novos, influenciando fortemente os campos social, econômico e político, propiciando discussões novas na sociedade.

O evento só se legitima ao oferecer uma problemática nova, por exemplo, um recente processo comunicacional entre diferentes povos.

Os congressos geralmente são realizados quando existe uma novidade a ser transmitida ou um novo problema a ser discutido.

Sem esta atuação decisiva, a existência do evento seria dispensável pois, bastariam as vias diplomáticas de comunicação aliadas às tecnologias usuais.

No entanto, sua realização se justifica na medida em que ele comunica algo mais, além do próprio evento em si.

A presença de políticos eminentes em eventos, dentro de seus países ou em visita a outras nações, geralmente comunica as suas intenções de estabelecer ou reforçar relações de parceria com o país visitado ou recebido em visita.

Por outro lado, a ausência deles costuma muitas vezes sinalizar seu desagrado em relação ao anfitrião ou a um participante de peso.

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por exemplo, tem mostrado ao mundo sua intenção de alargar as relações diplomáticas e o comércio exterior com demais países em desenvolvimento.

Para tanto, está investindo em viagens a estes países e lá participando de eventos cuja finalidade é comunicar suas pretensões não apenas por meio de discursos, mas, principalmente pela sua presença, ou seja, sua imagem refletindo e reforçando suas palavras.

Como já foi dito várias vezes neste trabalho, o evento sempre fez parte da vida humana, desde as suas formas mais rudimentares na Antiguidade.

Entretanto, as grandes mudanças ocorridas no último século, como a revolução do tempo livre, a revolução sexual, a revolução tecnológica e a revolução do lazer transformaram-no em um fenômeno atual de abrangência universal.

Fortemente presente nas estruturas profissionais, educacionais, religiosas, políticas e de lazer e entretenimento ele é importante vetor, fomentador, difusor e transformador social.

O paradigma que outrora norteou o ideal racional e individualista, hoje está se redirecionando para uma orientação existencial voltada à imagem, à estética e à sociabilidade.

Esse novo *modus vivendis* vem se difundindo nos grandes centros urbanos e também nos periféricos, em função da atual facilidade dos meios de comunicação, onde se encontra fortemente inserida a ação do evento.

Os Processos Comunicacionais do Evento

Um dos segmentos do evento mais conhecido pelas pessoas é o de lazer e de festividades.

Desde a Antiguidade já eram realizados através das festas agrárias, por ocasião dos plantios e das colheitas.

Além dos rituais religiosos, havia também a presença da festa, da comemoração coletiva, ocasião em que as pessoas se encontravam para festejar, conversar e trocar informações, narrando as suas notícias e se informando dos novos fatos ocorridos na comunidade.

Na realidade, os eventos aconteciam sempre que novos acontecimentos eclodiam ou estavam prestes a acontecer e necessitavam ser apresentados aos cidadãos.

Na Idade Média, esses eventos tomaram formas novas com o advento do cristianismo, eram mais revestidos de seriedade e pudor, porém os motivos que impeliam à sua realização, permaneceram os mesmos.

Com a revolução industrial, os eventos festivos foram secularizados e a partir de então, eles adquiriram uma crescente dicotomia entre a festa de caráter privado, familiar e a de caráter público instituído pelas autoridades, nacionais ou locais, com rituais normatizados e hierarquizados.

No decorrer do tempo, muitos desses eventos caíram no gosto popular e foram folclorizados.

No caso dos eventos religiosos, alguns se dividiram em dois momentos, os sagrados, dedicados propriamente ao culto religioso e os profanos, consagrados ao lazer. Com os eventos populares ocorreu uma curiosa inversão.

A grande popularidade de alguns deles acabou por atrair a atenção e o interesse dos políticos, dos religiosos e também de setores profissionais e terminaram por serem institucionalizados, como é o caso das escolas de samba.

Os processos comunicacionais que ocorrem nos eventos festivos são muitos e os mais variados, visto que abarcam planejamento e preparação.

Tais requisitos sempre requerem a participação de um grupo volumoso de profissionais e colaboradores e durante a realização, mesmo os de caráter espontâneo, envolvem muitas pessoas na prestação de serviços, assim como os próprios convidados.

Estes, como antigamente, comparecem não só para festejar, mas, também para verem e serem vistos, reafirmando a condição de amigos do anfitrião e merecedores de suas deferências.

No desenrolar do evento, muitos fatos inusitados podem ocorrer, como novos contatos, negócios, parcerias profissionais e políticas e até mesmo namoros e posteriores casamentos.

Esses processos abrangem desde a comunicação interpessoal direta e indireta, a comunicação grupal, até a comunicação de massas.

As linguagens comunicacionais utilizadas são as mais diversas, como a verbal, a escrita, a gestual, a sonora, a visual, a icônica, a simbólica e principalmente a linguagem ritualística.

Todas elas são códigos reveladores das relações de respeito e reverência de natureza social, econômica e religiosa, entre os anfitriões e seus convidados.

Todos os recursos empregados emitem importantes mensagens e revelam os sentimentos e as condições do grupo, da comunidade, dos anfitriões e dos participantes.

São evidenciadas as condições sociais, financeiras, emocionais e do manancial existente e utilizado da região.

Utilizando a folia-de-reis como exemplo de um evento festivo-religioso, percebe-se o que se acabou de formular, inclusive a ocupação dos espaços cênicos e demais elementos que guardam sua própria significação dentro de cada cultura.

Os elementos de um evento são mutáveis e cada um é único, embora possa ser uma recorrência de realizações anteriores, que lhe possibilite manter uma identidade de natureza, de objetivos e de nome.

Portanto, os processos de comunicação podem variar muito de um para outro.

Especialmente se forem espontâneos ou folclóricos e passarem pela institucionalização por interesses religiosos, políticos ou econômicos, passam de eventos comunitários para grandes eventos da cultura de massas.

Estes possuem um processo de comunicação de massas, embora mantenham peculiaridades da comunicação interpessoal e grupal.

Tendo em vista a rápida evolução que os eventos de massas vêm alcançando nas últimas décadas, julga-se necessário discorrer um pouco a respeito do processo de comunicação de massas que neles ocorre.

Estes meios de comunicação, ou seja, a mídia, possuem grande capacidade de influência sobre a sociedade.

Por este motivo é ela, a mídia, conhecida desde o século passado como o “*quarto poder*”, ao lado dos poderes executivo, legislativo e judiciário (CAMARGO, 2002, p.100).

É muitas vezes temida porquê demonstra uma força articuladora quase incontrolável, pela abrangência e agilidade com que invade as vidas das pessoas indistintamente.

Um fato que a torna objeto de temor é a *ditadura branca* entrevista no exercício deste poder ao manipular consciências, “criando tendências e modismos e banalizando a cultura”, assim como as ocorrências do cotidiano humano (CAMARGO, 2002, p.101).

Um noticiário é capaz de narrar episódios macabros de guerra e em seguida falar tranqüilamente da meteorologia ou de um acontecimento social.

Camargo (2002) relata que ampla pesquisa realizada nos E.U.A. na década de 40, demonstrou que as pessoas apresentam permeabilidade relativa ao poder invasivo da notícia que só consegue eficácia por meio dos líderes de opinião de uma nação ou comunidade.

No entanto, o seu processo de invasão incessante a torna presença constante no dia a dia das pessoas, por meio de todos os instrumentos existentes à sua disposição.

É fundamental enxergá-la como o veículo que, se traz efeitos negativos, também oferece muitos benefícios a toda a sociedade .

Faz-se indispensável, portanto, conviver sabiamente com ela, a fim de neutralizar sua força de penetração e persuasão e aproveitar suas benesses.

A mídia brasileira ocupa hoje espaço respeitável no *ranking* mundial, em face de sua rápida evolução e alavancagem, que lhe “possibilitaram tornar-se exportadora de produtos para inúmeros países” (CAMARGO, 2002, p.103).

Em sua diversidade os eventos, de caráter comercial como as feiras e as exposições, os científicos como os simpósios médicos e hospitalares, os artísticos como os shows de música, de dança, teatrais, humorísticos, etc, os políticos como os comícios, os esportivos como as Olimpíadas, e de tantos outros segmentos, utilizam os mesmos meios de linguagem e comunicação já mencionados.

Entretanto, as abordagens e iconografias são as específicas aos objetivos inerentes às suas respectivas áreas.

Todas as pessoas envolvidas no evento são ganhadoras pois, agregam novos dividendos ao seu universo cotidiano.

Nos eventos científicos da área médica, por exemplo, a comunicação central está baseada geralmente em comunicar e dar conhecimento das descobertas dos médicos-cientistas, ocorridas através das suas pesquisas laboratoriais e de campo, que ensejam palestras, aulas e debates com os profissionais presentes do segmento médico pesquisado.

Podem prolongar-se por alguns dias e costumam findar com pareceres conclusivos que podem levar a outros estudos e pesquisas.

O resultado, a médio e longo prazo, é que o mundo poderá usufruir dos objetos desse evento, através de novos remédios ou equipamentos mais eficazes.

Os pesquisadores passam a gozar de reconhecimento, credibilidade e fama em seu meio e os demais participantes agregam à sua bagagem profissional novos conhecimentos e experiências.

No entanto, novamente aqui se encontra o poder de comunicação indireta do evento.

Os grandes laboratórios geralmente são os patrocinadores destes eventos, em face de seus claros interesses em obter a concessão para a fabricação de produtos e equipamentos novos e porquê a classe médica lhes proporciona propaganda indireta.

O diálogo simbólico estabelecido através da ostentação de *banners* e *folders* destes laboratórios no local do evento e a presença de alguns de seus diretores na abertura ou encerramento ratificam sua marca bem como sua força econômica e tecnológica e comunicam ao público as suas aspirações.

O mesmo ocorre em eventos de demais áreas, cuja finalidade é sempre mostrar, dar conhecimento de e difundir os resultados de estudos, pesquisas e confecção de novos bens e produtos que possam agregar melhorias para o mundo e sua atual civilização.

Quando o poder público ou empresarial tenta se apoderar de eventos populares, espontâneos ou folclóricos, a fim de convertê-los em grandes eventos de massa, ocorre a redução dos elementos comunicacionais lúdicos, as brincadeiras se profissionalizam e os aspectos visuais se acentuam.

Isto acontece em detrimento da criatividade espontânea, visando a sua transformação em espetáculo.

Esse fenômeno vem ocorrendo significativamente no Brasil, com a transformação das festas populares brasileiras em eventos de massa, uma resultante da urbanização e da massificação da cultura.

As quermesses populares, por exemplo, eram realizadas em pequenas cidades com a finalidade de auxiliar o caixa da paróquia, onde a comunidade doava prendas (frango assado, bolos e doces caseiros) que eram leiloadas na festa.

Hoje se transformaram em grandes eventos institucionalizados, realizados pelas prefeituras, escolas ou clubes das cidades de todos os portes.

Pode-se mencionar como comparativo, a quermesse junina realizada pela Portuguesa de Desportos no Estádio do Canindé na cidade de São Paulo.

Naquela instituição, todos os alimentos e bebidas são preparados em larga escala e vendidos a milhares de pessoas que lá comparecem durante todo o período da festa.

Pode-se concluir, portanto, que o processo comunicacional do evento é imensurável, posto que traz em seu bojo, muitas transformações para o ser humano.

Elas podem ser positivas e alavancadoras da sua evolução ou venham, talvez, trazer-lhe questionamentos e experiências inusitadas e caóticas.

O Evento Gastronômico e seu Poder Comunicativo

Na área da gastronomia, o sociólogo francês Michel Maffesoli escreve um artigo iniciando sua narrativa da seguinte forma:

“Fala-se de comer como um modo de enfrentar a morte, mas ele passa, antes, pelo confronto com os outros” (2002 a, p. 131).

Nesse caso, a mesa posta, a refeição e os seus participantes, familiares ou convidados, participam da encenação de um espetáculo, que enfrenta a morte com a ludicidade, a qual é utilizada ou absorvida no confronto, no embate existente entre anfitriões e seus convidados.

Segundo o autor, o segmento social em que mais se percebe a encenação deste espetáculo culinário é o religioso e por sua vez conclui-se que os eventos festivo-religiosos são a régia demonstração do fato.

Desde a Antiguidade, a tradição dos diversos mistérios religiosos, sempre mostrou a importância do ritual culinário na religião.

“Os ritos religiosos (pagãos ou cristãos), locais ou folclóricos, passam sempre por disputas gastronômicas” (MAFFESOLI, 2002 a, p. 131).

As famílias das aldeias ou cidades européias ainda hoje disputam a primazia em eventos religiosos, parcialmente gastronômicos, nas festas em homenagens aos seus santos padroeiros.

Na América Latina, esse combate social também acontece entre as diversas ordens religiosas nos dias festivos.

A superioridade espiritual de cada ordem está ligada à alta qualidade de sua culinária.

O embate empreendido pelas famílias e comunidades, no sentido de demonstrar a sua superioridade por meio da qualidade gastronômica, representa uma curiosa forma de comunicação simbólica.

Aí, os contendores dialogam mutuamente e também com os demais participantes, através de imagens e ícones personificados pelos pratos, em que o ganhador está emitindo a mensagem final de superioridade e receberá em resposta, admiração e aceitação.

No Século XIX, o banquete passou a ocupar importante espaço e papel também na política.

Na sociedade pós-moderna, ele parece indicar uma “imperiosa necessidade de reencontrar uma sociabilidade básica através da troca, que simboliza uma das estruturas comunicacionais da sociedade” (MAFFESOLI, 2002 a, p.135).

Neste contexto, o espaço gastronômico é um verdadeiro palco, onde a *peça teatral* vale pelo valor de seus atores, ou seja, cozinheiros e anfitriões.

Maffesoli ressalta que essa encenação provocativa faz lembrar a todos que “o que se chama sociedade, é uma ordem fundada na diferença” (MAFFESOLI, 2002 a, p.132) visto que a relação e a harmonia social manifestam-se no conflito.

Sendo a refeição um ato fundamentalmente social, é também conflituoso e comunicativo.

Este conflito é demonstrado com o que acontece à mesa, pois a refeição leva à comunicação, embora essa se consolide conflituosamente.

Através dos utensílios, das conversas, dos ritos e do próprio serviço, se cria simultaneamente a aproximação e o distanciamento.

Apesar de estarem sentados juntos, a diferença e a hierarquia dos comensais são comunicadas.

No entanto, a refeição também é uma amostragem impressionante de sociabilidade, pois à medida que se desenrola, não obstante o confronto, afirma-se o encontro e a unidade, que ocultam momentaneamente os desníveis e as imposições sociais.

Os rituais gastronômicos, como as rodadas de aperitivos e drinks, as conversas entre os presentes e outros diferentes costumes inerentes a uma comunidade social, não são apenas objetos de consumo ou práticas sem relevância.

Eles constituem sim, um elemento funcional de uma estrutura de comunicação.

O espetáculo teatralizado, simbolizado pelas relações de vizinhança demonstra constantemente a harmonia conflitual da comunicação. Ela pode ser claramente percebida nas ocasiões de encontros gastronômicos.

É uma sociabilidade dinâmica, pois nunca é um diálogo linear e enfadonho, pelo contrário, é sempre um gostoso confronto.

Ao mesmo tempo em que esses encontros podem representar momentos de solidificação de laços fraternos, também podem fazer eclodir as mais tenazes discórdias.

Em torno da mesa, “é possível se amar ou se ultrajar” (MAFFESOLI, 2002 a, p.133), pois ela é o trono do deus Dionísio, que rege, pelos efeitos do vinho, a desordem e a discórdia, sempre a sombra que permanece atrás do prazer e da harmonia.

Essa ambigüidade simboliza a luta coletiva constante da vida contra a morte; a mesa de refeição expõe essa luta, e através dos rituais e da teatralidade, tenta neutralizar os dois pólos opostos.

Essa luta pela união dos contrários se estende aos demais aspectos da vida social cotidiana e à própria ordenação cósmica, propiciando o processo de comunicação.

Sem o alimento e a mesa, não existe o comércio social e a troca e, inexistindo esses, a comunicação torna-se impossível.

Pela condição imprescindível e factual do processo de alimentação, também o processo comunicativo é perene, jamais se esgota, pois que ambos nunca são conquistados para sempre.

“É nesta perspectiva que convém compreender a importância do teatro e a função do ritual dos modos à mesa, pois, lembrando que o ser humano funciona sobre o efêmero, ele dá início à palavra, ao amor e à comunicação” (MAFFESOLI, 2002 a, p.135).

Prolongando esse pensamento, é divertido observar que a mais louca paixão submete-se a um complicado ritual de conquista e comunicação.

Neste caso, a refeição representa um ato preliminar desse ritual em nível simbólico, posto que suas principais atrações estão centradas em sua aparência e sabor.

Todos os componentes de uma refeição, como as comidas, as bebidas, os gestos, as palavras, a etiqueta, o ritual compõem um importante processo comunicacional.

A comunicação representa uma estrutura constituída de elementos interdependentes, que transcendem o próprio ato, pois não é unicamente verbal.

É um sistema total que se reporta a uma “poética globalizante que remete à magia, à religião (re-ligare) e ao cosmo” (MAFFESOLI, 2002 a, p.136).

É neste sentido também, que o ato de comer sempre esteve ligado ao erotismo e ao investimento sexual.

A forte carga erótica presente no comer e no beber, “faz deles a mediação ritual por excelência para que se enfrente coletivamente a angústia do tempo que passa” (MAFFESOLI, 2002 a, p.136).

O Pseudo-evento e o Processo de Comunicação

O historiador americano Daniel Boorstin escreveu em seu livro *The Image: A Guide to Pseudo-Events in América* (New York, USA: Vintage Books, 1992) que a América está vivendo a "Idade da invenção".

Segundo ele, a fábrica de ilusões se transformou em uma poderosa força dominante, estando, principalmente a vida pública, transformada em fabricante e realizadora de *pseudo-eventos*.

Estes encenam um roteiro fundado em acontecimentos reais, com personagens também inspirados em seres humanos verdadeiros, mas o seu processo de comunicação não é real.

Segundo Boorstin (1992), esse processo teve início a partir do século XVIII.

A revolução industrial desencadeou em seu bojo a revolução gráfica, com o surgimento de novas técnicas de produção e reprodução, como a imprensa, o rádio, as imagens da televisão, dos filmes, dos vídeos, da fotografia.

A partir daí, a revolução tecnológica alcançou picos sem precedentes, cujos resultados o mundo atual usufrui, com a comunicação de massas, cada vez mais ágil e abrangente.

Esses avanços tornaram possíveis os já mencionados pseudo-eventos, que trabalham com o planejamento e a construção das também pseudo-imagens, engendradas e destorcidas da realidade dos fatos.

São, porém, mais chamativas e atraentes em função de terem sido construídas com o foco direcionado justamente para o objetivo de chamar a atenção do público e impressioná-lo pela sua vividez e poder de persuasão.

Os pseudo-eventos sobrepujam os eventos construídos a partir de fatos espontâneos e apresentam uma poderosa força dramática de envolvimento.

Esta é uma situação em que o público-alvo acredita estar sendo informado de fatos reais, quando na verdade, está sendo manipulado e direcionado para a verdade que interessa às forças dominantes, no caso, as mensageiras das supostas revelações.

Esse processo leva à também pseudocomunicação entre as pessoas, as comunidades e até entre as nações.

Assim como existem os pseudo-eventos, também existem as personalidades forjadas, que em geral são representadas pelas celebridades.

Elas encenam um papel que não mantém qualquer relação com as suas realidades vividas, sejam elas subjacentes ou externas à sua vida pública.

A celebridade é construída a partir de um planejamento minucioso, forjado em algum personagem pré-escolhido, com o objetivo de promover alguém e elevá-lo ao posto de personalidade famosa.

A fama pode ser fabricada, à semelhança de um alto edifício construído dentro dos melhores padrões.

Ocorre, entretanto, que o fato de uma mulher ou um homem se tornar famoso não significa ser uma grande pessoa.

Ocorrerá então, uma farsa desconcertante, uma celebridade que nunca será um herói, posto que esse se distingue pelas suas realizações e o outro é um produto criado pela mídia, um grande nome, uma grande marca.

Boorstin (1992) adverte para a vulgarização da cultura de massa e seu conseqüente método de comunicação enganosa.

A América, segundo ele, vem sendo assediada pela ameaça da irrealidade, que está se infiltrando na sociedade, substituindo a autenticidade pela invenção.

Em conseqüência, “está perdendo o contato não meramente com a realidade, mas com os ideais que sempre fortaleceram a nação” (BOORSTIN, 1992, p.46).

Na presente idade da invenção, esses ideais estão sendo substituídos por imagens superficiais, como se vê atualmente: a ilusão política, os falsos políticos e as celebridades são as verdades mais significativas e poderosas da América atual e integram todo o processo comunicacional com a nação e com o mundo.

A imagem substitui os ideais na coleta e na forma de disseminação dos fatos.

Boorstin (1992) exemplifica, citando as conferências de imprensa, os escapes da mídia, o jornalismo artificioso que manipula as fontes até que estas cheguem à notícia, na forma como a deseja ou entende que deve ser.

Os eventos são planejados e narrados como lhe convém e não como aconteceram ou o são realmente.

Acontece, então, a emissão de mensagens baseadas em imagens fictícias e pseudoverdades, convenientemente forjadas.

O exemplo da preparação de um debate político pela televisão entre candidatos é bastante elucidativo destes fatos.

O roteiro é planejado minuciosamente para oferecer suspense, com perguntas e respostas programadas como se fossem espontâneas.

Pelo alto custo de planejamento, logicamente devem existir grandes interesses econômicos envolvidos que o subsidiam e os participantes são selecionados pelo seu poder de

serem notícia de forte interesse público, com mensagens significativas para o telespectador, para que o investimento pague o custo e ofereça retorno positivo.

Toda a linguagem comunicativa é minuciosamente planejada, desde o visual dos debatedores, o cenário, a música e demais símbolos que permitam oferecer ao espectador o impacto que o evento deve proporcionar.

Esta montagem enseja a força dramática de o evento ser visto e acreditado, inclusive, apresentado repetidas vezes, pois a repetição da imagem fortalece a crença e a credibilidade da mensagem emitida.

O horário deve atender às conveniências do público-alvo, a fim de atingir o maior índice possível de audiência.

Toda a sofisticação de planejamento visa transmitir ao público a crença de *estar informado dos fatos correntes*, pois o conteúdo deve ser inteligível e os nomes dos participantes já devem ter sido exaustivamente difundidos previamente.

Estes pseudo-eventos visam tomar totalmente o tempo livre do espectador, pois proliferam em velocidade assombrosa e, de um evento surgem outros, ininterruptamente.

A questão mais relevante desta situação é que necessita ser destacada é que nem sempre somente os organizadores destes eventos os produzem à revelia do público alvo.

Isto pode ser exemplificado com o turismo.

Este representa um segmento que oferece a busca de aventura como um passaporte a outra realidade, em cenários e situações artificiais e paradisíacas.

O objetivo é satisfazer o desejo do turista de assistir a *cenas externas de um filme*, assim como de sua vida real.

Por esses fatores, ele também participa, o que pode ser mostrado pela forte evolução deste segmento na era da invenção.

Antigamente, viajar era um processo trabalhoso, que envolvia uma grande série de preparativos e trazia muitas dificuldades e surpresas nem sempre as mais agradáveis.

As viagens eram efetuadas em sua grande maioria a trabalho, eventualmente o viajante aproveitava o tempo livre que excedia aos compromissos profissionais.

Atualmente, o turista viaja através de *pacotes*, que são roteiros prontos, pré-planejados pela agência de turismo e incluem toda uma lista de conveniências e confortos.

O turista viaja pela curiosidade em conhecer novos povos e modos de vida, descansar e curtir momentos de lazer e prazer.

Esses, entretanto, são os pseudo-eventos turísticos, pois o viajante deixa de ter contato com o natural e o real, viaja com *segurança* e visita *ilhas de fantasias*, museus, que são uma realidade fora da realidade.

São atrações criadas apenas para o consumo do visitante e, as pessoas com quem ele mantém contato são profissionais treinados para satisfazer à sua transitória fantasia.

Como consequência, a comunicação opera-se em nível fictício, traduzindo imagens de uma cultura utópica.

Enfim, o termo *pseudo*, significa imitação, cópia, ou seja, a *sombra* se tornando a substância, como um filme que narra de forma restritiva e limitada, a realidade.

Boorstin assegura que hoje a sociedade americana vive ilhada em um mundo de imagens e utopias que não traduzem a realidade mundial.

Conclusão

Este trabalho teve o intuito de fornecer à área de eventos, um diferencial do já bastante estudado setor operacional, visto a precariedade de apoio bibliográfico normalmente oferecido e já indicado na introdução, pelo conhecimento apenas da gestão do fenômeno.

O tema sempre exerce grande fascínio pela sua força comunicativa e empreendedora, pois apesar de ser uma atividade tão antiga é toda nova em suas práticas recentes.

A escassez de literatura existente a respeito, demonstra que a preocupação principal dos estudiosos e autores de livros da área, diga-se de passagem, muito bem justificada, tem sido a de indicar caminhos que levem os organizadores a realizações de eventos, que realmente ultrapassem as expectativas e necessidades dos participantes.

Por exemplo, no que concerne à hospitalidade e ao ato de bem receber e deslumbrar, se pode dizer que representam rituais vetores, que devem envolver e iniciar o participante no processo de verdadeira catarse a que se propõe o acontecimento.

Em um ambiente idealmente receptivo, o participante torna-se apto a captar e auto-introjetar as mensagens que lhe serão emitidas, metabolizando-as e identificando-as com o seu estilo de vida, necessidades e fantasias.

Existe na literatura especializada, uma grande quantidade de exemplos de eventos organizados com o objetivo único de transformar a opinião pública negativa sobre determinado produto.

Nestes casos, os exemplos demonstram que a sofisticação do processo organizacional, no sentido de mudar o foco de visão do público alvo sobre o produto, foi tão detalhadamente planejado e direcionado a ponto de que, o que era antes considerado um *mico*, inusitadamente *revelou-se* ao espectador, como um deslumbrante e sonhado objeto de primeira necessidade do qual ele não pode prescindir.

Como pode se observar, esta percepção da força transformadora do evento está intrinsecamente presente no intuitivo mental dos seus organizadores, enquanto penetra *despercebidamente* nos usuários.

O que ocorre, entretanto, nos meio estudiosos, é que existe uma necessidade, uma urgência, uma premência muito sôfrega dos escritores em indicar os caminhos operacionais para a obtenção desse *misterioso poder* que constitui as dimensões do evento, que na verdade são muitas.

Tal poder é conhecido intuitivamente pelos estudiosos e criadores de eventos, porém, os mecanismos que geram e propulsionam esta força deixam de ser estudados e dissecados.

É mister e urgente que se o faça, a fim de se chegar ao âmago do seu significado, difundindo-o junto aos necessitados deste *saber*.

Os estudos acadêmicos em níveis mais avançados se ressentem desta precariedade de fontes de pesquisas, na busca de uma compreensão mais profunda das conseqüências e transformações que o evento causa à sociedade desde sempre.

É, porém, com impetuosidade maior neste novo mundo tão informado e até mesmo atropelado pelas incessantes descobertas científicas e que, neste entrante milênio ainda se encontra em processo de profunda transformação comportamental pós-modernista.

Em face do imediatismo que rege a vida contemporânea, as causas e efeitos que os eventos provocam nas pessoas e que refletem e espelham a própria sociedade, são quase instantâneas e produzem efeitos imediatos no cotidiano e na sociabilidade humana, influenciando ainda mais profundamente, a médio e longo prazo.

Os capítulos deste trabalho tiveram a intenção de abordar alguns aspectos desse processo psicológico, emocional e social a que estão sujeitos tanto os organizadores quanto os participantes de eventos.

O capítulo *o evento como contraponto do cotidiano*, mostrou como o ser humano, desde a antiguidade, busca associar-se e formar grupos, com o intuito de celebrar e comemorar os acontecimentos relevantes da sua comunidade.

O objetivo principal, contudo, é fugir do cotidiano e da realidade medíocre a que eram e ainda são submetidas as pessoas, até os dias atuais.

Isto acontece em todos os níveis profissionais e sociais e mesmo após a evolução dos costumes ocorrida em função da chegada do cristianismo, da posterior reforma protestante, da expansão comercial, da chegada da alfabetização, da revolução industrial e da tecnológica.

Nessas ocasiões, ele pratica a socialidade, o estar-junto com seu semelhante, podendo partilhar os fatos de sua vida, bons ou ruins, receber um retorno em forma de cumprimentos, conselhos e a contrapartida do outro que lhe participa também os seus ocorridos, seus sentimentos e aspirações.

Esta troca lhe oferece uma oxigenação mental e espiritual e lhe dá energias para a labuta do dia a dia o que, em nível geral, sempre propiciou à sociedade se renovar e buscar a perenização.

O foco da narrativa na festa do carnaval destinou-se a destacar a forma como o homem busca preencher esses períodos destinados à folgança e à recreação.

Ele possui a ânsia de extravasar e *exorcizar* a sua dura rotina, os recalques emocionais e comportamentais a que era e ainda é submetido, por imposição dos deuses na Antiguidade, do clero e da monarquia na era medieval, e hoje pelo ritmo alucinante a que se vê submetido.

Estes fatos transformam o homem em um barril de pólvora pronto para explodir, com comportamento irascível que beira a revolta.

Na Idade Média, a percepção desse estado de ânimo coletivo levava os próprios impositores ou seus designados a autorizar e fomentar ocasiões de eventos festivos, que propiciassem ao povo esgotar a amargura e a raiva represadas.

A festa proporcionava a inverção de todos os valores, crenças e submissões do dia a dia, bem como permitia cometer todos os excessos que eram vetados normalmente, como a excessiva ingestão de comidas e bebidas e a prática desenfreada de sexo.

As festas agrárias antigas e as festas religiosas medievais originaram o carnaval, nascido gradativamente da miscigenação dessas.

Este período festivo é considerado desde então, o melhor para a expulsão transitória de todas as ignomínias sociais a que o homem sempre foi sujeito ao longo de sua evolução.

A era industrial inicialmente onerou e escravizou sobremaneira o homem, transformando-o em um trabalhador compulsivo.

Só após muitos anos de luta, lhe trouxe o restabelecimento gradativo de horas livres destinadas ao descanso e lazer, facultando-lhe o poder de voltar a usufruir momentos diferenciados, que lhe permitissem arejar o espírito e a mente.

Não obstante todas as transformações ocorridas ao longo dos tempos, atualmente se percebe no ser humano a mesma necessidade e a sofreguidão que ele não esconde, de burlar a sua rotina diária.

Neste contexto, o evento continua cada dia mais, a afirmar sua força como contraponto do cotidiano, inclusive nos chamados eventos profissionais, onde os novos contatos e conhecimentos, as informações e experiências inusitadas que o homem recebe e vivencia, ampliam o seu universo e o mobilizam a buscar novas dimensões da vida.

O capítulo, *o evento como produto secularizado da festa tradicional*, focou as transformações ocorridas a partir do final da Idade Média, com a reforma protestante

deslocando o eixo dos eventos religiosos e festas populares, anteriormente organizados dentro do templo e depois à sua sombra.

Como já foi mencionado no capítulo anterior, a expansão comercial e a revolução gráfica ocorridas nos passos da reforma clerical projetaram um novo formato à sociedade.

As críticas que os protestantes faziam à Igreja Católica, acusando-a de praticar bruxarias e encantamentos, fizeram com que esta se afastasse do comando dos festejos populares.

Um dos motivos, é que nestes, muitos excessos eram cometidos pelo povo sob a complacência da Igreja e essa postura urgia ser transformada.

Para tanto, os padres necessitavam se tornarem mais circunspetos e distantes do povo.

Tais fatos, aliados à crescente insatisfação dos fiéis, pela constante demanda de doações para a Igreja e da extorsão da corte na cobrança de altos impostos, fizeram com que as pessoas gradativamente fossem adotando posturas mais racionais e controladas, menos místicas e crédulas, mais judiciosas e voltadas aos seus próprios interesses.

Esses acontecimentos deram início ao processo de secularização, em que o homem se colocou no centro do seu universo, tornando-se mais dono de si mesmo e de suas decisões.

Os cidadãos que possuíam seus negócios próprios se voltaram para a organização dos eventos, assim como outras instituições também o fizeram, contando com a participação da comunidade.

Os empresários eram contra as festas populares, por terem interesses comerciais e financeiros em sua exploração e a partir daí, iniciaram o fomento de eventos mais organizados, em espaços reservados a espetáculos destinados ao público pagante.

As instituições de ensino, que proliferavam nessa época, assumiram o ônus da responsabilidade para a realização dos demais tipos de festejos, cívicos e populares, que se transformaram em eventos de cunho folclórico.

Apesar de tantas e tão drásticas reformas, os eventos continuaram a proliferar e a representar um contraponto para o cotidiano, só que agora, como sugere o título do capítulo, na forma de produtos secularizados das festas populares.

Nas grandes cidades, passaram a ser promovidos em teatros, casas de shows, clubes noturnos, restaurantes e mais recentemente em danceterias, shopping centers, bares, grandes espaços reservados a mega-eventos.

Os eventos populares, inclusive o carnaval, conseguiram manter algumas de suas características nas pequenas cidades, onde as comunidades participam mais ativamente e as populações reduzidas apresentam maior capacidade de união e motivação coletiva.

Seguindo para o próximo capítulo, que foca a dimensão do *evento como religião*, no sentido de uma *re-ligação*, de um retorno ao passado, foram mostrados os efeitos do movimento pós-modernista, em que uma nova estruturação social está em marcha.

Este movimento está permitindo o renascimento do *tribalismo*, ou o *neo-tribalismo*, onde o político, o econômico, o racional, enfim o indivíduo senhor de sua vida, na verdade, o ser solitário e infeliz em constante luta para atingir portentosos ideais futuros, vem dando espaço para o redescobrimto de um ser humano que busca a socialização.

Os seus ideais objetivam usufruir o momento presente, partilhá-lo com seus pares, em experiências que reportam ao cotidiano.

O *neo-tribalista* não possui anseios apoteóticos e ideais longínquos; para ele, a sociedade não é constituída unicamente por essa coisa materialista do espaço ocupado pelas pessoas ou do que elas se servem.

Ela constitui-se principalmente, pelos conceitos que faz de si mesma, voltada para os sentimentos, as emoções, as imagens e os símbolos de uma consciência coletiva.

Viver estas experiências compartilhadas do cotidiano, que se exprimem na maioria das vezes através de imagens banais, conduz indiscutivelmente à *re-união* por este homem almejada.

O sociólogo Maffesoli (2002 b), afirma que isso indica o redirecionamento do eixo que rege a sociedade, de uma ordem mecanicista para o outro extremo, a ordem orgânica, onde o domínio da imagem, da sensibilidade coletiva e da intuição está indicando uma “sacralização das relações sociais”, ausente de qualquer conteúdo doutrinário. (p. 107).

O papel do evento neste novo contexto social é de suma relevância, visto ser ele o agente que propicia e fomenta a proxemia desejada, facilitando a eclosão e a disseminação de tais sentimentos.

Através dos encontros e reuniões, os grupos de *iguais* estão em busca de vivenciar momentos de prazer e experimentar emoções coletivamente.

Os eventos de rock exemplificaram muito bem esse capítulo, pois neles, todos os símbolos e imagens que reportam à referida sacralização social, estão cuidadosamente presentes.

Eles induzem à identificação das mais diversas *tribos* ali presentes, seja nos astros escolhidos para fazerem os shows, na sinalização, na ambientação, na iluminação, na forma de comunicação e em todos os espaços destinados a apoios, como lanchonetes, cervejarias.

As diversas imagens que modelam as *tribos*, como os *punks*, os *rappers*, os mauricinhos, os motoqueiros, os *workaholics*, etc, servem de fator de agregação.

Segundo Maffesoli, também têm uma “função mitológica”, na medida em que induzem a uma aura de mistério, ou seja, unifica os *iniciados* entre si (1995, p. 35).

Neste sentido, a linguagem também é um importante símbolo de identificação, pois, serve de senha de reconhecimento assim como os trajes, os cortes de cabelos, etc.

Todos estes componentes vão formar um *estilo*, um *gênero tribal*, que permitem ao indivíduo, quando fora de seu território (bairro, escola, academia) agregar-se a grupos que partilham a mesma estética.

Novamente, os eventos cumprem o papel de facilitadores do processo de identificação e comunicação.

Os espaços demarcados ou designados para a realização de um evento religioso evangélico, por exemplo, jamais se confundem com outros.

As pessoas ali presentes têm estilos diferenciados que, no exemplo dado, podem ser: os cabelos compridos, a ausência de maquiagem nas mulheres, os vestidos abaixo dos joelhos, os homens portando ternos de cortes e cores discretas, com cabelos cortados de formas tradicionais.

Aquele espaço significa a *praia* de uma determinada *tribo*, e o diferente que ali adentrar, correrá o risco de se sentir expulso.

Enfim, cada aspecto importante relacionado à *religião* que liga e unifica as *tribos*, com certeza também estará se identificando com a presença e a força do evento como a *casa* que acolhe os tribalistas, oferece-lhes hospitalidade, dentro de um ambiente ideal para aquele *ritual de re-ligação*, de *religião*, que virá reforçar os laços ideológicos e emocionais entre os ali presentes.

A seguir, o capítulo *o evento como droga*, sem dúvida é o mais polêmico e instigante deste ensaio, já que praticamente ninguém se atreve a analisar mais detidamente os mecanismos que ativam tais acontecimentos.

Acontece que aí se trata de trabalhar com elementos que residem nas entranhas, no âmago humano e, nem sempre se encontram palavras que reproduzam adequadamente os sentimentos latentes dessa dimensão.

Os autores Huxley (1973) e Hilmann (1993), souberam explorar com maestria esse estranho universo, demonstrando com palavras claras o que muitos não se atrevem a pensar e

conseguiram desvendar como poucos, questões que atestaram a força e o poder que regem o evento.

Através dos vários exemplos fornecidos, foi explanado o mecanismo utilizado pelo indivíduo na busca de um *eu* que transcenda a sua existência cotidiana e corriqueira.

O ser humano possui o desejo intenso e muitas vezes inconsciente de ultrapassar o seu ser ilhado em uma existência anódina, em uma realidade que não o satisfaz por ser limitada e não ter a capacidade para lhe responder questões básicas como *quem eu sou?*, *de onde eu vim?*, *para onde eu vou?*

Estas perguntas lhe são respondidas através de conjecturas, visto que só pode acreditar nelas através da fé, porquê nunca foram vivenciadas em seu cotidiano, nunca foram vistas por sua visão comum e os seus demais sentidos conseguem captar apenas impressões e sensações rápidas e esporádicas.

Então, ele sente interiormente uma frustração e angústias inenarráveis e sai na procura frenética do outro *eu* muitas vezes se deparando com experiências lamentavelmente descendentes.

Adentra ao mundo das drogas, iniciando pelas mais leves como o tabaco e o álcool e vai explorando caminhos mais específicos como as ervas, a maconha, a cocaína, a heroína ou pela prática do sexo depravante, destituído de demais sentimentos que não os estritamente físicos.

Vale destacar que tais caminhos são muito antigos e desde que descobertos nunca deixaram de ser trilhados. por uma boa parte da humanidade.

Existem, entretanto, outras formas de autotranscendência.

O capítulo explanou o processo de alucinação horizontal (coletiva) que acontece nos eventos, principalmente nas grandes multidões aglomeradas em espaços pré-determinados.

Mostrou como os mega-shows de música pop, os grandes comícios políticos, os grandes cultos religiosos católicos, evangélicos, espíritas, etc, personificam eventos apropriados e direcionados, às vezes inconscientemente e outras muito conscientes, a produzir efeitos alucinantes na massa.

A proxemia e a semelhança de ideais ou fantasias provocam estados psico-emocionais tão acentuados nas pessoas que, induzidas ainda pelo ambiente e pelas performances que se desenrolam à sua frente, conseguem atingir um estado de paroxismo, alterando a consciência do eu cotidiano e adentrando em esferas mentais que lhes proporcionam experiências com outras faces de sua personalidade.

A outra vertente dos efeitos do evento, aqui narrada, foi a que acontece nos rituais religiosos, tanto de seitas cristãs como esotéricas ou espiritualistas.

Nesses eventos, os adeptos participam de cerimônias que utilizam os movimentos cadenciados, ritmados ao som de instrumentos e cânticos.

Tais ritos produzem um poderoso efeito entorpecente que se alastra pela multidão, produzindo também a alteração coletiva das consciências.

Algumas religiões primitivas utilizam a autoflagelação horizontal, onde os fiéis, entorpecidos pela dor física, entram em transe e efetuam rituais de automutilação, autocastração e até suicídios coletivos.

Foram dados vários exemplos e, entre as formas mais brandas e altruístas, foram citadas as missas, os cultos evangélicos.

Celebrados para multidões aglomeradas, proporcionam, por meio do efeito psico-emocional, estados alterados de consciência nos participantes, que provocam, segundo os exemplos narrados, muitos *milagres* e curas.

O capítulo terminou com a consideração dos exemplos trabalhados por Hilmann (1993), que ilustrou considerações e exemplos dos fatos que acontecem nos eventos esportivos, notadamente nos jogos de futebol.

Ele utiliza a figura arquetípica do deus grego Marte, senhor das batalhas e Vênus, deusa do amor, para explicar os atos de violência coletiva nos estádios, praticados pelos torcedores *tomados* por Marte e Vênus, em diversos momentos de uma partida de futebol.

O capítulo escrito com base na obra do teólogo inglês Harvey Cox (1974), *o evento como investimento de festividade e imaginação*, faz considerações a respeito da importância e do valor da festividade e da fantasia como elementos de ludicidade para o homem.

Eles necessitam estar presentes no cotidiano das pessoas, por as reportarem ao passado, ao futuro e ao princípio divino, cujas imagens garantem a saúde mental e espiritual dos humanos e a longevidade de toda uma civilização.

As festividades aí narradas, realizadas na Idade Média na Europa ocidentais, se traduziam em eventos religiosos populares com a participação e ou o apoio da Igreja Católica.

Esses ensejavam oportunidades de extravasamento das repressões religiosas e sociais impingidas ao povo e eram realizados com todas as formas de excessos possíveis de se praticar.

A ingestão excessiva de alimentos e bebidas eram comuns, era praticado muito sexo livre dos tabus vigentes na época, bem como atos de críticas sociais às autoridades da Igreja e do Estado e inversões nos mais variados matizes.

As principais festas eram o carnaval e a festa dos foliões, muito famosas pelas excentricidades cometidas.

Eram toleradas pelos poderes dominantes que até as apoiavam porquê viam nelas uma válvula de escape social ao repressivo regime medieval.

Com o fim da era medieval, os antigos eventos vestiram a roupagem de espetáculos formalizados e direcionados ao público pagante.

Os festejos espontâneos perderam seu vigor até serem quase esquecidos.

O homem ocidental, segundo o próprio Cox (1974), perdeu a capacidade de sonhar e dar asas ao seu imaginário, o que empobreceu muito o universo ocidental.

Percebe-se, no entanto, um movimento ainda incipiente de retorno aos antigos costumes de celebrar e festejar, brincar e fantasiar.

É um rumor ainda fugidio, porém, muito auspicioso para a civilização atual, pois oferece a chance de devolver ao homem ocidental, a antiga verve crítica e energia mental.

É brincando e fantasiando que o indivíduo viaja pelo mundo do inconsciente e traz descobertas maravilhosas que enriquecem o universo humano.

Ao fantasiar, o homem abre as portas da imaginação e amplia sua inteligência emocional, que passam a funcionar em velocidade vertiginosa e intensamente criativa.

A narrativa dos eventos festivos existentes desde o início dos tempos, demonstra novamente a presença constante do mesmo em todas as épocas.

Embora se tenha tomado autores ocidentais para formar a base de todos os capítulos, a literatura abundante narra que nas demais partes do mundo, os eventos nunca deixaram de estar presentes no dia a dia do homem oriental ao longo de toda a sua existência.

É no oriente que se encontram as origens dos eventos festivos, mais precisamente na mitologia egípcia, segundo vários estudiosos.

Embora os povos orientais apresentem outros costumes religiosos, festivos, políticos e demais, o mundo da arte também é pródigo em demonstrar o rico universo imaginário bem como a riqueza dos eventos de todas as tipologias realizados naquela parte do mundo.

Outro importante instrumento de ludicidade para o imaginário humano é aquele presente nos rituais que integram os vários tipos de eventos, inclusive os de caráter festivo.

Segundo Cox (1974), o rito é a expressão da fantasia e do sonho e pode ser tanto repressivo como libertador porquê é emblemático de experiências ancestrais, que norteiam e sinalizam os passos da humanidade em sua eterna jornada cósmica.

Foram dados vários exemplos de festividades populares, como os eventos brasileiros destinados a homenagear o Divino Espírito Santo, o nascimento de Jesus e os três reis magos nas Folias de Reis, bem como os santos mais populares do Brasil integrantes do ciclo junino, Santo Antônio, São João e São Pedro.

Em termos de eventos tradicionais nas demais partes do mundo, foram citadas as tradições do Natal e da festa do Halloween, que atualmente também é festejada no Brasil.

O último capítulo, *o evento como meio de comunicação*, enfoca o poder do evento de transcender a si mesmo, ao trabalhar com a comunicação indireta, através das linguagens dos símbolos e da imagem.

Foi abordada também a questão dos efeitos da comunicação e dos eventos de massas, que invadem e manipulam as vidas das pessoas, trazendo-lhes consequências negativas mas, também, muitos benefícios à sociedade, desde que se consiga neutralizar os efeitos indesejáveis e aproveitar os positivos.

Foram fornecidos vários exemplos de eventos cuja força comunicacional reside nas imagens e nos ícones.

Tratou-se do processo de comunicação que ocorre nos eventos gastronômicos, sendo a mesa de refeições o principal ponto, por meio dos ritos, dos modos à mesa, dos aromas, dos sabores e do visual.

Estes elementos proporcionam uma harmonia conflitual entre convidados e anfitriões e dissimulam o temor do homem frente ao tempo que escoar e que inevitavelmente lhe trará o fim.

Para finalizar, discorreu-se a respeito dos pseudo-eventos, organizados e planejados para apresentar fatos forjados em acontecimentos reais, porém não verdadeiros.

Daniel Boorstin (1992) discorre sobre a era de ilusões que a América está vivendo, em que valores e ideais tradicionais da nação foram postos de lado em prol do culto às celebridades, que na realidade são personagens fabricados, também forjados em personalidades reais, com a finalidade de levá-los à fama.

Eles atuam nos pseudo-eventos, onde o público é manipulado e levado a se *sentir informado*, porém apenas de ilusões que não traduzem a verdade dos fatos, mas sim o que os seus organizadores desejam impor como verdade.

São as pseudo-comunicações dos não eventos.

Como pôde ser observado, os instrumentos que alavancam o evento nos seus aspectos subjetivos, antecedem à sua organização e planejamento e estão baseados nos efeitos psico-emocionais e nas conseqüências que daí redundarão ao homem e à sociedade.

Espera-se ter sido observado também ao longo da explanação, que as diferentes dimensões teóricas do evento se entrelaçam, pois são interdependentes, o produto de uma é a alavanca da outra, que redundam em motivador de outra e, assim sucessivamente.

A formação desta verdadeira espiral conduz a um processo dinâmico que gera importantes metamorfoses resultando, ao final, em todo de grande substância e poder de penetração nos costumes dos povos em todos os tempos.

Estas conclusões geram as observações seguintes: os profissionais envolvidos na área, sejam em níveis acadêmico, institucional ou empresarial, são detentores de grande poder e responsabilidade de transmitir e fazer girar esta alavanca afirmativamente, posto que, indubitavelmente ela impactará e gerará questionamentos e mudanças posturais nos participantes.

A mensagem por ela transmitida interfere no processo lúdico e psico-emocional do indivíduo, alterando suas fantasias e o induzindo a ampliar a visão e a percepção de si próprio e do mundo.

Desperta-o para novas aspirações e necessidades que se tornam hábitos e costumes e influenciam o todo.

Tal poder impactante do evento independe de sua tipologia, pois ele se adapta a quaisquer objetivos propostos, adere e *molda* uma nova forma de indivíduo e de sociedade que pode ser verdadeira e positiva ou forjada e negativa.

Neste particular, a sociedade pode ser comparada a um palco, onde o evento é o elemento que dá vida, formata, lapida a estória e seus atores, desperta-os e movimenta forças latentes que jazem em seus interiores, com aquele toque mágico que os impulsionará.

Este toque mágico e infalível é o evento.

Mediante as conclusões expostas, a autora autoriza-se a comentar que as pesquisas neste campo necessitam ir muito além, no sentido de dar continuidade ao trabalho ora iniciado, que se revelou um instrumento diferencial dos estudos realizados até esta data no segmento dos eventos.

A expansão das pesquisas, ora proposta, com certeza consubstanciará a literatura especializada, contribuindo para a ampliação do entendimento humano sobre a magnitude do universo ora adentrado.

Resta saudar os esforços que tantos profissionais desenvolvem hoje no sentido de religar os eventos às bases culturais dos povos.

Em nome da identidade cultural e da sustentabilidade, pode-se prenciar que o sonho do Barão de Coubertin de tirar o evento esportivo da égide manipuladora do mercado hoje encontra um ambiente mais propício para se afirmar neste mundo globalizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Judy. **Event Planning** – The Ultimate guide to Successful meetings, Corporate Events, Conferences, Conventions, Incentives and Other Special Events. Ontario-Canada: John Wiley & Sons Canada Ltd, 2000.

ANDRADE, Renato Brenol. **Manual de eventos**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1999.

ARAÚJO, Hiram. **Carnaval** – Seis milênios de história. Rio de Janeiro: Gryphus, 2 ed. 2003.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**. Introdução a uma Antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BOORSTIN, Daniel. **The image: a guide to pseudo-events in America**. New York: Vintage Books, 1987.

BURKE, Peter. **A Cultura Popular na Idade Moderna – Europa, 1500-1800**. São Paulo: Schwarcz, 1989.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 2002.

CAMPOS, Luiz Cláudio; WYSE, Nely; ARAÚJO, Maria Luiza. **Eventos: oportunidades de novos negócios**. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.

CANTON, Antonia Marisa. **Eventos** – ferramenta de sustentação para as organizações do Terceiro Setor. São Paulo: Roca, 2002.

_____. **Eventos**. In: ANSARAH, Marília G. dos Reis (Org.). **Turismo, como aprender, como ensinar**. 2ed. São Paulo, SENAC, 2001.

CESCA, Cleuza Gertrude Gimenes. **Organização de eventos** – Manual para planejamento e execução. 3ed. São Paulo: Summus, 1997.

COX, Harvey. **A festa dos foliões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

DA MATTA, Roberto. **O carnaval como rito de passagem**. In: DA MATTA, Roberto. *Ensaio em Antropologia estrutural*. 2ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 2001.

DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade** – Reflexões e Perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 17ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda et al. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 11ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1971?]. Não paginado.
- GIACOMO, Cristina. **Tudo acaba em festa**. 2ed. São Paulo: Edições Sociais, 1997.
- HEERS, Jacques. **Festa de Loucos e Carnavais**. Lisboa – Portugal: Publicações Dom Quixote, 1987.
- HILMANN, James. **A Cidade e a alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- HUXLEY, Aldous. **Demônios da loucura**. 2ed. Rio de Janeiro: Americana, 1973.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. **Mesa, espaço de comunicação**. In: DIAS, Célia M.de Moraes. *Hospitalidade*. Reflexões e perspectivas. Barueri, SP: Manole, 2002 (a).
- _____. **O tempo das tribos**. 3ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002 (b).
- MALOUF, Lena. **Behind the scenes at special events – flowers, props and design**. New York, U.S.A.: John Wiley & Sons, 1999.
- MATIAS, Marlene. **Organização de eventos: procedimentos e técnicas**. Barueri, SP: Manole, 2001.
- MEIRELLES, Gilda Fleury. **Tudo sobre eventos**. São Paulo: STS, 1999.
- MELO NETO, Francisco Paulo. **Marketing em Eventos**. 2ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.
- _____. **Criatividade em eventos**. São Paulo: Contexto, 2000.
- MITCHELL, Reid. **Significando: Carnaval Afro-Creole em New Orleans no Século XIX e início do XX**. In: CUNHA, Maria C.P. (Org.). *Carnavais e outras Frestas*. Ensaios de história social da cultura. Campinas-SP: Ed.Unicamp, 2002.
- QUEIROZ DE, Maria Isaura Pereira. **Carnaval Brasileiro**. O vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- RIBEIRO, Josiane. **A festa popular, lugar da transgressão**. [online]. Disponível na Internet: <www.contraacorrente.hpg.ig.com.br>. Acesso em: 6jan.2003.
- SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Atica, 1986.
- TENAN, Ilka Paulete Svissero. – **Eventos**. São Paulo: Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica, 2002. (Coleção ABC do Turismo)
- VELOSO, José Dirceu. **Organização de eventos e solenidades**. Goiânia, AB Editora, 2001.

WALKER, John R. **Introdução à Hospitalidade**. 2 ed. Barueri, SP: Manole, 2002.

<www.google.com.br>. Acesso em: 28abr. 2004.

<www.google.com.br>. Acesso em: 27abr. 2004.

<<http://us-israel.org/isource/Holocaust>>. Acesso em: 23abr. 2004.

<<http://www.NelSons.com.br>>. Acesso em: 12maio2004.

<<http://www.igrejauniversal.org.br/ler.asp>>. Acesso em: 26maio2004.

<<http://www.transparencynow.com.t>>. Acesso em: 2jun. 2004.

<<http://rockinrio-lisboa.sapo.pt/nc08.html?lng=pt>>. Acesso em: 11jun. 2004.

<<http://jobonline.terra.com.br/papel/brasil>>. Acesso em: 11jun. 2004.

<<http://jobonline.terra.com.br/destaques/rock3/rocknoticias-old.html>>. Acesso em: 11jun. 2004.

<<http://www.terra.com.br/planetanaweb/flash/transcendendo/outra-dimensao.html>>. Acesso em: 12jun. 2004.

<<http://www.cacp.org.br/santo%20daime.htm>>. Acesso em: 12jun. 2004.

<www.erowid.org/chemicals/ayahuasca/ayahuasca.shtml>. Acesso em: 12jun.2004.

<<http://www.uniaodovegetal.org.br/udv/udv.htm>>. Acesso em: 12jun.2004.

<<http://www.ifcs.ufrj.br/jornadas/papers/>>. Acesso em: 12jun. 2004.

<<http://www.mtg.org.br/quadro%20festas%20juninas.htm>>. Acesso em: 13jun. 2004.

<<http://www.brazilsite.com.br/folclores/folguedos/folg08.htm>>. Acesso em: 13jun. 2004.

<<http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/6ritos/foliareis.html>>. Acesso em: 13jun. 2004.

<<http://www.nea.ufsc.br/artigos-joi.php>>. Acesso em: 13jun.2004.

<<http://www.pirenopolis.tur.br/paginas/festaorigem.php>>. Acesso em: 13jun. 2004.

<<http://www.monitorcampista.com.br/idecoes/031031/colunas/mat3.htm>>. Acesso em: 17jun. 2004.

<<http://solascriptura-ttorg/Diversos/NatalVeioDoPaganismo-Helio.htm>>. Acesso em: 17. Jun.2004.

<http://geocities.yahoo.com.br/pomodernismo/artigos_historia_natal.htm>. Acesso em: 17jun.2004.

